

Jornal O CONFRADE

ÓRGÃO DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS



ABIM | REGISTRO Nº 083-J

ANO 6 – NÚMERO 20

MARÇO / ABRIL 2024

GOIÂNIA-GO

editorial

NOÇÕES DE PÚBLICO E PRIVADO: CONFLITOS ENTRE VÁRIOS DIÁLOGOS

O tema parece técnico, se nos apresenta como estritamente jurídico e profundamente arraigado aos meandros da ciência política. E não está errado quem assim inicialmente pensa.

Seja no curso de Direito, seja no de Ciências Sociais, esta noção é introduzida e, não poucas vezes, debatida para melhor entendimento, porque seja pelas razões da ciência política, seja pelas razões da ciência jurídica, ambas inarredavelmente entranhadas na vida de todos (mesmo daqueles eu proclamam não entenderem o direito nem gostarem de política).

E, por isto mesmo, e por muitas vezes serem desrespeitados os lindes entre um e outro, o diálogo entre as Instituições políticas ou jurídicas que representam o público e as instituições ou pessoas que representam o privado fica distorcido, prejudicado ou impossibilitado.

Limites são limites e existem para serem respeitados e este respeito é que permite o diálogo civilizado entre os representantes dos dois campos, destas duas áreas da convivência social.

Não se tem qualquer interesse em lavar aulas doutrinárias e técnicas, próprias dos juristas e dos politólogos. Mas não se pode ficar calado, quando a desinformação inocente ou dirigida ameaça e efetivamente leva a alguns desvios significativos de conduta, com resultados trevosos para a convivência social e a existência digna e desejável das instituições, dos grupos e das pessoas individualmente falando.

Por mais que queiramos nos distanciar dos teóricos, não podemos nos afastar da realidade e ela nos leva à criação da sociedade e do estado e às teorias naturalista (Filmer) e contratualista (Locke) e, mas recentemente, no contrato social, de Jean Jacques Rousseau. Este pedestal se faz necessário se faz necessário porque para entendermos o que é público e o que é privado é preciso contextualizar o indivíduo e as organizações privadas em face do ser e das organizações estatais, naturalmente públicas. Entre as teorias naturalista, que entende tudo ter vindo natural e organizado posto por Deus na própria natureza e portanto a sociedade também o é, a partir do núcleo familiar e a contratualista, que entende que os indivíduos resolveram estabelecer um pacto, um contrato para a constituição da

sociedade e depois do Estado, tem-se como mais simples e aceitável, hoje, mesmo entre os cristãos que defendem a tese do criacionismo, que as pessoas todas buscam a felicidade e que nem sempre esta pode ser atingida individualmente. Para o alcance de certos fins, úteis e necessários, é preciso que se unam forças, que se ajuntem vontades, que mutuamente se auxiliem, pessoas e grupos para alcançar tais objetivos. E esta ideia central, que está em Rousseau clareia muita coisa quando resume ser a constituição da sociedade e do estado um pacto de associação não de submissão, isto porque sociedade e estado são o que chamamos instituições pessoas, criadas e constituídas por estas e para o alcance dos objetivos destas, que individualmente o não poderiam fazer. O Estado, pois, tem que visar, prioritariamente, o bem de seus instituidores e não o seu próprio. Embora dispondo de mecanismos para sua preservação. É assim que as instituições públicas estão atreladas aos interesses públicos, gerais, do grupo e nunca especificadamente desta ou daquela pessoa que o integre. Exemplo clássico: a lei. É geral, é pública, não se destina a alguém, mas a toda a sociedade e a todos os integrantes desta que nela se enquadrem.

O bem público acaba por envolver o bem particular. O interesse geral acaba por abarcar também o interesse individual. Havendo compreensão deste princípio, o diálogo das instituições públicas com as instituições privadas se torna mais ameno e vai se diluindo aquela impressão de oposição entre um e outro, desde que cada qual se circunscreva aos limites de seus verdadeiros e apropriados interesses.

Instituições públicas devem se preocupar em proteger bens e interesses nitidamente públicos. E isto tem que ficar bem definido, sem sofismas. Quando instituições públicas, que tem finalidade de garantir interesses gerais ou do estado interferem em searas nitidamente particulares, o diálogo entre elas se deteriora, a instabilidade em todos os sentidos se instaura, o equilíbrio que mantém a sociedade é posto em risco e a existência do ser social e do ser individual fica na corda bamba... caminho certo para o descaminho.

Equipe editorial



ações na agml

ENCONTRO DO GRÃO-MESTRE
GERAL DO GOB COM MEMBROS
DA ACADEMIA GOIANA
MAÇÔNICA DE LETRAS

Na manhã de 23 de abril de 2024, o Soberano Irmão Ademir Cândido da Silva, Grão-Mestre Geral do Grande Oriente do Brasil, recepcionou, na sede do GOB em Brasília, comitiva da Academia Goiana Maçônica de Letras (AGML).





fala do presidente

QUEM SOMOS?

José Mariano Lopes Fonseca | Cadeira nº 06

Em tese estes sodalícios de letras maçônicas reúnem obreiros da Arte Real que se dedicam a escrita, a pesquisa e a arte em geral, irmanadas as potências maçônicas, no sentido de emprestar suas colaborações literárias e artísticas no incremento da educação e da cultura maçônica propriamente dita, com um programa de ação literária à altura intelectual de seus acadêmicos.

Além de procurar atuar como laboratório de pesquisa, na produção de produtos literários, tais como livros e revistas, além de promover palestras em ambientes maçônicos sobre as diversas facetas da cultura maçônica, bem como contribuir a partir da participação de seus acadêmicos, em foruns de debates, em seminários e congressos locais, estaduais e nacionais, promovidos por Potências Maçônicas

"Somos pedras brutas sendo lapidadas pelos golpes da vida, uns nos dão forma e outros nos dão brilho, mas todos agregam valor a nossa existência."



DIRETORIA – BIÊNIO 2022/2024



CADEIRA Nº 06

Presidente
José Mariano
L. Fonseca



CADEIRA Nº 21

Vice – Presidente
Adegmar José
Ferreira



CADEIRA Nº 24

1º Secretário
Isaias Costa Dias



CADEIRA Nº 37

2º Secretário
Hamilton Rios
de Araújo



CADEIRA Nº 33

1º Tesoureiro
Carlos A. B.
de Castro



CADEIRA Nº 32

2º Tesoureiro
Anestor Porfirio
da Silva



CADEIRA Nº 29

Diretora de
Patrimônio
Joás de Franca Barros



CADEIRA Nº 02

Diretoria Cultural
Anderson Lima
da Silveira



CADEIRA Nº 16

Diretor de Divulgação
João Batista
Fagundes



CADEIRA Nº 26

Bibliotecário
Aírton B. de Andrade



CADEIRA Nº 18

Orador
Absai Gomes Brito



CADEIRA Nº 04

Diretoria Jurídica
Breno Boss C. Caiado

CONSELHO FISCAL

Conselheiros Titulares



CADEIRA Nº 20

Gesmar José
Vieira



CADEIRA Nº 25

Paranyhya
Santana



CADEIRA Nº 14

Castro Filho



CADEIRA Nº 23

Genserico B.
de Siqueira



CADEIRA Nº 13

Getúlio Targino
Lima



CADEIRA Nº 15

Jefferson S.
de Carvalho



artigo

A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES HUMANAS NA MAÇONARIA

Michael Winetzki | Colaborador

Uma das razões do centenário sucesso da Maçonaria são as relações humanas entre seus membros.

O que significa a expressão “relações humanas”? Relações quer dizer: ações, atitudes, comportamentos e por humanas se entende: entre pessoas.

Isto quer dizer que “relações humanas” tem o sentido de pessoas que de alguma forma interagem, comunicam-se, cooperam entre si.

É importante notar que não existe uma maneira de viver totalmente isolada. O ser humano é gregário por natureza e durante a sua vida convive com muitas pessoas em muitos grupos diferentes, no lar, na escola, na igreja, no trabalho, no lazer e no nosso caso, na maçonaria.

Este relacionamento não é estático, mas dinâmico, porque geramos inputs (ações) e recebemos feed-backs (respostas) o tempo todo. Essas influências recíprocas são o caldo de cultura onde crescemos como indivíduos e onde vamos definir os nossos parâmetros de existência.

As pessoas diferenciam-se por muitos aspectos: idade, condições financeiras, cultura, escolaridade,

sexo, educação, trabalho e muitos outros mais, como se cada uma dessas características fosse um dos tijolos de uma construção. Ao recebermos a influência de cada uma delas, construímos a nossa própria personalidade, com os mesmos tijolinhos, mas o projeto de arquitetura é sempre único, exclusivo.

Estamos sempre envolvidos com grupos, desde o nosso grupo familiar até os companheiros de trabalho, os amigos e os irmãos maçons o que explica a importância das relações humanas. Você já parou para pensar que passa mais de um terço de sua vida no trabalho, as melhores horas, dos melhores anos de sua vida, trabalhando? Que você passa centenas de horas por ano em sua Loja e em eventos maçônicos, compartilhando com os seus irmãos e suas famílias em sessões, ágapes, estudos, reuniões de toda ordem e festividades

Se o ambiente não for algo que lhe agrade, se o seu grupo não lhe der satisfação, em resumo, se os seus relacionamentos não lhe proporcionarem uma qualidade de vida, apenas se colherá desencantos e frustrações.

Em qualquer atividade social, a qualidade das relações humanas é a chave para a obtenção de resultados

que possam satisfazer aos anseios de todos os envolvidos. Para isso é necessário construir em primeiro lugar um espírito de equipe, uma consciência de time, na qual todos os participantes joguem a favor dos objetivos das Lojas, da Potência, ou da Ordem ao invés de se desgastarem em conflitos internos, uns contra os outros. Infelizmente temos visto e vivido conflitos na maçonaria por excesso de vaidade ou de outros interesses.

Não existe trabalho mais ou menos importante quando fazemos parte de um grupo. Todos os seus membros são fundamentais para o sucesso. Nenhuma sessão por ser iniciada se todos os cargos previstos no ritual estiverem ocupados, de Guarda do Templo a Secretário, de Diáconos a Orador. É isso que o simpático texto de meu livro “Falando e convencendo, um manual de oratória e persuasão”, postado a seguir, nos ensina.

A txcla sxm importância

Apxsar dx minha maquina dx xscrxvrx srx um modxlo antigo funciona bxm, com xxcxção dx uma única txcla. Há 42 teclas que funcionam bxm, mxnos xsta uma, x issofaz uma grandx difrxnça.

Txmos dx txr o cuidado para qux o nosso grupo não sxja como xssa maquina dxxscrxvrx, x para qux todos os sxus mxmbros trabalhxm como dxvxm.

Ninguxm txm o dirxto de pxnsar: “Afinal, xu sou apxnas uma pxssoa x sxm dúvida não fará difrxnça nxhuma para o grupo”.

Comprxxdxmos qux, para um grupo podxr progrxdir xficixntxmntx, prxcisa da participação ativa dx todos os sxus mxmbros.

Sxmprx qux vocx pxnsar qux não prxcisam dx vocx, lxmbrx-sx da vxlha máquina de xxcrxvrx x diga a si próprio: “Eu sou uma das txclas importantxs dx nossas atividadx, x os mxus sxrvixos são muito nxxcxsários



crônica

QUE VERGONHA DOS VIZINHOS, DARBERTO!!

Antônio Leite | Colaborador

Formosa Vila de São José, cujo nome de batismo era Vila Formosa de São José e Dolores de Alfenas, é uma aprazível freguesia encaixada em meio às montanhas do Sul de Minas, lugar onde, por coincidência, nasci e vivi a infância e a juventude. Sempre foi um lugarejo pacato, acolhedor e também, onde as pessoas, sempre solidárias, especialmente nos momentos extremos, como é a boa tradição entre os mineiros, se ajudam, celebram os nascimentos e amparam a derradeira despedida.

Num desses anos perdidos do século passado, estávamos, avós, tias, primos e netos, em casa de minha avó materna, Maria tLuíza, que para os parentes e amigos mais próximos era D. Lica, à mesa do café da tarde, numa reunião que hoje parece não apenas longe, mas impossível, quando chega Hermantina Carvalho, comadre Hermantina, ou simplesmente, Sá Hermantina, visita sempre agradável e de boa prosa.

Arranjada mais uma cadeira, eram “apenas” oito delas à mesa da copa, senta-se Sá Hermantina junto aos demais comensais e principalmente, ouvintes. A conversa inicia com os assuntos de sempre. Está tudo bem? Como vão os demais netos, Lica? Tem ido à roça (lá fazenda é roça)? Em dado momento, o assunto se encaminha para a famosa “horta de couve”. Esse item essencial na alimentação dos mineiros dá nome a qualquer pedaço de terra onde se plantem hortaliças de

qualquer espécie, mesmo que não haja sequer um único pé de couve.

Conversa vai, conversa vem, algum presente menciona que plantar tomates em uma horta de couve é tarefa quase impossível, pois as pragas não deixam o dito cujo prosperar e quando vai adiante, não produz frutos de boa qualidade. Incontinenti, Sá Hermantina levanta objeção. Silêncio absoluto e todos os olhos voltados para a face alva, lábios finos e de cabelos curtos e absolutamente brancos, óculos quadrados, sem qualquer espécie de maquiagem e um par de delicados brincos redondos, que mesmo não sendo jóias, emprestam àquela senhora, um ar de nobreza, cuja história de vida, de lutas e perdas, não deixa transparecer.

Lica, você se lembra da Julieta (não basta dizer o nome da pessoa, é imprescindível citar a mãe, o pai e algum dos avós ou o marido, para não ficarem dúvidas quanto à genealogia) da Mariana, do Orestes, do Quinzinho Pereira? Ela e o marido, o Adalberto, que no Sul de Minas vai ser é Darberto, pois o “A” será submetido à regra do encurtamento e o pobre do “L” não tem vez no meio das palavras, pois sempre vira “R” de brusa, Gonçarves, exprico e por aí vai.

Feitas as “explicações”, vamos ao fato, contado com a imparcialidade e a isenção que tal circunstância merece. Julieta e Darberto, eram arrendatários de uma pequena porção de terra, talvez um hectare, lá pras bandas da Conferência Vicentina, às margens de um pequeno ribeirão, do

qual tiravam água para uma plantação de hortaliças, que era o sustentáculo do casal de idosos. Os tomates da Julieta eram famosos na cidade, por serem grandes e de ótima qualidade.

Mas, é sempre existe um “mas”! Naquela casa, a Julieta saía cedinho para cuidar da horta e o Darberto, que se dizia acometido por doença grave, passava o dia todo protegido do sol, do calor, e principalmente do trabalho, regidamente deitado numa rede no alpendre da modesta residência, que era cercada pelos demais viventes daquela parte da cidade conhecida pelas pequenas chácaras, próximas umas das outras.

Sempre que a Julieta queixava-se do excesso de trabalho e da pouca ou nenhuma ajuda do marido, ele, por coincidência ou não, tinha surtos de piora e via a morte aproximando-se, não a passos lentos, mas num cavalo preto que vinha a galope. Era um Deus nos acuda.

Segue a Sá Hermantina contando que o Darberto, quase morrendo, conseguia gritar alto para a mulher. Julieta, chama os vizinhos que eu estou morrendo!

E lá ia a Julieta, aos prantos, chamando a vizinhança para a despedida do marido enfermo e nas últimas. Casa cheia, todos, naquele espírito solidário, próprio da gente humilde, reuniam-se, contritos, à volta do moribundo Darberto, aguardando o desenlace de uma vida marcada desde que o conheciam, pela doença que obrigava a pobre da mulher a trabalhar de sol a sol todos os dias.

Delegado Litúrgico
e Membro Efetivo do Supremo
Conselho do Brasil do Grau 33
para o Rito Escocês Antigo e Aceito

Passados uns bons minutos, suficientes para que surgisse uma garrafa de café e uns pães de queijo, miraculosamente o Darberto começava a dar sinais de melhora. Aos poucos, na mesma velocidade com que chegava, o cavalo negro da Dama da Foice, ia-se embora, permitindo não apenas a completa recuperação do enfermo e frustrando as testemunhas da travessia que, apesar de iminente, não acontecera. Alguns, a maioria, lamentando haver deixado seus afazeres, voltavam cabisbaixos para suas casas.

Como a doença era grave, mas não tão grave assim, ver por outra o Darberto tinha uma morredeira e vinha o apelo de sempre, cada vez mais angustiado e sempre com a premência da morte inescapável à espreita.

Julieta, chama os vizinhos que eu estou morrendo!

E de novo, nada do Darberto morrer, voltando todos para suas casas. Cena essa que se repetiu por muitas outras vezes, e sempre com o mesmo final. O morrediço Darberto recupera-se, lépido e fagueiro, para descrença dos vizinhos que, novamente, voltam para suas tarefas, sem testemunharem o suspiro final do enfermo.

Certa feita, lá pelas tantas, grita de novo o agonizante Darberto: Julieta, chama os vizinhos que eu estou morrendo! E a Julieta, tomando-se de coragem e vestida de realidade, vira para o marido e diz: Darberto, eu não vou chamar não! Toda vez eu chamo e você não morre e eu fico com numa vergonha dos vizinhos!!



saúde & psicologia

SOMOS TODOS VISITANTES DESTE LUGAR

Lindonor Ribeiro dos Santos | Colaborador

Somos todos visitantes deste tempo, deste lugar. Estamos só de passagem. Nosso objetivo é observar, aprender, crescer e amar... E depois vamos para casa.

Somos apenas visitantes desse planeta. Não adianta se apegar às coisas, vamos voltar de malas vazias. Vivemos numa época onde o indivíduo, ou ser humano vale pelo que tem ou que pelo que possui.

Isso é um desafio para todos nós reverter esse entendimento atual e próprio dos seres humanos. Não existe pessoa

mais valiosa do que a outra e sim posições que ocupam temporalmente na sociedade. O que importa mesmo é o valor que se dá às pessoas humanas.

Quando viemos nesse mundo não trazemos absolutamente nada conosco, nem roupas, tudo é emprestado e quando retornamos também nada levamos, nem roupas, nada de material, seremos conduzidos e não saberemos por quem.

É certo dizer e afirmar que as pessoas que se apegam às coisas materiais nesse

mundo, quando partem para a pátria espiritual com certeza irá sofrer e muito, pois deparará em outra vida onde as coisas materiais não terão valor algum e muito menos terá acesso, contudo o sofrimento desses espíritos será automaticamente sentindo por todos. Procure perseverar incansavelmente resistindo às investidas do mal, pois tentarão impor um fim ao seu propósito.

Avance com fé inabalável, nada deterá o seu firme trajeto, grandes oportunidades se abrirão, em uma fase repleta de reflexões. O seu caminho se expandirá em mudanças audaciosas, trazendo possibilidades.

Liberte-se dos seus medos, pois na crença reside o poder e uma nova vida se aproximará e tudo dependerá das suas ações terrenas. Forte não é quem pensa que por ser uma pessoa rica e ou poderosa nessa vida pode tudo e se esquece que a vida é bem passageira.

Se estudarmos bem o Livro da Lei, lá encontraremos respostas para tudo em nossa existência, deixe o interesse religioso de lado, pense em você mesmo, no Livro da Lei você terá todas as respostas para mudar a sua resistência em permanecer no erro, pensando que após a morte nada acontecerá e será apenas um sono profundo e tudo será esquecido. Relembre que a vida é um presente de Deus e cada momento é uma nova oportunidade de ser feliz aqui e em nossa volta à casa da Pátria espiritual. Reflita sobre o passado com gratidão, o presente com sabedoria e o futuro com esperança. A vida é uma jornada incrível e tem sido um prazer compartilhar dela.

Ainda é tempo de refletir sobre tudo e todas as coisas desse mundo, olhar para dentro de si, entender que tudo é passageiro e que nada vamos levar para a Pátria espiritual, além de nossas ações e comportamentos. Busque estudar com afinco, sempre é tempo para mudar.



artigo

CULTURA E CULTURAS: TEORIA E ELEMENTOS DE CULTURA MAÇÔNICA

Gesmar José Vieira | Cadeira nº 20

Na língua portuguesa o termo cultura teve sua terminologia a partir da palavra colo, que no latim significou “morar ou cultivar”, considerados valores de importância fundamental na formação da sociedade, e assim, também nos aspectos moral e intelectual das pessoas, em especial quanto ao relacionamento humano.

Do ponto de vista filosófico a cultura, pode ser entendida como algo direcionado à geração de conhecimento e ao exercício do pensamento, cuja contribuição tem sido compartilhada pela sociedade ou grupos de indivíduos, com destaque para os valores, crenças, comportamentos, símbolos, modos de se expressar, e inclusive objetos materiais. Isto é, pode tratar-se de produção artística ou modo de vida, conjunto de saberes, religião ou mesmo aspectos de expressões comuns à sociedade humana.

O conceito de cultura é muito amplo. Para os autores (Koter & Heskett, 1994, p.4) o American Heritage Dictionary: define cultura como “a totalidade de padrões de comportamento, artes, crenças, instituições e todos os outros produtos do trabalho e do pensamento humanos característicos de uma comunidade ou população, transmitidos socialmente”. Por “transmitidos socialmente”, podemos entender que passamos de uma geração a outra.

Os autores (Koter & Heskett, 1994, p.4), que a cultura organizacional deve ser observada em dois níveis: valores compartilhados, que se referem a interesses e metas (valores) compartilhados pela maioria dos participantes de grupos que tendem a moldar o comportamento do grupo e que, com frequência, persistem com o tempo, mesmo quando mudam os membros do grupo; e normas de comportamento do grupo, nível em que a cultura representa os padrões de comportamento ou o estilo de uma organização que os empregados, de forma automática, incentivam os novos colegas a seguir, recompensando os que se adaptam e punindo os que não o fazem.

O primeiro nível é considerado invisível e de difícil mudança, o segundo nível é visível e mais fácil de mudar. Cada nível de cultura tem uma tendência natural de influenciar o outro, porém não se pode confundir cultura com estratégia, ambas, juntamente com a missão e visão, fazem parte dos fatores de comportamento das organizações, e devem estar sintonizadas com as suas necessidades.

Cultura organizacional, termo no singular, não pode ser entendida como que a organização possui apenas uma cultura, porém entende-se que no seu conjunto conta com culturas múltiplas e em cada setor podem ser encontradas sub culturas múltiplas e conflitantes. Citando (Schein, 1992, p. 5), entende-se que na sociedade empresarial de forma específica, as empresas tem cultura porque as condições necessárias para sua criação são comuns.

A cultura é formada a partir do sucesso alcançado em algum projeto, seja empresarial ou pessoal, no qual houve a participação de um grupo social. Significa que as medidas adotadas e que propiciaram sucesso na solução de um problema tendem a tornar-se parte dela, e quanto mais tempo as soluções parecerem funcionar. Ideias ou soluções que infundem em uma cultura podem ter origem em um indivíduo, em um grupo, na parte inferior ou na parte superior do ambiente compartilhado, no caso uma organização.

Afirmam os autores (Koter & Heskett, 1994, p.7), que as culturas organizacionais, uma vez estabelecidas, perpetuam-se por diversos fatores e as pessoas que realizam com sucesso os ideais inerentes à cultura são reconhecidos e transformados como heróis e serão exemplos para os mais jovens. Os que seguem as normas culturais serão recompensados, mas os que não as seguem poderão ser castigados.

As culturas podem tornar-se estáveis mais nunca estáticas. Vários fatores podem determinar mudanças culturais nos seus diversos aspectos: crises, que forçam a reavaliação de alguns valores ou práticas; novos desafios, que exigem a criação de novas maneiras de fazer as coisas; substituição de membros importantes; assimilação de novos agentes; diversificação de atividades ou negócios; e expansão geográfica.

Evidencia-se no entendimento dos autores (Koter & Heskett, 1994, p. 9) que as culturas podem ser enfraquecidas ou até mesmo destruídas, motivadas por crises ou pela rotatividade de pessoal. Mas, em situação inversa, compreendendo a existência de muitos valores, padrões de comportamento e práticas comuns e interligação dos níveis de cultura, continuidade de liderança, estabilidade dos membros no grupo e concentração geográfica.

Confirma-se ao longo da história que culturas fortes propiciam agilidade às ações pretendidas pelos grupos, uma vez que exercem efeitos poderosos nos indivíduos e no desempenho, em especial se o ambiente for competitivo. Também se tem que sua influência seja maior que todos os fatores discutidos com maior frequência na literatura pertinente aos aspectos implícitos ou nelas inseridos. Neste caso pode-se citar como exemplo as culturas corporativas, por imprimirem mais realce ao desempenho.

Não mais distantes que nas últimas décadas registra-se que a maçonaria tem sido objeto de estudo de muitos campos do conhecimento e que a abordagem da instituição se reveste de importante espaço de socialização e de práticas culturais que permitiram compreender inúmeras engrenagens pelas quais se manifesta o poder na sociedade. Não menos que a investigação precedida da exigência de conhecimento/cultura acerca da complexidade

da natureza maçônica, ignorar seus fundamentos e preceitos seria incorrer em riscos de torna-la uma instituição monolítica e aquém da história.

A partir dos fundamentos teóricos expostos, a temática da maçonaria se emerge como mais uma possibilidade de compreensão das inúmeras relações culturais e de poder no âmbito das sociedades, quando se imagina um modelo de organização social que toma por base a filantropia expressa na relação de solidariedade existente entre a irmandade maçônica, cuja cultura se fundamenta nos juramentos e aspectos ritualísticos, que nos rituais criam laços de sentimento de ser ver como parte de uma comunidade ou organização, cuja existência de mecanismos próprios de dominação se situa fora do domínio direto do Estado.

No estudo da linguagem simbólica, de forma diferenciada de outras organizações sociais, não se vê explicitamente na maçonaria, manuais ou escritos que explicam seus preceitos, filosofias, normas ou ritos, embora vários autores indicam que a Constituição de Anderson seja uma referência cultural para a maçonaria e seus pesquisadores. Que a filosofia maçônica vem sendo transmitida ao longo dos tempos entre as gerações via linguagem simbólica, que do ponto de vista de cultura se constitui no principal veículo de ensinamento adotado.

Conclui-se, dessa forma, a partir de estudos de vários autores, citando entre estes, Paul Naudon, em seu livro “A Maçonaria (São Paulo, Brasil: Difusão Europeia do Livro, 1968)”, que o “simbolismo maçônico foi e está sendo nutrido por elementos culturais múltiplos derivados da cultura grega, egípcia, oriental e, principalmente, judaico-cristã, cujo mito de origem e base ritual vem da lenda do personagem bíblico de Hiram, arquiteto do templo do Rei Salomão”.

É por fim, a alusão referida à cultura medieval das antigas corporações de construtores, que caracterizam os graus simbólicos. Tudo isto mostra que a maçonaria diferentemente de outras organizações, possui uma intocável cultura ritualística e elevada ligação às tradições místicas e hierárquicas e aos princípios morais, refletindo interações entre culturas tradicional e o moderno, o racional e o mítico.

Jornal O CONFRADE

ÓRGÃO OFICIAL DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS
Registro na ABIN nº 083-J

Palácio Maçônico “Násseri Gabriel” – GOB-GO
Goiânia-Goiás – Fone: (62) 3211-1010

Presidente: José Mariano L. Fonseca – Cadeira nº 06

Editor/design: Guilherme Fonseca – Colaborador

Revisor: Flávio Roldão de Carvalho Lelis

Colaboradores: Absai Gomes Brito / Guilherme Freire Fonseca

Conselho Editorial: Anderson Lima da Silveira / Getúlio Targino Lima

Luiz Antônio Signates Freitas / Alexandre A. Giffoni Júnior

Programação/edição: Adriana Almeida

Coordenação gráfica: Gráfica Poder – 62. 98190-5857

Tiragem desta edição: 500 exemplares

Divulgação: Físico / Digital [http://agml.com.br/]

A direção do Jornal não se responsabiliza

por conceitos emitidos em matérias publicadas.



opinião

TEMPOS DE MUDANÇA

Breno Boss Cachapuz Caiado | Cadeira nº 04

Eu venho de uma família de advogados, meu avô Antônio Ramos Caiado (Totó Caiado), meu pai Emival Ramos Caiado e minha mãe Maria Paulina Boss eram atuantes nas lides forenses e, desde a juventude, eu participava ativamente do labor jurídico de meus pais, acompanhando-os nas audiências, datilografando petições ou pesquisando artigos e jurisprudências nos livros e repertórios da época.

Acostumei ouvir sobre a morosidade do Judiciário. Era comum, nos anos 1.980 e 1.990, processos tramitando por mais de 1 década, não sendo raras as ações em curso por mais de 20 anos.

Pouco depois que iniciei minha carreira solo na advocacia, por volta do ano de 1.999, viajei à comarca de Cavalcante-GO para fazer carga dos autos de uma ação discriminatória de terras, que na época já tramitava por 13 anos, quando me deparei com mais de 100 volumes empilhados em uma mesa da escrivaninha do fórum local.

– O restante está dentro do armário! Colocamos um pouco sobre a mesa porque não havia espaço para tudo, mas, caso o senhor queira, podemos fazer carga somente de um dos volumes ou fotocopiar o que o senhor achar necessário. Disse-me a escrevente.

Claro que segui o conselho e passei a tarde toda folcando as mais de 3.000 páginas para escolher os documentos mais importantes e fotocopiar, pois, meu pequeno VW Gol 1.000, não caberia tudo aquilo, além da grande chance de danificar algumas páginas que pareciam desmanchar apenas com o olhar e ter uma crise alérgica pela poeira e mofo acumulados!

Tempos depois, já em 2.009, fui contratado para apresentar um recurso de embargos infringentes no Tribunal de Justiça de Goiás, em virtude de uma apelação julgada em desfavor de meu cliente, mas que teve um voto divergente.

Tratava-se de uma ação anulatória, onde meu constituinte havia sido vítima de um golpe e sua fazenda fora transferida a terceiros. A ação já tramitava por 10 anos e o Sr. José, com 76 anos de idade, encontrava-se internado no hospital Neurológico de Goiânia, quando foi marcado o julgamento pela Seção Cível do Tribunal de Justiça de Goiás.

Após minha sustentação oral e voto proferido pelo relator em sentido contrário às nossas pretensões, ocorreram sucessivos pedidos de vista pelos desembargadores daquele colegiado, resultando em diversos adiamentos do julgamento nas semanas seguintes.

Ao final, fomos vitoriosos, mas não houve alegria no resultado proferido. Pedi a palavra após a proclamação para informar aos julgadores que o recorrente havia falecido naquela madrugada.

Confirmei naquele instante a triste verdade da citação de Ruy Barbosa: “Justiça atrasada não é Justiça, senão injustiça qualificada e manifesta”.

Os anos se passaram, veio a pandemia nos anos 2.020 e 2.021, ceifando milhares de vidas em nosso país, tirando de nosso convívio amigos e parentes queridos, obrigando as pessoas a se isolar e distanciar uma das outras, o que acabou por consolidar a utilização das videoconferências para realizar as audiências e sustentações orais.

No início eu olhava com estranheza e desconfiança a efetividade dessas audiências à distância como ferramenta para se fazer justiça, já que sempre fui adepto ao contato pessoal com as partes, juiz e testemunhas, extraindo dos olhares, gestos e palavras suas reais intenções e obtendo desse contato um melhor convencimento do magistrado.

Entretanto, no final do ano de 2.020, participei de uma audiência onde os advogados, autor e réu estavam em Goiânia e São Paulo, as testemunhas em Jussara e Nova Crixás e a magistrada em Mozarlândia.

Vi a mudança acontecendo. E de forma irreversível! Quanto tempo de deslocamento, despesas com viagens e hospedagens e de evidente aborrecimento não foram poupados pela realização remota daquele ato processual?

Já não eram apenas autos virtuais, instituiu-se o verdadeiro e completo “processo virtual”! Célere, efetivo, barato e próximo do jurisdicionado.

Em 18 de agosto de 2.023, aos 47 anos de idade, tive a alegria e honra de tomar posse como desembargador desse sesquicentenário Tribunal de Justiça de Goiás, na vaga destinada ao quinto constitucional da advocacia, trazendo a vivência do causídico talhado nos embates jurídicos de todas as comarcas e rincões mais distantes

do interior de nosso estado, mas com a humanidade que a advocacia proporciona.

Naquele ano, o Tribunal de Justiça de Goiás atingiu a composição de 78 desembargadores, com a posse de 26 novos membros, que como eu, chegaram com muita energia e vontade de trabalhar. Todos nós, desembargadores, juizes e servidores, capitaneados pelo presidente desembargador Carlos Alberto França, extraordinário gestor, obtivemos por anos consecutivos o selo Diamante, o prêmio máximo concedido pelo Conselho Nacional de Justiça, em virtude da estrutura, produtividade e excelência nos trabalhos.

Repito: vi a mudança acontecendo.

Estava em meu gabinete no mês de fevereiro de 2.024, quando ao final da manhã, meu secretário Aloísio informou que uma advogada havia solicitado uma reunião para tratar de um recurso de apelação a mim distribuído. Confirmei o atendimento para o período da tarde, chegando a doutora pontualmente às 14:30 hs.

Após ela discorrer sobre os fatos e fundamentos do recurso, disse-me que a cliente era sua mãe, uma idosa professora, e que ela precisava muito de uma solução rápida para a lide, pois estava doente e o caso referia-se a verbas decorrentes da aposentadoria. Lembrei-me do caso e disse que já havia assinado a decisão monocrática, disponibilizando-a para publicação.

– Nossa, já? O recurso foi distribuído ao senhor as 10 hs da manhã. Não olhei o PROJUDI depois disso. Mas, a decisão foi boa ou ruim?

Acessando os autos virtuais, informei que a decisão era favorável à sua mãe, concedendo-lhe todos os direitos pleiteados.

Vi a advogada sair rapidamente dali, com os olhos marejados, mas, com um sorriso no rosto, para contar pessoalmente à sua mãe que a justiça lhe fora feita.

O ideal de garantir que a justiça rápida e efetiva suplante o caminhar outrora ronco do processo, já é realidade. Longas demandas arrastadas e emperradas, hoje acompanham a dinâmica da vida.

A antiga procrastinação dos incidentes e recursos, confiada na burocracia e nos enfastiados prazos dos procedimentos cartorários, cedeu lugar à celeridade e eficiência cotidianamente mais evidente.

Tenho certeza que o Judiciário goiano, a cada dia, evolui para a melhor e mais eficiente prestação jurisdicional, trazendo um sentimento de orgulho para nós magistrados, e a convicção que a justiça será concedida no tempo certo.

Buscamos sempre o ensinamento de Cristo: “Bem aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos” (Mateus 5:6).



artigo

DIREITO À VIDA, À SAÚDE, À LIBERDADE E À SEGURANÇA – II

Isaias Costa Dias | Cadeira nº 24

Fundada nas abas do direito positivo, a Resolução nº. 2.217/2018 do Conselho Federal de Medicina elenca vinte e seis princípios dentre os quais o **princípio-rei** segundo o qual

“O alvo de toda a atenção do médico é a saúde do ser humano, em benefício do qual deverá agir com o máximo de zelo e o melhor de sua capacidade profissional”.

No propósito interpretativo da norma, da alocação “deverá agir com o máximo de zelo e o melhor de sua capacidade profissional” não se vislumbra a obrigação de cura do paciente pelo seu médico, senão o dever de agir com o máximo de zelo, empenho, cuidados e capacidade profissional quer se trate de prevenção, ou de recuperação da saúde quer no que respeita a reabilitação do paciente.

Ora, no caderno das obrigações civis, o Código Civil relativamente às

obrigações do médico prescreve a obrigação de meio e a obrigação de resultado. Na hipótese, a obrigação do médico é caracterizada como **obrigação de meio**, porque a relação com o paciente não encerra a obrigação de cura, e sim – como já foi dito –, o dever legal e moral de agir com o máximo de zelo e o melhor de sua capacidade profissional.

A PROPÓSITO ALUDE MARIA HELENA

“A obrigação de meio é aquela em que o devedor se obriga tão-somente a usar a prudência e diligência normais na prestação de certo serviço para atingir um resultado, sem, contudo, se vincular a obtê-lo”.

Consoante a lei natural, cada corpo humano é único no universo e suas ações ou reações se revelam incertas, isto é, são absolutamente imprevisíveis, em especial quando acometido de qualquer doença ou

patologia. Daí a sabedoria do legislador no atribuir ao médico a responsabilidade subjetiva. Vale dizer, somente ocorrerá a responsabilidade do médico quando, da ação médica, produzir ao paciente um resultado danoso pela existência de culpa nas modalidades de negligência, imprudência ou imperícia. Nesse sentido já apontamos anteriormente:

“... sobretudo porque o “erro médico” há de ser apurado sob análise de todo o contexto, como por exemplo, a idade e o estado físico do paciente; as circunstâncias de tempo, lugar, meios e modos de execução; as condições ambientais de trabalho bem como a existência ou inexistência de equipamentos e/ou instrumentos necessário à prática do ato médico no momento do atendimento; as condições pessoais do médico e outras variáveis”.

Nesse sentido aduz o Parágrafo 4º. do art. 14 do CDC, “verbis”:

Direitos do Consumidor

A responsabilidade pessoal dos profissionais liberais será apurada mediante a verificação de culpa”.

Assim, numa análise a contrário sensu, quer significar que sem culpa provada, o médico não é responsável pelo resultado danoso ao seu paciente como, aliás, resulta bem nota explicativa e até exaustiva de remançosa jurisprudência do Superior Tribunal de Justiça.

Doutra banda, essa mesma responsabilidade médica pode ser caracterizada como **obrigação de resultado** nas hipóteses em que nos contratos de prestação de serviços médicos se cuidarem de tratamento estético ou de embelezamento, porquanto em tais situações o resultado positivo da cirurgia já é chancelado, é esperado, é desejado pelo paciente, a teor do Informativo nº. 491, de 13 a 24.02.2015, Quarta Turma, REsp 985.888-SP, Rel. Ministro Luis Felipe Salomão, julgamento de 16/02/2012.



artigo

A SOMBRA DAS IMPRESSÕES – V

Gleisson Ferreira | Colaborador

Magalhães ainda colocou em evidência a mestiçagem ao falar sobre os descendentes dos antigos proprietários: **Atendendo a meu pedido, os antigos proprietários dessas terras, que residem em sítios distantes, compareceram a este arraial. São todos bronzeados e aparentados entre si. Alguns deles pretos retintos, releve o Caciano, todo riscado de cicatrizes, matador de onças a ferro frio. Creio que dona Amância é a única branca nessa miscigenação das três raças.** (Magalhães, 2004. p. 88)

Causa admiração a Magalhães a forma como os habitantes de Lavrinhas se comportavam no trato com o outro e entre si. O autor observa um cuidado constante no comportamento, a despeito da ausência da alfabetização: **[...] São todos analfabetos, apenas o sacristão sabe ler e escrever. Um preto velho segredou-me: “O sinhuri esteja sem receio, essa gente é toda muito cutuzeza”** (cortês). Realmente, falam com brandura, andam devagar e compassado, respeitosos em todas as suas atitudes. (Magalhães, 2004. p. 88)

O Antigo arraial de Lavrinhas é hoje um povoado situado no município de São Luiz do Norte. As terras da antiga sesmaria encontram-se divididas em municípios limítrofes. Foi uma grande lavra de ouro no período colonial (de onde deriva o seu nome) que enriqueceu o português João Pereira Ribeiro, seu descobridor. A homenagem a São Sebastião refere ao mito de sua fundação, um milagre de descoberta de ouro, onde o arraial foi fundado. (Magalhães, 2004)

Historicamente reconhecida como comunidade negra remanescente de escravos da mineração, Lavrinhas como espaço de fronteira não escapou aos conflitos pela posse do território nem à resistência à escravidão. Indagando sobre o histórico do sítio da Prisca, em Lavrinhas, Magalhães se depara com uma narrativa de conflito com indígenas e fuga de escravos que se aquilombaram:

O presente acontecimento deu-se antes da Guerra do Paraguai: a fazendeira dona Prisca, que deu o nome a essa região, foi viúva do terceiro filho do capitão Francisco Ribeiro, de nome Antônio, que morreu sem deixar descendência. Velha e brava, explorava os negros cativos sem misericórdia. Na sede da fazenda, trabalhava-se no engenho, fazia-se queijo e farinha e o moinho girava sem cessar, cujas enormes pedras existem até hoje. Devota e ao mesmo tempo má, não perdoava ninguém, todo ano ia comungar na romaria do Muquém, 18 léguas além. Certa vez, dadas as esmolas, regressava ela satisfeita; do alto de um espigão, o capataz de sua comitiva notou uma revoada de urubus no rumo da fazenda. Dirigindo-se à velha, apontou lugubrememente para o horizonte. Ela, irritada, esclareceu que essa migração de corvos se fazia do outro lado do rio das Almas. Em dúvida, forçando as marchas, dentro de poucos dias chegavam à casa grande da fazenda. O céu negrejava de urubus, um fartum cadaveroso sufocava o ar. Ao apear do cavalo, desmaiou a velha com o que viu, e as mucamas que a acompanhavam caíram por terra, entre gemidos e prantos. O capataz, dois negros da comitiva e as mulheres era tudo o que restava do povo dessa florescente fazenda. Os urubus entravam às dezenas pelas janelas escancaradas e saíam, fartos, pelas portas; o solo parecia movimentar-se pela quantidade de ratazanas a arrastar restos humanos; as vacas aprisionadas no curral e trespassadas de flechas apodreciam amontoadas. Tudo o que tivesse vida fora moto à flecha, exceto o pessoal que tivera o crânio esmagado pelas bordunas dos selvagens. A maior parte dos escravos havia se aliado aos índios morcegos e após o massacre com eles se refugiara nas selvas do rio Tocantins, o que lhes garantiu a impunidade. A velha Prisca confinou-se em Jaraguá, enlouquecendo, pouco depois morreu. Assim contaram-me Helmuth e Sérgio, filho desta zona e descendente do grupo sinistrado. (Magalhães, 2004. p. 68-69)

O conflito dos habitantes da fazenda com os indígenas não tem motivação explicada nas cartas. Sabe-se, no entanto que a zona era habitada pelos Avá-canoeiros que até poucas décadas ainda perambulavam por essas

zonas, seu antigo território. Provavelmente tratava-se da tentativa de expulsão do branco invasor de suas terras. A rebelião dos escravos, que aos índios se aliaram, tem motivação explicada, pelo menos subjetivamente: a crueldade da fazendeira. Desvela-se aí um aspecto da resistência histórica do negro e do aquilombamento. Como afirma Luís Palacín, em Goiás “Não havia arraial sem a sombra de um quilombo”. (Palacín, 1972)

Outra narrativa sobre o aquilombamento na região de Lavrinhas aparece em carta datada de 26 de janeiro de 1919, de Lavrinhas de São Sebastião. Na mesma, Magalhães trata da questão, relatando o que ouviu de populares:

No tempo do Alferes Silvestre, um negro gigante seu escravo, o Joaquim Buriti, cometeu um crime passionai, e foi condenado à forca. Dona Inês, a consorte fazendeira, condóida de tão triste destino, favoreceu-lhe a fuga. Buriti homiziou-se na mata e relacionou-se com os canhambras¹. Todas as tentativas para a sua captura frustraram-se; ele vestia-se de couro das onças que matava e praticava o contrabando de ouro. Durante uns dois decênios dominou com o seu bando essas matas serranas. Certa tarde do mês de agosto, com o ar turvo pelas queimadas, ouviram-se ecos lá da mata, pedidos de socorro. O alferes Silvestre estava ausente, dona Inês suspeitou, pelo timbre da voz, fosse o gigante Buriti. Ordenou ao capataz que o socorresse. Encontraram-no moribundo e em paz morreu, abençoando o nome da sua protetora. (Magalhães, 2004. p.92)

A mesma narrativa dá conta de que o quilombola Joaquim Buriti, além de traficar ouro, mantinha contato com a casa grande da fazenda. Talvez fosse esse o motivo do contato. Mostrando, assim, uma relação contínua do quilombo com o arraial, precisamente com seus antigos senhores.

Outro aspecto curioso é o fato de se frisar que Joaquim Buriti vestia-se de pele de onça. Talvez uma reminiscência de África, em que nobres e reis vestiam-se de peles de animais como o leão, um felino.

As minas de Goiás esgotaram-se ainda durante as primeiras décadas da exploração. Apesar de todos os esforços da Coroa portuguesa proibindo a exploração de outras atividades, direcionando todos os braços à mineração, a produção decaía ano após ano. (Palacín, 2008)

Com a diminuição da produção aurífera, as autoridades instituíram a capitação. Segundo Palacín e Morais: **A capitação foi uma forma de cobrar o quinto instituída precisamente por temor ao contrabando. As autoridades pensaram que era mais fácil ocultar o ouro que os escravos, e determinaram que, em vez de pagar-se pelo ouro extraído, pagar-se-ia o imposto; o dono do escravo pagaria uma quantidade fixa por escravo que tivesse, independente de sua ocupação e rendimento.** (Palacín e Morais, 2008 p. 38-39).

A cobrança do imposto por cabeça, a capitação, pode ter levado muitos senhores nos “desertos” de Goiás a esconderem seus escravos, para fugir a uma tributação exorbitante. Quem sabe que artifícios poderiam ter usado para isso... Talvez falsas declarações de óbitos ou de fugas, das quais eram os facilitadores. A liberdade informal do escravo poderia dar-lhe condições de procurar veios auríferos, cujo produto seu antigo senhor poderia lhe comprar a baixo preço. Podemos imaginar que, nessa situação, muitos senhores em Goiás poderiam ter facilitado o aquilombamento.

Não se trata de minimizar ou revisar a violência da escravidão, mas de colocar em evidência o que havia de mais importante para o escravagista: o lucro. Isso poderia levar o senhor em dados momentos, principalmente nos de dificuldade financeira, a negociar com o escravo desde as formas de trabalho à sua libertação.

Um exemplo de como o imposto da capitação contribuiu para aumentar o número de libertos em Goiás pode ser observada no livro História de Goiás de Palacín e Morais:

¹ O mesmo que quilombolas.

História, memória, fronteira e alteridade nas cartas de Goiás de Carlos Pereira de Magalhães.

Ao mesmo tempo em que diminuía o número de escravos, aumentava, como é lógico, o número de pretos livres ou “forros”. Na capitação de 1745, os negros forros, que pagaram capitação foram 120, quando o número de escravos chegava a 11.000; pouco mais de 1%. No recenseamento de 1804, os negros livres eram em número de 7.936, 28% do total de pretos. (Palacín e Morais, 1972. p. 32-33)

Esses fatores servem-nos para a análise da questão do aquilombamento em Lavrinhas. Ainda no século XX, Magalhães registra narrativas populares sobre a existência de quilombos isolados na região. (Magalhães, 2004)

Os testemunhos, relatos e narrativas colhidos por Magalhães configuram um repertório distante no tempo. São narrativas de quase um século que falam tanto do aquilombamento no tempo da escravidão quanto da existência desses quilombos no princípio do século XX.

Em testemunhos distantes no tempo e ausente de qualquer interesse afirmativo, ou de agenciamento no período em que foram produzidos, encontram-se informações suficientes que dão conta da existência de quilombos na região e que corroboram as autoafirmações daqueles grupos na região, que se identificam como remanescentes de quilombos, na atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Carlos Pereira de Magalhães era o que poderíamos chamar de “homem-fronteira”, Dividido entre a influência historiográfica dos viajantes europeus e teorias racistas e a percepção cultural de quem conviveu e partilhou, por ocasiões, experiências culturais e circunstanciais vividas pelo sertanejo goiano.

A visão subjetiva de si objetiva a visão do outro, nas correspondências que configuraram a obra póstuma “Cartas de Goiás”. Essas visões evidenciaram a diferença entre o homem letrado; branco; protestante; racionalista e progressista e o sertanejo goiano: analfabeto, mestiço, “supersticioso” e “atrasado” que, antagonicamente, lhe inspiraram admiração e respeito.

Eis a configuração de um “homem-fronteira”, dividido entre dois mundos: São Paulo e Goiás; O saber da “ilustração” e o saber da “tradição”. Dividido entre as teorias e opiniões de uma cultura letrada e de grupos “pré-conceituosos”, que lhe inspiraram seus próprios “pré-conceitos”. Às vezes, dividido entre esses mesmos “pré-conceitos” (impressões) e a vivência local que lhe inspirou novas ideias e, portanto, novos conceitos que contrastavam e mesmo contrariavam a mentalidade “ilustrada” de seu tempo e espaço (meio).

Sobre Lavrinhas, essa enquanto espaço de fronteira que despertou seu interesse, mas que despertou antes interesses diversos, como o de imigrantes europeus que desejavam fundar ali uma colônia alemã, convém-nos formular algumas indagações: Por que Lavrinhas? Por que uma região de comunidades negras no Centro-Oeste? Por que não o Sul do país?

Coincidência ou não, tal projeto se dá ainda no contexto da imigração europeia, cujos indivíduos, após a escravidão, vêm substituir os braços negros na lavoura e onde quer mais que se os empregasse. Política eugênica? Conforme relata Magalhães tal projeto só não se concretiza em virtude da eclosão da Primeira Guerra Mundial.

Dessa forma, a partir de um espaço e situação de fronteira, Magalhães descreve e analisa, sob sua ótica, nas “Cartas de Goiás”, ambiente indivíduo, sociedade e cultura por meio das memórias que registra.

As memórias que imprimiu no papel, passando à escrita uma tradição oral do outro e de si, ao registrar também suas próprias impressões. Essa escrita, registros, são as sombras, impressas no papel, de outras impressões a priori.

Esses escritos a sombra de uma tradição que configurou as impressões do autor e passou ao papel, e assim, à posteridade, chegando até nossos dias e possibilitando outras impressões, na amplitude do termo, como as que figuram no presente artigo



artigo

MAÇONS QUE FIZERAM A HISTÓRIA DA MAÇONARIA EM GOIÁS

João Batista Fagundes | Cadeira nº 16

Ruy Rocha de Macedo nasceu no dia 05 de abril de 1949, em Porto Franco-MA. Filho de Fortunato Bento Macedo e Carmina Rocha de Macêdo. Casado com Claudia Regina Ribeiro Rocha. Pai de 3 filhos, Rafael, Ciro e Lara. Curso primário em sua cidade natal e o curso ginásial na vizinha cidade de Tocantinópolis - Goiás, hoje Estado do Tocantins.

Iniciado na Loja Paz Universal nº 17, no dia 01/05/87, onde exerceu diversos cargos incluindo o de Venerável Mestre. Foi Grande 1º Vigilante da Grande Loja, de 1993 a 1996. É Médico ortopedista, Professor Universitário, Político, foi Vereador em Goiânia, na legislatura 2005/2008. Mudou para Goiânia em 1967, com o firme propósito de estudar medicina. Iniciou o curso científico em 1968 no Liceu de Goiânia, concluindo em 1970.

Em 1971 após ser aprovado no primeiro vestibular unificado da UFG ingressou na faculdade de medicina. Já nessa época com o objetivo de auxiliar no custeio dos estudos passou a lecionar nos colégios Pedro Gomes e SENAC. A partir do 4º ano de faculdade foi estagiário no hospital de Acidentados, Clínica Santa Isabel.

Em 1973, aprovado em concurso público passa a trabalhar na Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Goiânia, na Escola Normal Alfredo Nasser, onde trabalhou como auxiliar de secretaria, professor e mais tarde no departamento médico, onde permaneceu até 1980.

Em 1974 foi aprovado em concurso público para Perito Criminal da Polícia Civil do Estado de Goiás.

De 1977 a 1981 trabalhou como médico, no Atlético Clube Goianiense. Especializou-se em

Medicina e Ciência do Esporte pela escola superior de Educação Física de Goiás em convênio com a Universidade do Rio de Janeiro. Possui título de especialista em Ortopedia e Traumatologia concedido através de concurso pela Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia. Membro titular da sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia Regional de Goiás, da qual foi presidente. Proferiu palestras de cunho Maçônico, entre elas "O Ideal Maçônico", "Prestígio da Maçonaria", "O Jovem e a Sociedade", "Maçonaria no Contexto Social". "Deus, o Homem, a Maçonaria e o maçom". Fez parte da diretoria da Associação Maçônica de Erradicação da Mendicância - AMEM.

Em 13/03/93 foi investido no grau 33. No primeiro mandato foram fundadas as Lojas Cavaleiros da Esperança nº 147, em Goiânia e José do Patrocínio nº 149, em Valparaíso. No segundo mandato, 1999/2002, foram fundadas as Lojas Vale do Bom Sucesso nº 149, em Senador Canedo; Estrela de Davi nº 150, em Goiânia e Moral e Sabedoria nº 151, em Goiânia.

Sua administração pautou especialmente na união e fortalecimento cada vez mais da ordem em nível estadual, nacional e internacional, sustentando os princípios básicos de maçonaria, que é o compromisso com a família, sociedade e toda a humanidade. A Grande Loja participou ativamente do Conselho da Comunidade, Conselho de Segurança Pública, do Centro Oeste e Conselho Tutelar do Menor, da AMEM - Associação Maçônica de Erradicação da Mendicância e outros.

Recebeu o título de Grão-Mestre Honorário da Grande Loja Maçônica do Acre, de Brasília, do Ceará,

Ruy Rocha de Macêdo
Décimo Quarto Grão-Mestre
Período de 1996/1999 e 1999/2002



Piauí, Mato Grosso, São Paulo e de Grande Dignidade de Honra na Grande Loja do Pará. Recebeu a comenda medalha do centenário da República, do Supremo Conselho. Recebeu a comenda medalha Pedro Ludovico Teixeira, da Assembleia Legislativa de Goiás. Recebeu Medalha Policial Civil, a mais alta homenagem da Polícia Civil pela contribuição a Segurança Pública. Recebeu a Medalha Tiradentes da Polícia Militar do Estado de Goiás. Recebeu o título honorífico de cidadão Goiano, outorgado pela Assembleia Legislativa do Estado de Goiás.

É cidadão Goianiense, título outorgado pela Câmara Municipal de Goiânia. Realizou em Goiás, sob o patrocínio da Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás, a 28ª Assembleia Geral da CMSB, em julho de 1999.

... continua na próxima edição.



opinião

A MAÇONARIA E A CULTURA DA PAZ

Cláudio José da Silva | Colaborador

Calcada na mais pura e divinal filosofia, cuja história tem suas raízes nos sacrossantos ensinamentos cristãos, a maçonaria desenvolve suas práticas no seu habitual silêncio, preparando o ser humano nos campos social, moral e espiritual, com o objetivo de fazer a humanidade acompanhar com sucesso a evolução dos tempos. E, diante disso, ela enceta insistente batalha pela liberdade dos povos, pela fraternidade, pela igualdade e pela paz, sempre lutando contra tudo que por meio da violência vem comprometer a boa convivência na face da terra.

Baseado também na lei de evolução, como afirmou o ilustre maçom norte-americano Irmão Alberto Galletin Mackey, o espírito da maçonaria é antagonista à guerra. A sua tendência consiste em unir todos os homens em uma só fraternidade. Por sua vez, o Irmão Albert Pike defendeu com muita intransigência que a maçonaria é a grande sociedade da paz no mundo. Onde quer que ela exista, luta por prevenir dificuldades e disputas internacionais e para ligar republicas, reinos e impérios entre si em um grande laço de paz e amizade entre os povos.

O vocábulo PAZ exprime a tranquilidade, o sossego, a concórdia, o entendimento e a harmonia que reina no seio da humanidade, seja nos governos ou nas sociedades particulares. Ela é garantidora da boa convivência entre as pessoas e ausência de conflitos entre tendências. Daí poder dizer que a paz interior é a tranquilidade da consciência, assim como a beatitude é a paz do espírito tão indispensável à vida humana, permitindo que o homem se realize como ser criado à imagem e à semelhança do Grande Arquiteto do Universo.

É importante definir a paz no sentido bíblico: um estado de espírito motivado pelo fato de estar tudo bem. É o "shalom" dos israelitas, que por sua vez é traduzida como felicidade material, prosperidade, segurança, saúde e, também, a felicidade espiritual. Esta última só existe se a pessoa estiver bem com o GADU, que nos disse: "Bem-aventurado os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus". É Ele quer que os homens vivam em concórdia com os outros, quando, através do apóstolo Paulo, afirmou: "Seja vossa preocupação fazer o que é bom para todos os homens, procurando,

se possível, viver em paz com todos, por quanto de vós depende".

Como cristãos devemos conscientizar de que temos que buscar a paz da coletividade em que vivemos, para que se realize na terra a profecia de Isaías para os tempos messiânicos: "Uma nação não levantara uma espada contra a outra, e nem se apreenderá mais fazer a guerra". E o grande filósofo, político e místico hindu, Mahatma Ghandi, com muita convicção afirmou: "Não existe caminho para a paz; a paz é o caminho".

Como caminho, o primeiro deles encontra-se na família, esta, que tem na maçonaria uma enorme defensora, pois reconhece ser ela a base de tudo. E é nesse "tudo" que está a fonte dos valores que uma pessoa carrega por toda a vida: respeito, tolerância, fidelidade, solidariedade, companheirismo e demais virtudes próprias das criaturas do bem. Diante, pois, de um horrível quadro da violência, nota-se que falta a paz na maioria dos lares brasileiros. Daí concluir o seguinte: a paz começa em casa.

É preciso que haja o desencadeamento de companhias sociais, no sentido de ser estabelecida uma Cultura da Paz, visando à reafirmação dos valores que conduzem a uma convivência fraterna entre as pessoas.

E aí surge o importante papel do casal, numa sociedade de consumo e extremamente competitiva, e é fundamental que os dois trabalhem para a família de forma solidária, cooperando um com o outro na construção de um ambiente pacífico entre todos.

Dentre os pilares básicos da construção da paz doméstica está o diálogo autêntico, franco e honesto, seja em momentos de tristeza ou de alegria. A troca de ideias e de experiências é altamente interessante no ambiente familiar.

Deixamos, aqui, a título de sugestão, os 10 mandamentos para a paz na família: 1º) Busque sempre, tenha fé e viva a palavra de Deus, observando o preceito maior dos ensinamentos a si mesmo; 2º) Confie em sua família e colabore insistentemente na criação de um ambiente de amor e paz entre todos os membros; 3º) Reserve tempo para o lazer com sua família, pois a criança aprende brincando e a diversão é fator de aproximação entre as pessoas; 4º) Dialogue com os filhos através da conversa, do carinho e do apoio incondicional; 5º) Tome parte com a sua família da vida da comunidade, orientando os filhos sobre as mas companhias e promoções que incentivam a violência; 6º) Diante de sérios problemas familiares, busque resolvê-los com calma e moderação, buscando em tudo o seu lado positivo; 7º) Transmita seus sentimentos e opiniões com sinceridade, sabendo dizer o que pensa e ouvindo o que os outros tem a dizer; 8º) Saiba respeitar o pensamento das pessoas, pois as diferenças são uma enorme riqueza para cada indivíduo e para o grupo; 9º) Cultive os bons exemplos e zele pelo seu comportamento perante a família na sociedade; 10º) Preserve a humildade, pedindo perdão pelas ofensas porventura cometidas e perdoadando quem lhe magoou, desencilhando-se de todos os ressentimentos.



ciência & saúde

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA SAÚDE É UMA REALIDADE

Bráulio Brasil | Colaborador, Fisioterapeuta Intensivista e Gestor em saúde

Nos últimos anos, a inteligência artificial (IA) emergiu como uma ferramenta transformadora em uma ampla gama de setores, e a saúde não é exceção. Com o potencial de revolucionar diagnósticos, tratamentos, gestão de dados e muito mais, a IA está se tornando cada vez mais integrada aos sistemas de saúde em todo o mundo.

Uma das áreas mais impactantes da IA na saúde é o diagnóstico na saúde. Algoritmos de aprendizado de máquina são capazes de analisar grandes volumes de dados, como imagens de exames de imagem e registros, para identificar

padrões que podem escapar à detecção humana. Por exemplo, sistemas de IA estão sendo desenvolvidos para ajudar na detecção precoce de câncer em imagens de mamografia e tomografia computadorizada, aumentando as taxas de detecção e permitindo intervenções mais rápidas.

Além do diagnóstico, a IA também está sendo aplicada no desenvolvimento de tratamentos personalizados. Com base em dados, os algoritmos podem prever a eficácia de diferentes terapias para pacientes individuais, permitindo uma abordagem mais precisa e direcionada.

Outra área em que a IA está causando impacto é na gestão de dados de saúde. Sistemas de IA podem analisar grandes conjuntos de dados para identificar tendências epidemiológicas, prever surtos de doenças e otimizar o uso de recursos em sistemas de saúde. Isso é especialmente relevante em situações de crise, como a pandemia de COVID-19, onde a capacidade de prever a propagação do vírus e a demanda por serviços de saúde é crucial para uma resposta eficaz.

Além disso, a IA está sendo utilizada para melhorar a eficiência operacional em hospitais e clínicas, otimizando agendamentos, gerenciando inventários de medicamentos e recursos, e automatizando tarefas administrativas.

Apesar dos desafios, o futuro da inteligência artificial na saúde é promissor. Espera-se que os avanços contínuos na tecnologia, juntamente com uma maior colaboração entre profissionais de saúde, pesquisadores e desenvolvedores de IA, levem a novas descobertas

e inovações que melhorem significativamente a qualidade e eficiência dos cuidados de saúde.

À medida que a IA se torna mais integrada aos sistemas de saúde, é essencial garantir que seu uso seja guiado por princípios éticos e prioridades centradas no paciente. Somente através de uma abordagem colaborativa e responsável, podemos aproveitar todo o potencial da inteligência artificial para transformar positivamente a saúde e o bem-estar das pessoas.

Portanto, percebe-se que a inteligência artificial está desempenhando um papel cada vez mais importante na saúde, desde o diagnóstico e tratamento até a gestão de dados. Vale ressaltar também na reabilitação, onde novas oportunidades para o tratamento personalizado pode otimizar com resultados mais assertivos. Nestes desafios a serem enfrentados, o potencial transformador da IA na saúde é inegável, e seu impacto continuará a crescer.



artigo

O ESCULTOR DA LIBERDADE: ALEIJADINHO – II

Carlos A. Barros de Castro | Cadeira nº 33 – Colaboração*

Sob o reinado de Dom João V, o Magnânimo, trabalharam na restauração e ampliação do Mosteiro de São Vicente, onde o Mestre João Ludovice deixou clara sua marca com os incríveis azulejos portugueses lisboetas manufaturados a mão pelo Mestre PMP, nome muito comentado nas rodas de arquitetura da época. Se era Mestre, era da mesma Ordem dos Cavaleiros de Malta, onde Manuel se encontrava em fase de aprendizado.

Os azulejos eram de fato lindos, mas o que mais encantava Manuel eram os entalhes em madeira. Trabalhou muito com o maço e o cinzel, nas gigantes peças de carvalho que chegavam das florestas na divisa com o reino já unificado de Espanha.

Mais 2 anos se passaram e depois de ser o único escolhido a dedo pelo Sagrado

Colégio de Mestres da Ordem de Malta, Manuel passou por uma última cerimônia de iniciação e juramento, vindo a ser orgulhosamente aceito como Mestre arquiteto nessa mesma Ordem tão importante e imponente.

Era novamente um verão tórrido em Lisboa e Manuel Francisco Lisboa veria pela última vez o Cais da Ribeira de sua janela, pois na manhã daquele mesmo dia estava embarcando, aos pés da Torre de Belém, rumo ao Brasil, uma nova terra de oportunidades para ele, onde esperava realizar todos os seus sonhos e projetos. Juntos na mesma nau se encontravam seu irmão, Antônio Francisco Pombal e seu inseparável amigo Francisco Xavier de Brito.

Manuel cruzou o Atlântico e conseguiu a proeza de desembarcar no Rio de Janeiro após longos 44 dias de viagem. Logo na chegada tentaram encontrar um local para ficar e algum tipo de trabalho. Passaram mais de 20 dias na Estalagem de Joaquim, onde Manuel se afeiçoou por uma mulher trabalhadora do local. Tratava-se de Isabel, uma linda e educada mulher negra, escrava, mas considerada muito culta para os padrões da época. Manuel gostou dela assim que a viu e acabou comprando a mesma de seu proprietário. Como não conseguiram encontrar trabalho, resolveram partir para a Capitania de Minas Gerais, visto as notícias de garimpos de ouro e diamantes

trazerem propostas de bons ventos naquelas paragens. Era a Capitania mais próspera do Brasil. Compraram um carro de boi com uma junta de bois e partiram pela Estrada Real com destino a Tejuco. Manuel, Isabel, Antônio e Francisco. Ao fazerem parada no povoado de Vila Rica, atual Ouro Preto, se encantaram com a cidade e com as doces e ricas montanhas de Minas Gérias e assim, resolveram estabelecer por ali sua morada. Era uma das cidades mais populosas das américas com cerca de 80.000 habitantes. Estava repleta de escravos, sinhazinhas, comerciantes, fazendeiros, mineradores rudes e artesãos fracos. Manuel logo estabeleceu seu bom nome como Mestre de Obras e Arquiteto. Além de ser bom projetista, também executava com maestria seus projetos. A região aumentava muito em número de igrejas e edifícios públicos. Estava em franca expansão e não faltavam contratos com clérigos e oficiais. Era fácil conseguir um bom serviço nas vielas entre a câmara e a cadeia, ou entre o Paço e a casa do governador.

Existem controvérsias, mas o fato é que consideramos que em 29 de agosto de 1738, Antônio Francisco Lisboa, filho de Manuel e Isabel, nascido escravo, fora batizado na então chamada Vila Rica, atual Ouro Preto, na freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias. O nome homenageava o irmão e o melhor amigo de Manuel, além de sua cidade natal, da qual sentia bastante saudades. O garoto foi amado pelo pai, tendo recebido dele a alforria no momento de seu batismo. Cresceu e recebeu toda a educação possível, com todas as honrarias de filho. Aprendeu com garra e amor o ofício do pai. Manuel se casou com outra mulher, livre, com a qual gerou alguns meios irmãos para Antônio Francisco. Apesar de Manuel ter filhos legítimos, cedeu a vida toda de seu primogênito ilegítimo. O fato de não ter legitimidade, fez com que Antônio Francisco não recebesse nenhuma herança na época do falecimento de seu pai, em 1767, o qual era bastante abastado. Mas ele recebera muito mais. Seu pai deixou para ele o conhecimento, a sabedoria, o dom, a fé e o sonho por projetos e trabalhos na

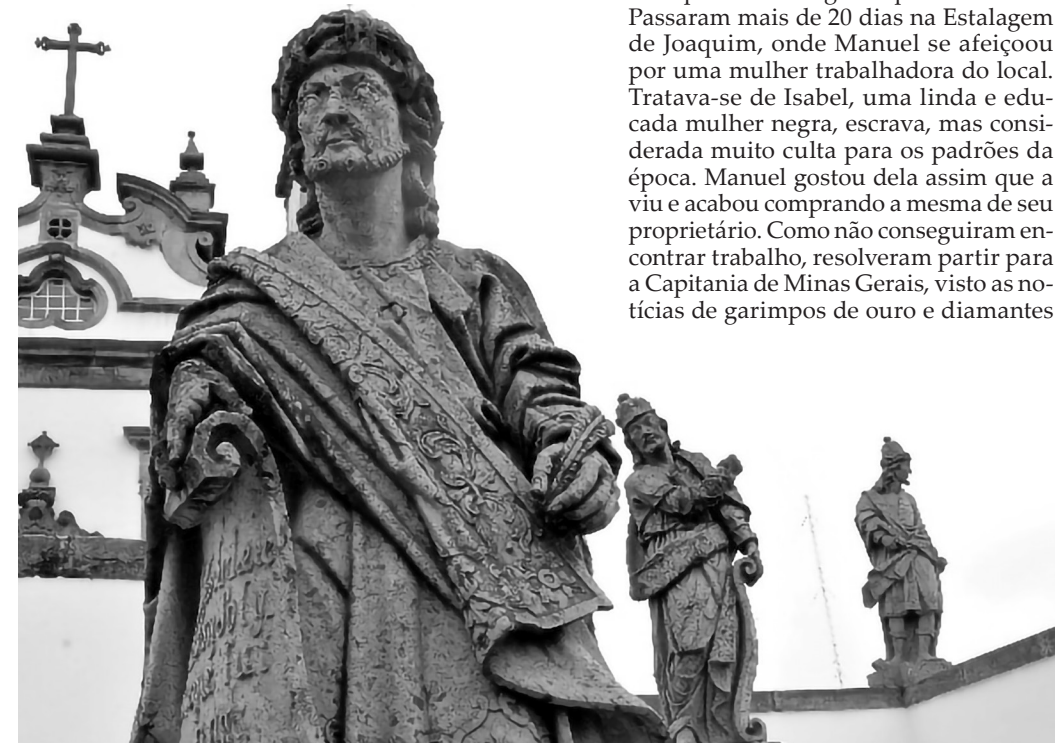
madeira. Deixou ainda mais uma herança que foi sua introdução em uma Ordem formada por homens livres e de bons costumes.

Antônio Francisco Lisboa era versado em arquitetura, desenho e escultura, tendo como fonte seu pai. Frequentou o internato do Seminário dos Franciscanos Donatos do Hospício da Terra Santa de 1750 até 1759, em Ouro Preto, onde aprenderia Gramática, Latim, Matemática e Religião. Assistia e aprendia, como bom Aprendiz que era, aos trabalhos de seu pai na Matriz de Antônio Dias e na Casa dos Contos, trabalhando também com seu tio Antônio Francisco Pombal, entalhador, e Francisco Xavier de Brito, pedreiro. Apresentava grande admiração pelo trabalho de Manoel da Costa Athayde. Não lhe faltaram bons Mestres. Essa foi a base de sua brilhante carreira artística que o levou a se tornar um dos gênios da humanidade encarnada.

O bebê era perfeito. Nasceu sem problemas de saúde e assim foi seu crescimento. Aquela criança se elevaria esculpindo a rocha. Daria formas divinas e humanas aos blocos de pedra e aos troncos de madeira, deixando ali sua marca que demonstraria a grande solidão interna e o terrível sofrimento que viria a passar. Também retrataria suas vitórias, imputando as feições de seus Irmãos e amigos ao seu trabalho, fortalecendo a riqueza cultural brasileira e mineira, levando Luz e amor aos olhos do público, carente de cultura e arte, através de sua obra que em verdade, representa vários raios de Luz dos céus irradiando energia positiva sobre as Minas Gerais.

Teve um irmão, Félix Antônio e mais 3 irmãs, todos meios-irmãos por parte de pai. Mas, parece que nosso Salvador tinha planos de sofrimento para ele. Se verificarmos a vida de gênios da humanidade, vide Wolfgang Amadeus Mozart, o maior gênio que a Maçonaria já teve e que morreu como indigente devido ao sofrimento com o alcoolismo, veremos que todos tiveram grande sofrimento em vida. Talvez seja uma maneira de sentirem que são apenas discípulos do Grande Arquiteto do Universo e que não estão acima dele.

* Extraído de rede social: Maçonaria Ensinaamentos, texto de João Vicente Silva
Continua na próxima edição...





artigo

UMA CAUSA QUE SE ARRASTA HÁ SÉCULOS E SEGUE SEM SOLUÇÃO

Anestor Porfírio da Silva | Cadeira nº 32

O evento se instalou no dia 22 de abril de 1.500, exatamente no momento em que a caravana de Cabral pisou em terra firme no litoral da Bahia.

Em meio ao cenário deslumbrante que se descortinou por toda parte uma surpresa estava reservada à comitiva de Cabral: a terra que imaginavam não possuir habitantes humanos já se encontrava permeada de silvícolas espalhados por toda a sua extensão vivendo da caça, da pesca, da coleta de frutos silvestres, do cultivo da banana, do milho etc.

Naquela data deu-se o início da colonização do Brasil que foi marcada pela escravidão negra e a tentativa de escravização dos silvícolas, o que não chegou a se concretizar por causa das fortes tradições da cultura indígena, com a economia passando por vários ciclos, fato que, mais tarde, viria motivar a independência e soberania do que forma hoje o território brasileiro.

Nessa trajetória, que varou séculos com intensos desafios, uma causa sempre se fez presente, a qual, apesar de sua relevância, por múltiplos entraves e incompreensível descaso, foi passando de governo para governo até chegar aos dias atuais sem que nenhum deles se sensibilizasse e se manifestasse de modo sério, efetivo, de compromisso empenhado, na transformação da realidade vivida pelos citados habitantes primitivos no sentido de lhes dar assistência, proteção e garantia de inclusão ao progresso alcançado pelo “homem branco”, sem, no entanto, perder a sua tradicional cultura.

Em vez disso, o que a história desse povo revela é que, desde o ano de 1.500 até hoje, o já citado inexplicável abandono fez com que todos se esquecessem da nobre e sofrida causa indígena sobre a qual nenhum dirigente deste país quis colocar a mão de forma decisiva, com o intuito de, pelo menos minimizá-la.

Contudo, é fato que alguns governantes até tentaram intervir na questão com bons propósitos, mas as iniciativas postas em prática foram por demais tímidas diante do gigantesco problema que se tinha pela frente e, como era de se esperar, pouquíssimos resultados foram alcançados, dentre eles, a demarcação de alguns territórios indígenas. Porém, na dimensão geral dos bons serviços que deveriam ter sido implantados e implementados ao longo do tempo que se passou, o pouco que se fez nada significou diante da complexidade da causa dos índios no Brasil. Ao contrário, o que era imprescindível de se realizar e deixou de ser feito, contribuiu de forma avassaladora para que a deprimida situação de abandono se agravasse a ponto de expor várias comunidades frente ao risco de extermínio e extinção. Ao serem expostos a tais riscos não foi possível conter as agressões sofridas, o que culminou com a eliminação total de aproximadamente 1.400 povos indígenas desde que o Brasil foi descoberto, dentre eles, os Aimoré, os Botocudo e os Caeté.

O restante da causa prioritária em foco que ficou estagnado, por exemplo: a proteção e a vigilância, permanente e ostensiva, por parte dos órgãos competentes

sobre as áreas de terras já demarcadas, a educação, a assistência médica, odontológica e social aos membros das comunidades indígenas, por não terem conseguido mudar para melhor as relações e a divergência de conhecimentos entre as partes o “status quo” de tudo isso só serviu para ridicularizar ainda mais o que já era crítico. Exemplo que comprova tais afirmações é o que vem acontecendo com a comunidade yanomami no extremo norte do Brasil, onde aquele sofrido povo está sendo submetido a uma continuada onda de invasão de suas terras, de contatos com inescrupulosos garimpeiros, de falta de proteção, fatos que já nos fazem crer e sentir que a sua extinção é apenas uma questão de tempo se a política aplicada no trato das questões indígenas não for mudada.

A ocasião é propícia para se lembrar de que durante os séculos já transcorridos desde o descobrimento do Brasil, foram extintos 137 povos na Região Centro Oeste; 344 povos na Região Nordeste; 820 povos na Região Norte; 33 povos na Região Sul; e 143 povos na Região Sudeste.

Na continuidade dos dias e das injustiças há séculos praticadas contra os silvícolas brasileiros, lamentáveis relatos indicam que os humanos aqui encontrados em 1.500 era de pouco mais de um milhão, soma que no decorrer de três séculos caiu para menos de 180 mil e agora, depois de reformulação nas políticas adotadas por alguns governantes, referida população voltou a crescer estando hoje entre 700 e 800 mil. Entretanto, conforme dados em poder da FUNAI, vários grupos continuam à beira de definitivo desaparecimento. Alguns exemplos podem ser citados como os Avá-Canoeiro (no Tocantins), os Kanôê (em Rondônia), os Akuntsu (em Rondônia) e os Piripkura (em Mato Grosso).

A ser também levada em conta ainda há outra questão que se soma ao maior dos absurdos por nunca ter deixado de ameaçar o futuro dos povos indígenas do Brasil. É que falsas ONGs e missões religiosas com as mais diversas denominações, missionários e indigenistas alienados, sem o preparo que deveriam ter para lidar com a causa dos nossos índios, aventam medíocre opinião de que o isolamento dos grupos que ainda permanecem nessa condição seria eficaz solução como medida protetiva, pois dessa forma evitar-se-ia a introdução, nas comunidades indígenas, de doenças contagiosas comuns entre a população não indígena. Ocorre que o isolamento os deixa relegados ao desamparo, sem assistência e, por isso mesmo, mais expostos à truculência predatória dos fanáticos invasores e a doenças que não são transmissíveis pelo contato com os não índios. É o caso dos males que têm suas origens nas picadas de insetos e de animais peçonhentos, bem como das doenças que decorrem de fungos, bactérias e micro-organismos, as quais, muitas vezes podem levar à morte se não houver acesso a tratamento médico a tempo.

Por outro lado, em toda a extensão de matas e florestas deste país já se faz notada a presença dos não

índios que para lá migram em busca da sobrevivência. Tais empecilhos são o mínimo de tudo o mais que contraindica o critério de isolamento.

Para elaborar e implantar políticas indigenistas e ter bons resultados com o modelo de vida selvagem em que se encontram os povos indígenas é preciso primeiro pensar em tirá-los do atoleiro em que se encontram e ter na consciência noção do que poderá acontecer do outro lado da questão: Do outro lado está o índio com sua cultura e tradição. E mais: Do lado de lá se encontra uma criatura racional que, como tantos outros seres sente dor, frio e fome, uma criatura que tem sonhos e aspirações dentre eles, ser o melhor guerreiro, o melhor caçador, o maior vencedor e viver cada dia com mais conforto. A vida selvagem para o índio não é só pelo gosto, é também pelas circunstâncias que o envolvem e por uma herança que vem de seus ancestrais.

Ademais há que se levar em conta que o ser humano é, por excelência, de natureza gregária e a política indigenista do passado, que foi sempre a do abandono, demonstra que é preciso mudar para que a situação atual também mude. Então, o que se torna exigência prioritária não é continuar mantendo as tribos dispersas, nem os grupos isolados. Os que vivem em ocas, malocas, tabas e tribos em dispersão num raio de grandes distâncias, conveniente seria agrupá-los em regiões com facilidade de acesso e mais próximas umas das outras facilitando assim o acesso à assistência e aos serviços que a União lhes deve prestar como suporte ao seu desenvolvimento, progresso, bem-estar e garantia de sobrevivência para todos.

Não é nada imaginário, nem tão difícil de se entender que viver na selva, tal como vivem os animais indomados, seja ou não o modo de vida aspirado pelos povos indígenas. Eles também almejam o alcance do bem-estar e do conforto. Não fosse assim nada teríamos a narrar sobre a história dos povos Inca, Maia e Asteca, que existiram na era pré-colombiana das Américas como as civilizações mais desenvolvidas do ponto de vista material. Como reforço às afirmações acima, citam-se aqui alguns nomes de lideranças indígenas atuais que lutaram por uma vida melhor e mais digna, e conseguiram ver seus sonhos realizados:

SÔNIA GUAJAJARA, Primeira Ministra dos Povos Indígenas; CÉLIA XAKRIABÁ, antropóloga e professora; JOÊNIA WAPICHANA, advogada; ARISSANA PATAXÓ, artista plástica; JULIANA ALVES, professora indígena; SÔNIA BENITES, pesquisadora e antropóloga; KATÚ-MIRIM, cantora, compositora e atriz; RENATA TUPINAMBÁ, jornalista, produtora e poetisa.

Contudo, a continuar com o tratamento que vem sendo dispensado aos povos indígenas do Brasil, daqui a cem anos o progresso obrigará todas as regiões do planeta a se integrarem e a se comunicarem continuamente e não será possível ao Brasil evitar o povoamento da região norte, nem manter sua imensidão de fronteira em terra firme sem abertura de estradas e ferrovias. Se nada mudar, com relação à política indigenista brasileira, no final do citado tempo ainda iremos ver aqui, no Brasil, seres humanos analfabetos vivendo acuados e ameaçados em seu “habitat” como se fossem animais selvagens, perambulando nus, sem cuidados com a higiene pessoal, copulando com parentes de primeiro, segundo e terceiro grau, sem saber dos seus direitos individuais, enfim, sem saber até mesmo que valor terão os bens materiais que estiverem possuindo.



opinião

ESTAR MAÇOM

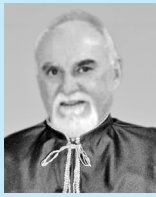
Carlos Roberto Neri Matos | Cadeira nº 35

Estive pensando sobre tudo que estudei, vi, li e ouvi desde que iniciei em Mahatma João Racy 28 em 2010. Quatorze (14) anos pode parecer muito mas é pouco tempo! Mas é o suficiente para ousar dizer

e escrever que estar maçom é fácil, basta iniciar e ir subindo na escada de Jacó. Ser maçom é que são elas! É tentar falar sempre com o coração e tendo a razão de companheira, deixando-se enxergar as perspectivas

dos outros até mesmo quando não concordamos ou somos magoados. Ser maçom é saber perdoar, o que é justo de se perdoar. Ser maçom é saber que erramos e reconhecemos isso de coração limpo. Ser maçom é participar da Ordem sem querer ser o maioral, pedindo ou aspirando cargos e comendas, o reconhecimento vem naturalmente e, se conseguir tudo isso, ainda ser amigo, leal, interessado e irmão. Ser maçom é ser de bom coração nas inúmeras situações por quais passamos,

nunca desejando o mal do outro ou sendo desrespeitoso e injusto, não reconhecendo a ajuda que recebemos em nosso caminho. Ou seja, naquilo que depende de nós. Se nos esforçarmos é bem possível ser um bom maçom. Sendo um bom maçom isso se irradiará em nosso trabalho, na nossa família e em tudo mais ao nosso redor. E olhem que nem abordei às questões internas entre colunas dos estudos, da ritualística e da espiritualidade da alma.



opinião

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: SEM PERFUME, VIDA E TESÃO

Alexandre Avelino Giffoni Júnior | Cadeira nº 12

Os diálogos socráticos sobre Inteligência Artificial, saboreados com a minha professora de qualidade de vida, exalam questões psicológicas sobre imaginação e criatividade dignas das mais altas rodas intelectuais dos botecos das Minas Gerais.

O “bouquet” do vinho tinto, o perfume das rosas vermelhas ou o hálito moreno da namorada poderiam inspirar os versos de um poeta binário?

Sem a dúvida cartesiana ébria de emoções afetadas por feromônios, ou a estética dos sorrisos enamorados, a

graça poética seria diluída pela lógica tecnológica e informacional de sabor e perfume impossíveis? É certo que uma série de combinações gramaticais e lexicais podem dar conteúdo e sentido às respostas para uma pergunta curiosa. Mas, onde o aroma, o calor, o sabor dos versos do Pessoa ou a paixão da poesia na voz da Elis?

Mesmo a mais complexa psicologia da arte apropriada por combinações estatísticas teria limitações impostas pela falta dos desejos, aqueles mesmos que provocam a vontade de imaginar, de criar e de agir. As atividades e ações, estratégias e táticas do flerte disfarçado, do namoro oculto, dos versos molhados pelo néctar doce da virgem amada, certamente não

seria realizável pelo mais inteligente cérebro eletrônico.

Como reproduzir as correções das falhas humanas a transpirar dos movimentos vacilantes do gênio enxadrista? Ou as emoções dos diálogos trágicos da vida, em Shakespeare?

Ah! Que planejamento didático inteligente e artificial poderá fazer nascer as descobertas e as surpresas dos processos de ensino-aprendizagem, nas travessias a dois de zonas desconhecidas, próximas ou distantes? Eis as montanhas pesadíssimas a serem movidas por escritores, poetas, artistas, educadores, programadores, planejadores; mas também por leitores, estudantes e amantes de carne e osso. (Continuaremos no próximo número).



artigo

O CALENDÁRIO ILUSÓRIO DA MATRIX!

Francisco Feitosa | Colaborador

Então, como foi seu Carnaval? Vestiu a fantasia e pulou bastante? Muita descontração e alegria. Momento de festejar e sair da rotina. Alguma coisa de mal nisso? Acredito que não! Precisamos dar uma relaxada, não é mesmo? Pois é! Achei por bem te enviar este texto, propositalmente, após o feriado de Carnaval.

Embora, alguns afirmem que o Carnaval se trata de uma festa popular tradicionalmente cristã, pelo fato de ocorrer antes da estação litúrgica da Quaresma, sua origem é bem anterior. Podemos citar aqui festivais como as saturnálias romanas, em comemoração ao deus Saturno, e as celebrações em homenagem a Dionísio, na Grécia. Essas festas antigas eram tempos de desinibição e excesso, e as pessoas podiam desfrutar dos prazeres terrenos.

Esses festejos eram de tamanha importância, que tribunais e escolas fechavam as portas durante o evento; escravos eram alforriados; as pessoas saíam às ruas para dançar. A euforia era geral! Na abertura dessas festas ao deus Saturno, carros, buscando semelhança a navios, saíam na “avenida”, com homens e mulheres nus. Esses eram chamados os “carum navalis”. Muitos dizem que daí saiu a expressão “carnevale”, originando-se em carnaval.

Como preâmbulo, aproveitamos esse momento de festejos, em que o povo se permite esquecer da vida e se soltar na folia, para dar continuidade à publicação de mais um texto dentro do Programa Despertar. Entrada de um novo ano, oportunidade para muitos folhearem o calendário, a fim de procurar quantos feriados cairão perto do final de semana. Não é mesmo?

Janeiro, já o primeiro dia é feriado – Dia Mundial da Paz! Normalmente, aproveita-se para curar a ressaca do réveillon. Dia 06 de janeiro, é Dia de Folia de Reis. Embora, não seja feriado, é, tradicionalmente, uma manifestação católica, cultural, festiva e folclórica no Brasil. É o dia em que, por tradição, desmonta-se a Árvore de Natal. Geralmente, em fevereiro ou março, dependendo do calendário litúrgico da Igreja Romana, tem lugar a festa mais popular do mundo, o já citado Carnaval.

Após a Quaresma, portanto, 40 dias após o Carnaval, temos a Semana Santa. A Quinta-Feira Santa ou de Endoenças; a

Sexta-Feira da Paixão (tradicionalmente, dia de comer peixe); Sábado de Aleluia (dia de malhar o Judas); e o Domingo de Páscoa (dia de ganhar o ovo de chocolate, do coelho. Meio estranho, né?).

Brincadeiras à parte, entramos em abril e temos o feriado do mártir Tiradentes. Em maio, no primeiro dia, comemoramos o Dia do Trabalhador. Lembrando que, em 2023, o brasileiro trabalhou os primeiros 147 dias do ano para pagar impostos. Ou seja, comemoramos o Dia do Trabalhador no dia 1º maio, mas tivemos que trabalhar até o dia 27 do mês, para, de fato, começar a receber o bendito salário, segundo o IBPT – Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação. Fico a me perguntar: o que estaríamos comemorando?

Ainda, em maio, convencionou-se, com todos os méritos, a comemoração do Dia das Mães, no 2º domingo. Pela nobilíssima função de dar a oportunidade da vida a um outro ser, quisera fosse comemorado em todos os dias do ano. A Igreja católica celebra, conforme seu calendário, mais uma solenidade do Santíssimo Sacramento – o Corpus Christi, que significa “Corpo de Cristo” e essa data lembra o ato, registrado na Bíblia, realizado por Jesus, na Quinta-Feira Santa, véspera de sua morte, quando ceou com os seus discípulos, partilhando o pão e o vinho.

Em junho, temos o Dia dos Namorados, dos “namoridos” e dos eternos apaixonados. A manutenção da chama do relacionamento de um casal. Muito saudável e necessário, diga-se de passagem. Em nenhuma outra época do ano se vende tantas flores e caixas de bombons.

Agosto, no 2º domingo, é o Dia dos Pais. Dia de homenagear nosso herói, aquele que nos ensinou os primeiros passos e, através de seus exemplos, conduziu-nos no caminho reto da vida. Setembro temos o Dia da Independência do Brasil. Enfim, libertamo-nos de nossos colonizadores e passamos a ser escravos de nós mesmos. Maravilha! Pelo menos, é feriado e quando cai numa quinta-feira... Sextou! Outubro temos o Dia das Crianças. E, mais uma vez, aquecemos o comércio comprando presentes. Quem lembra dessa propaganda? “Pai, não esqueça da minha caloi!” Tudo bem, apelei. A maioria de vocês não tinha nem nascido. Ah, nossos pequeninos merecem! Sem falar que coincide com o Dia da Padroeira

do Brasil, logo, é feriado! E a tradicional “Semana do Saco Cheio”, em alguns lugares! Maravilha!

Novembro temos a Proclamação da República. Comemorado por alguns, ignorado pela maioria, a República Federativa dos ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL, conforme aparece na Constituição de 1891. Isso mesmo: Brasil com “Z”, aos que têm olhos de ver, cabe aqui uma pesquisa profunda sobre a soberania de nosso país, a partir desse momento. Interessante que na Constituição de 1824, escrevia-se Brasil com “S”. Acesse o link e entenda a história macabra que está por detrás disso. Garanto que você irá se surpreender: <https://www.youtube.com/watch?v=YX2SjxJvRaA>

Chegamos em dezembro e temos o Natal que, embora seja, na verdade, uma data inventada pela Igreja Católica, extraída do Mitraísmo – o Dia do Sol Invictus, foi adaptada ao nascimento de Jesus – o Cristo, passando a ser uma data de confraternização das famílias e, diga-se de passagem, mais outra grande oportunidade para aquecer o comércio. Vamos combinar: mesas fartas, presentes, muito desperdício e poucos se lembram do suposto “Aniversariante”!

Por fim, temos o Réveillon. Dia de colocarmos roupa branca; pular 7 ondas; soltar fogos – para desespero de nossos pets; e comemorarmos mais um ano que se inicia! Fazer dieta, caminhada e outras promessas que, mais uma vez, não se cumprirão! E assim o ano se foi, mais uma vez! Lembram da ressaca no dia 1º do ano, Dia Mundial da Paz? Pois é!

Bem, todos conhecem essa Matrix. Pão e Circo é uma tática antiga que mantém a humanidade distraída, criando “Janelas de Oportunidades”, durante todo o ano, para que nossos dominadores passem ao largo, despercebidos em suas ações nefastas.

Ao longo de todo o ano, a população vai sendo distraída com comemorações e feriados prolongados, abastecendo o comércio e iludindo-se com as promoções, para pagar a perder de vista. Essa “cortina de fumaça” nos impede de enxergar a realidade dos fatos. A mídia, um dos tentáculos dos manipuladores, vai induzindo a população a um consumismo desvairado, imputando-lhe um “sonho de consumo”. Palavra muito bem apropriada para esses

Grande Bibliotecário do Supremo
Conselho do Grau 33 do
REAA da Maçonaria para a
República Federativa do Brasil

que continuam dormindo, em sua zona de conforto e se negam a Despertar para a realidade.

Gostaria de apresentar alguns fatos, que merecem uma reflexão: em janeiro de 2024, a Fiocruz e UFRJ informam ter avançado em inovação capaz de antecipar novos surtos infecciosos. Ao mesmo tempo, cientistas acreditam que a próxima pandemia pode começar no Brasil, e o anúncio de que o Brasil poderá originar a tal doença X, responsável pela próxima pandemia. Também, em janeiro, tivemos a visita de ninguém mais do que o Diretor Geral da OMS, no Brasil, recebido pelo Presidente da República. Por acaso, e tão somente, por acaso, em Davos, na Suíça, nesse mesmo mês, aconteceu o Fórum Econômico Mundial, com destaque na delegação brasileira para a ministra da saúde do Brasil. Coincidências a parte, de todos os países participantes, foi a única ministra da saúde presente ao Fórum. Observem sua afirmação: os países devem estar preparados para nova emergência sanitária. A quem interessar, liguem os fatos. Deve ser, apenas, mais uma mera coincidência! Deixe o link sobre a matéria, para quem se interessar.

Voltamos a falar do Carnaval, cuja maioria da população se divertiu bastante ou, pelo menos, varou a madrugada assistindo sua escola de samba preferida, no Sambódromo ou na telinha da TV, enfim, deixou-se envolver pela magia (não branca) da folia da saturnália.

Apenas, uma lembrancinha: em 2020, logo após o carnaval, surgiu a epidemia que, logo, transformou-se na pandemia que ceifou milhares de vidas e encheu os cofres de muitos laboratórios farmacêuticos. Os efeitos letais da inoculação, antes, “teoria da conspiração”, traduziram-se em trombozes, miocardites e um assustador número de cânceres.

Bem, terminou mais um carnaval e, a partir de então, voltaremos a folhear o Calendário Ilusório da Matrix, a procura de mais um feriadão na bela nação tupiniquim. Seria, tão somente, mais uma coincidência se nos próximos dias anunciássemos mais uma pandemia X ou Y? Talvez não, né? Agora, livres de confetes e serpentinas, façam suas reflexões e tirem suas próprias conclusões! Ah, o próximo feriado? Dia 29 de março – Sexta-Feira Santa. Lembre do peixe, tá!



educação&cidadania

ÁGUA E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL – III

José Mariano Lopes Fonseca | Cadeira nº 06

As empresas, com evidência para as indústrias, têm papel extraordinário nesse cenário. Ao adotar práticas sustentáveis de consumo e combater o desperdício, é possível economizar até mesmo recursos financeiros. A recomendação vale das grandes fábricas aos pequenos escritórios: quando o assunto é a água, qualquer gota é importante.

As reservas hídricas do planeta podem encolher 40% até 2030. A previsão da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) foi divulgada no Relatório Mundial das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento de Recursos Hídricos 2015 e estudos em pesquisas mais recentes – Água para um Mundo Sustentável.

De acordo com o documento, não se trata de um problema de disponibilidade, mas de direção. O grande desafio é adotar um padrão de consumo mundial sustentável e, ao mesmo tempo, garantir o acesso às 748 milhões de pessoas que ainda não têm acesso à água potável, ou seja, é preciso propor urgentemente melhores políticas públicas para manutenção da sua qualidade e preservação, além da “gestão deste recurso para garantir o abastecimento da população mundial” e, se nada for feito, as “reservas hídricas do mundo” podem encolher mais 40% até 2030. Os estudos mais recentes apontam que esse percentual tem sido considerado com um aumento progressivo cada dia mais.

O relatório apontou, ainda, que mais de 20% dos aquíferos mundiais já são explorados de forma excessiva, o que pode acarretar consequências como a erosão do solo e a invasão de água salgada nesses reservatórios.

O documento, elaborado pela agência da ONU para Educação, Ciência e Cultura, a Unesco, aponta ainda que 748 milhões de pessoas no planeta não têm acesso a fontes de água potável.

Sete práticas para poupar água na empresa: Nesse contexto, a atuação consciente das empresas ganha importância fundamental, tanto no consumo adequado quanto na adoção de estratégias de reaproveitamento. Vale lembrar que não são necessárias grandes revoluções na estrutura da empresa para evitar o desperdício: pequenas atitudes diárias fazem a diferença.

Faça vistorias regularmente: Alguns vazamentos podem ser imperceptíveis: encanamentos antigos, válvulas com descargas desreguladas e torneiras com gotejamento mínimo são alguns exemplos. Ao realizar vistorias de forma regular – semestralmente, por exemplo –, é possível prevenir o desperdício.

Capte água da chuva: Aproveitar a água da chuva não requer um investimento de grandes proporções. Como ela não precisa ser tratada, fica prático utilizar pequenas cisternas para captação e posterior utilização. A água captada pode ser utilizada para limpeza em geral.

Avalie todos os processos da empresa: Procure identificar, em uma análise detalhada, quais práticas demandam mais consumo de água na empresa. A partir daí fica mais fácil atuar sobre os principais vilões e perceber possíveis inconseqüências.

Treine seus funcionários: De nada adianta você utilizar os recursos hídricos com inteligência se a sua equipe não comprar a ideia e continuar o desperdício. É necessário conscientizar os funcionários com ciclos de palestras, seminários e avisos. Se nada disso adiantar, talvez seja criterioso adotar um regime de multas para combater o desperdício.

Envolva os consumidores: Não há problema em transmitir uma imagem sustentável e incentivar o consumo consciente entre os consumidores, desde que a sua empresa seja coerente e adote práticas desse tipo no dia a dia. Os clientes tendem a estimar as empresas que se preocupam de forma sincera com a cidade, a comunidade e o ambiente no qual estão inseridas.

Instale torneiras com fechamento automático: Controlar a vazão dos registros de forma automática é um recurso simples e efetivo, principalmente nos locais onde há grande compressão de água.

Adote a lavagem a seco: Lavar algumas roupas e uniformes a seco pode ser uma boa opção para evitar a escassez de água. Mas o serviço tende a custar mais caro, principalmente em lavanderias especializadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do trabalho, percebeu-se que sustentabilidade e desenvolvimento sustentável são conceitos novos, ainda em formação que, porém, estão em discussão perante todo o mundo, principalmente quando o assunto principal é o meio ambiente, como em destaque a água.

O Brasil, país com a maior reserva de água doce potável do mundo, deve ser o principal alvo das grandes potências quando a água começar a acabar em seus territórios. Desta maneira, deve o país ser o mediador na discussão sobre os rumos tomados pelo planeta com relação ao meio ambiente, atuando de forma a consolidar os ideais da sustentabilidade no país e expandir essa cultura perante o mundo inteiro.

Para isso, não são necessárias enormes quantias de dinheiro para abonado desenvolvimento sustentável de um país. Mudanças efetivas devem ser realizadas. A primeira delas diz respeito ao ordenamento jurídico nacional. Deve-se, por meio dos governantes e dos órgãos fiscalizadores, efetivar leis que conduzem os recursos hídricos no país, que faz valer os princípios do poluidor e usuário-pagador.

Como assegurado durante todo o texto, a educação é o principal meio de difundir uma cultura de sustentabilidade. É necessário demonstrar que, com pequenas ações, como desligar a torneira ao escovar os dentes ou ao lavar a louça, apesar da pouca economia, se levada em consideração com a economia realizada conjuntamente por todos, poderá garantir um, dois dias a mais de água para uma família.

Deve-se, também, efetivar a Agenda 21, documento de memoráveis intenções que, entretanto, é letra expirada no país até os dias de hoje. Colocar em prática as propostas da Agenda 21 Brasileira, unidas à educação ambiental, com lógicas práticas de uma cultura de sustentabilidade e efetivação do ordenamento jurídico ambiental trará, em pouco tempo, um país melhor para viver e, acima de tudo, a garantia aos cidadãos de hoje o indispensável para sua sobrevivência, e não menos admirável, deixar aos cidadãos de amanhã a possibilidade de viver com todas as suas necessidades certificadas.



artigo

OS DEVERES DE UM MAÇOM E A OBRA GUERRA E PAZ DE LIEV TOLSTÓI – I

Osmir de Assumpção | Colaborador

Baseado num dos clássicos da literatura mundial, Guerra e Paz de Tolstói, este artigo pretende fazer uma análise comparativa da maçonaria na vida do personagem da obra, o Conde Pierre Bezoukov.

A pretensa análise comparativa, dividir-se-á em três partes, conforme se segue: i. tomo I – será sobre o despertar do interesse do Conde Pedro para a Ordem Maçônica; ii. tomo II – tratará da iniciação do personagem na Ordem Maçônica; iii. tomo III – falará sobre um embate ocorrido pelo personagem e seus irmãos de loja, o qual se decepciona com a recusa destes em aceitar a implementação de ideias modernas da Maçonaria Europeia na degradante Maçonaria Russa do século XIX.

Lev Nikolaevitch Tolstói ou apenas Leo Tolstói (1828-1910), é reconhecido por ser um dos escritores mais fiéis à realidade maçônica. Tolstói não foi maçom, era filho, parente e amigo de maçons, de onde obteve as informações que utilizou na obra Guerra e Paz.

Imaginemos meus irmãos, um daqueles caprichos do destino ou designio do Grande Arquiteto do Universo, que trabalha a favor de um necessitado, um daqueles encontros capazes de mudar a vida de uma pessoa, foi o que ocorreu com o Conde Bezoukov. Um homem sem rumo na vida, consumou um casamento que o torna infeliz e apesar da riqueza material, está em busca do seu “eu interior”.

O encontro entre o interlocutor, um viajante desconhecido e nosso personagem, dá-se numa hospedaria barata no interior da Rússia Czarista do início do século XIX – durante a invasão Russa pelas tropas Napoleônicas. Após analisá-lo sob a ótica de um Maçom livre e de bons costumes, pergunta o desconhecido:

– É ao Conde Bezoukov que eu tenho o prazer de dirigir a palavra, se me não engano.

A pergunta marca o início uma série de questionamentos sobre a vida profana do Conde.

Os questionamentos do desconhecido, a priori, não despertam interesse no Conde. Sem se abater, o interlocutor, homem de certa idade, diz ter ouvido falar dele e das desgraças que lhe abateram e sente muito por isso. A afirmativa é o suficiente para atrair a atenção do Conde, que passa a ouvir atentamente. O desconhecido diz não ser um mero curioso e vê como graves suas questões, sabe de sua infelicidade e gostaria de ajudá-lo. Apesar de aparentar pouca cordialidade e certa severidade, o desconhecido atrai a atenção do Conde Bezoukov. Percebendo um anel com uma caveira e dois ossos cruzados – insígnia da maçonaria da época – no dedo do desconhecido, o Conde pergunta se o mesmo “é franco-maçom”, ao que este consente, diz que em seu nome e em nome da Franco Maçonaria estender-lhe-á sua mão fraternal.

Ato contínuo, o Conde abre seu coração e admite ter medo de que suas ideias sobre a alma humana sejam muito opostas e não ser compreendidas. O maçom diz conhecer suas ideias e que são iguais a maioria das pessoas, fruto do orgulho, da indolência e da ignorância e afirma que suas opiniões são um erro lamentável, mas deixa claro não ser “dono da verdade”. Demonstrando firmeza nas palavras, afirma que a verdade só pode ser atingida pedra a pedra, com o auxílio de todos, das várias gerações que vem desde Adão, diariamente trabalhando na edificação de um templo digno de ser habitado por Deus.

Bezoukov confessa não acreditar em Deus. A resposta deixa o franco-maçom com ar de caridade. Como se olhasse para um necessitado diz que a infelicidade do Conde se deve ao fato de não conhecer a Deus. O Conde confessa ser infeliz e pergunta o que deve fazer. O Maçom repete que o motivo de sua infelicidade é não conhecer o criador, diz que Ele está aqui, está nas suas palavras, até mesmo nas mais sacrílegas que proferiu. Com ar severo e sereno afirma que se Deus não existisse eles não estariam a conversar sobre Ele e pergunta de onde surgiu sua descrença.

Longo tempo em silêncio e o Conde, absorto em seus pensamentos, nada responde. O franco-maçom afirma que Deus precisa ser compreendido. Com entusiasmo esclarece que por ser ele um mísero mortal, não pode mostrar Sua poderosa força, Sua eternidade e Sua infinita misericórdia, aos cegos, aos que tapam os ouvidos, ou aqueles que fecham os olhos para não vê-lo, para não compreendê-lo.

Assim, não compreendem sua própria miséria, sua própria corrupção. Tu te julgas um sábio por pronunciar palavras profanas, porém é mais tolo e insensato do que um menino que se entretém com os movimentos dos ponteiros de um relógio sem compreendê-lo, não acreditando no engenheiro que o projetou.

Continua na próxima edição...



educação&cidadania

HUMANAMENTE SE SITUANDO ENTRE VIVER E EXISTIR

Newton Agrella | Colaborador

O influente e notável escritor e poeta irlandês Oscar Wilde escreveu: "...Viver é a coisa mais rara do mundo. A maioria das pessoas apenas existe..." Se nos ativermos ao plano da essência filosófica e não meramente formal, perceberemos que há uma significativa e sensível diferença entre existir e viver.

"Existir" traduz-nos a ideia e a noção de presença, seja ela material ou abstrata, breve ou longa, inteira ou parcial.

Porém, na sua acepção vocabular, seu significado está atrelado a um conceito de inércia e de permanência. A existência, por si só, revela um estado que não comporta movimento ou transformação.

Simplesmente é ou está. Essa passividade é o que caracteriza sua configuração no tempo e no espaço. E que fique claro que não há absolutamente qualquer indício de demérito nisso. Pelo contrário, a existência é o que provoca a capacidade de se tornar referência a tudo o que gravita, transpõe, transita e até o que se distancia ou se afasta de seu eixo.

Por outro lado, se nos abstermos de um olhar incisivamente cartesiano, perceberemos que "viver" revela a dimensão de um significado pleno de desafios, posto que sua essência, ensaja a capacidade de transformar, modificar, de ser ativo, e de que o ser humano está propenso a se adaptar às mais diversas circunstâncias, uma vez que a vida

é a experiência mais densa e profunda pela qual se pode transitar.

Ao historiador grego Plutarco, é atribuída a frase: "...É preciso viver, não apenas existir..."

Sem qualquer intenção de se inspirar em frases, mas é inequívoco que o exercício do pensamento se vale de referências, até mesmo porque viver impõe essa ação contínua para que a nossa existência se justifique e faça sentido.

Cada um de nós, vive sua história na intensidade que lhe é permitida. E essa prerrogativa existe como um registro particular e pertinente a tudo o que cada um de nós produz ou produziu.

O desejo latente que cada pessoa leva consigo é o de viver e não apenas o de existir. Dispomos do dom da escolha de viver bem, de viver feliz, e não de deixarmos-nos ser "levados pela vida". A vida é o maior bem que o ser humano possui.

Isto significa que em princípio, "viver" é antes de mais nada um genuíno ato de sabedoria, ao passo que "existir" constitui-se numa relação cronológica, que se estabelece entre o ser humano e o Universo, que obedece um critério de duração e de conformidade com as experiências acumuladas.



artigo

JK E A FANFARRA

Paranahyba Santana | Cadeira nº 25

O Brasil do pós-guerra ainda vivia os efeitos da dureza que assolou o mundo com a brutalidade e mortandade de um conflito mundial. A Alemanha se associara à Itália e ao Japão numa tentativa de ter o domínio político sobre todas as nações. Milhões foram mortos até que a 2ª Guerra Mundial tivesse seu fim. De todos os lados acorreram fugitivos dos países derrotados que, em debandada, procuravam novos ares para continuarem suas vidas. O Brasil, do outro lado do oceano, com sua extensão territorial e ad dificuldades tecnológicas de um país medianamente pobre, foi profusamente escolhido por boa parte dos alemães e de outro tanto de italianos.

Na política interna, Getúlio Vargas havia sido deposto em 1945. Em Seu lugar assumiu o então Presidente do Supremo Tribunal Federal, José Linhares, que governou o País por 94 dias, até a posse do Marechal Eurico Gaspar Dutra, eleito com mais de três milhões de votos da época.

Dutra, governou o Brasil na integralidade de seu mandato de 5 anos, passando a Faixa Presidencial a Getúlio Vargas, que governara o País em dois turnos anteriores, de Presidente a Ditador no período de 1930 a 1945. Getúlio Vargas voltou à Presidência do Brasil através do voto popular para um novo mandato de 5 anos, com quase quatro milhões de votos. No entanto, em 24 de agosto de 1954, com um tiro de revólver disparado contra o próprio peito, suicidou-se depois de três anos e duzentos e cinco dias de sua posse.

No embalo de uma comoção sem precedente na Nação, o vice-Presidente Café Filho assumiu o governo e comandou o Brasil no período de 24 de agosto de 1954 a 08 de novembro de 1955. Afastou-se da Presidência depois de um ano e setenta e seis dias, motivado por problemas de saúde.

Com o país novamente perplexo, assumiu a Presidência o então Presidente da Câmara Federal, Carlos Luz. Foi aquele que cumpriu o mandato de Presidente da

República mais rápido da história, ficando no cargo por apenas três dias.

Na condição de 1º Vice-Presidente do Senado, assumiu a Presidência da República, Nereu Ramos, que governou por oitenta e um dias, completando o quinquênio presidencial.

Com o país dilacerado politicamente com as vicissitudes que lhes foram impostas, foi eleito com o slogan de campanha "50 anos em 5", o médico mineiro Juscelino Kubitschek de Oliveira, o JK, o único filho de cigano a presidir o Brasil. Cumpriu integralmente seu mandato de cinco anos, no período de 31 de janeiro de 1956 a 31 de janeiro de 1961. Considerado o Presidente do Brasil Moderno e conhecido como "Presidente Bossa Nova" (ritmo musical que eclodiu no Brasil e foi para o mundo), fez um governo de velocidades e decisões meteóricas, havendo construído e transferido o governo para uma nova Capital, Brasília, que construíra, da partir do zero, neste espaço de tempo. Praticamente interiorizou o Brasil a partir de seu governo. Cortou-o de rodovias e deu impulso a novos desenvolvimentos.

Talvez nenhuma unidade da Federação deva tanto a JK como o Estado de Goiás, pois foi em seu núcleo territorial, considerado o Ponto Zero do Brasil, que fez nascer a nova Capital. Goiás se multiplicou diversas vezes após o início da construção de Brasília. Em pouco tempo, além de uma usina hidrelétrica com o nome romântico de Serra Dourada, haviam sido construídas três rodovias federais, que cortaram o território goiano em direção ao Norte, ao Sudoeste e ao Sul, ligando-o ao Norte pela Belém-Brasília, como foi chamado o segmento norte da BR-153; ao Mato Grosso e países do Oeste da América do Sul pela BR-060; e, ao Sul do País e da América pela continuação da BR-153, uma das principais responsáveis pela Integração Nacional, pois sua extensão vai até a fronteira Brasil-Uruguai. Na verdade, ao trazer a Capital para Brasília, sem dar um tiro, conquistou um território maior que a Europa. O Brasil

não teria como sobreviver neste mundo moderno de hoje se não tivesse conquistado seu próprio território. Como se conseguiria chegar Rondônia? De que maneira o país seria o maior produtor de soja e o maior criador de gado do mundo?

Senhores, tecemos comentários a respeito dos mandatários da Terceira e Quarta República do Brasil, com a intenção de chegar até JK e o que o Brasil passara até chegar ao seu governo. E a alegria e amor próprio em alta de praticamente toda a população, que vivia ares de país que, finalmente, dera certo.

Porém, em 31 de março de 1961, novamente o Brasil seria estremecido política e historicamente. Agora, por um golpe militar que durou até 15 de março de 1964. Durante esse período, na esperança de voltar ao Palácio do Planalto, JK resolveu candidatar-se ao Senado pelo Estado de Goiás, em eleição extraordinária, na vaga havida com a renúncia do titular da cadeira, Senador Taciano Gomes de Melo, exatamente para propiciar a vaga para a candidatura do Ex-Presidente. Depois de tantas datas e Presidentes, chegamos ao ponto do porque os trazemos até aqui.

Durante a campanha de JK à cadeira no Senado, houve um comício em uma pequena cidade do interior de Goiás. Para dar mais volume ao acontecimento político e movimentar mais ainda aquela imensa reunião de pessoas, fora chamada a Fanfarra do Colégio Estadual Professor Pedro Gomes, o Liceu de Campinas. Este que vos fala, humildemente, exercia a função de um dos tocadores de tarol, um tipo de caixa de guerra mais fina e de repique, ocupando um dos lugares da primeira fila daquela banda colegial.

Havia, à época, um concurso da maior seriedade para a escolha da melhor Fanfarra de Goiás. A do Liceu de Campinas sempre se despontou entre as melhores do Estado e, no ano anterior, havia sido eleita a melhor. A campeã! Daí a escolha para fazer uma apresentação e abrilhantar o comício da campanha de JK. Foi lindo e temos a certeza de que aqueles que estiveram presentes naquela oportunidade, ainda deverão ter em suas lembranças aquele episódio político e outro inusitado.

No ocasião, o instrutor da Fanfarra tomara uns goles a mais. A associação do álcool ingerido, a idade e o cansaço, o colocaram a pique e ele foi deixado no

ônibus que servira de condução para levar a Fanfarra até aquela jornada. Então, a "furiosa" saiu em formação padra cumprir seu mister. Sem seu comandante.

Diante do palanque montado para JK, lotado de autoridades políticas, civis, militares e eclesíásticas, além do próprio candidato, a orgulhosa Fanfarra do Liceu de Campinas fez sua majestosa apresentação que, além do rufar dos tambores, taróis e caixas, contava também com os trinado dos instrumentos e sopra e o tinido dos pratos de bronze. O entusiasmo dos alunos do Colégio Pedro Gomes só não era maior que o calor daquela tarde. Mas, mesmo enfiados dentro de um uniforme totalmente inadequado para o clima de Goiás e menos ainda para o daquela urbe, os alunos, a derreter em forma de suor, tampouco se importavam com as intempéries. Se fez calor, não lembramos!

Encerrada as apresentações com diversas evoluções incessantemente ensaiadas ao longo dos meses, a garbosa e triunfante Fanfarra do Colégio Estadual Pedro Gomes, o Liceu de Campinas, seguiu seu caminho deixando para trás os aplausos a que fizeram jus e as primeiras manifestações de oratória erigido na então Praça Brasil, no centro da cidade.

Política para trás e obrigação cumprida, a Fanfarra do Liceu de Campinas seguiu com seus instrumentos de couro rufando e as cornetas emitindo sons altíssimos. Com o "apagão voluntário" do instrutor da Fanfarra, os rapazes que executavam os instrumentos se perderam na cidade e ficaram sem saber para que lado estava o bendito ônibus para o retorno a Goiânia.

Perdidos sim, mas em formação e tocando a todo vapor, órfãos da batuta de seu mestre, foram marchando pelas ruas da cidade. Eis que não quando, viraram em uma de tantas esquinas viradas e subiram a rua na mesma toada. Neste momento, adivinhem o que estava logo à frente? Pois é! A Praça Brasil, com palanque e tudo, já no início do discurso de JK.

E lá vem a Fanfarra! Com seus trinados, tinidos e rufares!!! Entusiasmo puro!!! Calam-se as vozes!!! Licença "Seu Nonô"!!!

Talvez preocupado com nova aparição da agora inoportuna Fanfarra, o Senhor Prefeito determinou que um morador da cidade a guiasse até a condução que os colocaria fora dali, acompanhada de seu embriagado instrutor.



conto

LIBERTOS, FELIZES E DEDICADOS

Helder Vinhal | Colaborador

Beatriz pergunta ao seu pai:
– Papai! O que são essas bolinhas em sua calça?

Ele respondeu:

– É um tipo de erva daninha.

E Pedro foi logo intervindo na conversa:

– Sim Barão Boretti. E elas são chamadas de carrapichos que grudam nas roupas e nas crinas dos cavalos.

Barão Moretti ficou pensativo e logo anunciou:

– Vamos fazer um piquenique? Assim podem conhecer melhor esses carrapichos.

E a meninada quase em coro disseram:

– Oba!!

Apesar de tanto trabalho e por estar ausente de casa, o Barão Moretti sentia muito bem estar próximo a sua família. Laura, sua esposa, adorava esse envolvimento e fez o anúncio:

– Então...meninos! me ajudem a preparar a cesta de piquenique?

E Beatriz respondeu:

– Agora!

Pedro preparava a carroça para que eles pudessem ter um dia agradável. A menina Pâmela foi convidada. Os gêmeos Paulo e Leandro estavam muito animados.

Laura disse:

– Quero vocês bem perto para não se machucarem.

Escolheram ficar perto em um lugar limpo ao lado de uma cachoeira. Passavam por uma estrada dentro de uma mata e podiam sentir o cheiro da mata, escutar os cantos dos pássaros em revoadas. De repente Beatriz grita:

– Pare a carroça! agora!

E Pedro que a conduzia parou segurando firme as rédeas dos dois cavalos que conduzia a carroça, em resposta ao seu grito. Ela desceu. Fechou os olhos, abriu os braços com o rosto levemente inclinado para o céu e disse:

– Aquela árvore vai cair. E precisamos parar para que ela não caia em cima da gente. Papai! Vi ela caindo e interrompendo nossa passagem.

Ele aproximou-se abraçando Beatriz, olhou para Laura, como se soubessem de algo e respondeu:

– Você tem um dom Beatriz de ver as coisas antes que elas aconteçam. Você só tem 5 anos de idade. Isso não é coisa ruim. Minha mãe, sua avó tinha o mesmo dom.

De repente, a árvore caiu. Pedro retirou o chapéu e fez o sinal da cruz. E disse:

– Essa menina é nosso anjo da guarda!

Pedro desceu com um machado e foi cortando a madeira revezando com o Barão Moretti até conseguirem desobstruir a passagem da carroça. O Barão Moretti pediu para Pedro:

– Poderia manter segredo sobre isso?

E Pedro respondeu:

– Sim. Está guardado!

Chegando na cachoeira, todos ficaram admirados pela beleza da lagoa que recebia uma linda cachoeira e iluminada pelo arco-íris. A água límpida e fresca de uma mina d'água. Davam para ver os peixes e os pássaros tomando em goles a água sagrada. Pedro disse a todos:

– Ainda não entrem na água. Vou ensinar algo que aprendi desde que era pequeno.

Cortou um galho de uma árvore com seu facão e retirou as folhas formando uma vara firme e resistente. Depois, ele bateu forte a vara na água três vezes. Logo, surgiu do outro lado, uma cobra que saiu da água e foi para a mata.

O Barão Moretti perguntou:

– Quer dizer que o barulho da vara fazem que as cobras fujam?

– Sim! Na verdade elas não escutam, mas sentem as ondas como se estivessem sendo perseguida por algum animal maior. Fazemos isso também para matar morcegos, que fazemos movimentos firmes no ar e os morcegos vão ao encontro da vara e morrem com a pancada.

E o Barão Moretti disse:

– Prefiro quando bate a vara na água, assim assusta e foje sem matar.

E deram gargalhadas.

Enquanto os meninos bricavam na água, Laura avistou algumas flores orquídeas e com ajuda de Pedro colhia mudas para fazer seu orquidário. Ela perguntou:

– Sabe se tem muitas dessas flores na fazenda?

Ele respondeu:

– Temos muitas e muitas, cada uma de cor diferente. Algumas em cima de pedras outras como essas em árvores.

Ela pediu:

– Então, poderia sempre que puder e tiver tempo colher para mim mudas para a minha coleção. Vou fazer uma estufa e gerar mais e mais mudas para exposição na região. Aprendi com meu avô esse ofício de cultivar orquídeas e gerar sementes para novas plantas.

– Pode contar comigo, Sinhá Laura.

Logo ela estendeu uma toalha branca debaixo de uma árvore e retirou da cesta frutas, sanduíches, quitutes da região, sucos e chamaram a todos:

– O lanche tá servido! vamos comer rápido antes das formigas.

E Beatriz foi logo dizendo:

– Não vi nada disso mamãe! não vai sobrar nada.

E abriram os sorrisos e confraternizaram em família esse momento tão

especial. No final da tarde retornaram para a fazenda que tinha um senhor de terno e chapéu aguardando o Barão Moretti.

– Boa tarde, Barão Moretti. Meu nome é Capitão Frederico. Sou o delegado da região. Vim aqui me colocar à sua disposição para qualquer eventualidade. Precisa vir até a cidade de Campos Verdes para apresentar a todos. Nosso prefeito, nosso páraico e muitos comerciantes.

E o Barão respondeu:

– Estou encantado! com certeza vou conhecer. Hoje é nosso hóspede! E como disse a Sinhá Anette, a noite não foi feita para viajar pois tem muitas onças e serpentes.

E deram gargalhadas.

Eles jantaram todos reunidos e o Capitão Frederico contou suas histórias e aventuras e na hora do licor após o jantar, O Barão Moretti que já tinha tomado algumas taças de vinho declamou uma poesia:

– Na vida que te cabe barão, baronesa e meninos! nessa terra de leite e mel de jorrada de água cristalina, sagrada de lagoas e animais silvestres, cria e transforma uma vila de gente liberta, feliz e dedicada. A cada um minha gratidão, nossa união que nos proteja de todos os males, de quedas de árvores em nossos caminhos e com sabor das frutas em nossos lábios.

E todos aplaudiram o Barão Moretti. Que disse a todos:

– Obrigado! E já estou indo dormir, amanhã vamos fazer nosso primeiro mutirão do plantio do café. Um dia especial, que após o trabalho vamos comer todos juntos. Nessa terra somos todos uma só família, todos unidos com as pessoas que cuidam bem de nossa família. A nossa gratidão a todos os empregados.

E Elias tocou até tarde da noite canções com seu violão.

(Trecho do livro: *A Pequena Italiana* -2024, em fase de pré-lançamento.)



reconhecimento

UM HOMEM DE MUITAS GERAÇÕES: LÍQUIDO E CERTO

Hélio Pereira Leite | Colaborador

Numa terça-feira de abril, 23, tive a subida honra de saudar um sapientíssimo irmão, escritor, compositor, grande guerreiro na Maçonaria goiana e brasileira, bem como nas letras maçônicas, iniciado há mais de 70 anos e que continua de pé e à ordem na trincheira de luta em prol de uma Maçonaria forte, respeitada e reconhecida, enquanto Grande Oriente do Brasil.

Falo do respeitável Irmão e amigo ABSAI GOMES BRITO, nascido em 22/4/1934, na cidade de Inhumas-Goiás, filho de Absalão Gomes de Brito e Maria da Luz Carlos de Brito, viúvo, aposentado.

O nobre irmão Absai foi iniciado em 1/8/1953, elevado em 6/9/1954 e exaltado em 23/10/1954, na Loja Vale do São Patrício 1334. Filiado em 12/2/2001 na Loja Ordem e União 1391 e em 25/1/1999 na Loja de Pesquisas Maçônicas Brasil Central. Exerceu o cargo de Venerável na Loja Vale do São Patrício em 8/4/2002. Na Loja Liberdade e União 1158, exerceu os cargos de Orador por cinco vezes; 1º e 2º Vigilante, Venerável Mestre. Recebeu por vários anos o diploma de Assiduidade nas reuniões da Loja.

Em 27/2/2007 recebeu do Grande Oriente do Brasil a Comenda da Ordem do Mérito D. Pedro I, por ter completado 50 anos de efetiva atividade no GOB.

No Grande Oriente do Estado de Goiás exerceu vários cargos, entre eles de: Delegado Regional da 9ª e 11ª Zonas, Grande Secretário de Relações Maçônicas.

O irmão Absai foi o editor por muitos anos e até hoje do Boletim Informativo da Loja Liberdade e União, órgão de imprensa maçônica que registrou e registra os grandes acontecimentos maçônicos e sociais promovidos por sua atual Loja, além de artigos sobre assuntos maçônicos.

Foi um baluarte nas Letras Maçônicas no Estado de Goiás, sendo fundador da Academia Goiana Maçônica de Letras, quando no exercício do cargo de Venerável Mestre da Loja Liberdade e União. Participou de várias reuniões em outras Academias Maçônicas de Letras com sedes em outros Estados Brasileiros. Há muitos anos exerce o cargo de Orador da AGML. Podemos afirmar que ele foi um revolucionário no setor das Artes e da Cultura.

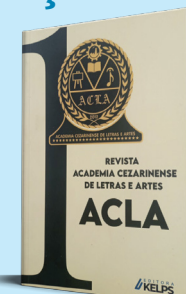
Na pessoa de quem saúdo todos os maçons do Estado de Goiás, todos os maçons que se dedicam a educação, a cultura goiana, e em particular os maçons membros das Lojas nas quais foi e é filiado.

Ao Sapientíssimo Irmão Absai, verdadeira memória viva da Maçonaria no Estado de Goiás, onde milita desde sua iniciação maçônica ocorrida nos idos de 1953, ou seja há 70 anos, ainda em plena atividade; amigo de grandes e velhas jornadas acadêmicas, elevo meu pleito de admiração, respeito e gratidão, certo de que o Grande Arquitecto do Universo haverá de conceder a você Sapiante Irmão mais anos de vida, para honra e glória de seus irmãos em Maçonaria.

agml em ação



Petronilho, Cristiane Franco, Geraldo César Franco e José Mariano



Participação ativa dos confrades da AGML nas academias municipais com os membros da Academia Cezarinense de Letras e Artes



Soberano Irmão Ademir recebe livro da Academia Cezarinense de Letras e Artes - ACLA, realizada pelo confrade Petronilho Alves de Moura.

galeria poética

**BEIJO DE PAPEL**

Getúlio Targino Lima
Cadeira nº 13

Beijo teu beijo inerte no papel
Lançado, com carinho e reverência.
E mesmo assim percebo a grata ardência
De um vivo amor, constante, puro, fiel.

Teus lábios rubros deixam-me revel,
Sem defesa qualquer para a carência
De senti-los nos meus, na convivência
De fruir seu favor, provar seu mel.

Mesmo assim, quando vejo este batom
No papel a dizer-me teu desejo
Sinto que sou feliz e o quanto é bom

Teu amor para mim. E assim prossigo
Vivendo, dos teus olhos no lampejo,
A esperança de estar sempre contigo.

**MAZELA**

Anderson Lima da Silveira
Cadeira nº 02

Encomendei raios de luz para me ajudarem a vencer o
empedernido chão dos meus adoecidos sentimentos...
Cobranças,

Julgamentos,

Intolerância,

Cólera,

Desalento...

Tudo enraizado nas pedras da ilusão, fossilizados no
musgo da ignorância, do medo, do isolamento...
Enderecei meu pedido ao criador, mas os ventos elísios
gritaram aos meus ouvidos: “Retira-te a ti mesmo das
sombrias que são tuas. A todos pertencem os raios de
luz. Liberta-te com o privilégio que já é teu”.

**VITRIOL**

Charles Wellington de Matos Pinheiro
| Cadeira nº 38

Visita o teu recôndito, essa morada sagrada,
Interior onde habita sua essência espiritual,
Terra que sustenta tua vida encarnada,
Retificando-te que ali está tua luz magistral.

Encontrarás em si as respostas para a tua dor,
A pedra angular que tua obra completa,
Oculto em si mesmo, como uma força secreta,
Centelha divina, nossa fração do criador.

Homem alquimista, em constante transmutação,
Na busca incessante com seu destino a esmo,
A procura do caminho, nesse caos do mundo material.

E assim quem sabe terminará a peregrinação,
Sabendo que a busca acabará dentro de si mesmo,
Deixando brilhar a luz na sua pedra filosofal.

VITRIOL ou V.I.T.R.I.O.L. é a sigla da expressão, do latim “Visita Interiora
Terrae, Rectificando, Invenies Occultum Lapidem”, que quer dizer: Visita o
Centro da Terra, Retificando-te, encontrarás a Pedra Oculta.

**NO RENASCER**

João Batista da Silva Paiva
Colaborador

De outra vez ou de maneira
E mais em ser explicável
Poderia dizer no que Paiva...
Na íntima e inimaginável
Paz Profunda, que se sente
A ter-se na condição apropriada
Requer adentrar consciente
Numa verdadeira e ideal Estada
E permanecer num tão Belo
Deleite em tão Maravilhado Viver
No Êxtase de estar nesse Elo
A curtirem-se um outro Renascer



RESIGNAÇÃO

Getúlio Targino Lima

Cadeira nº 13

Quando o açoite do tempo nos atinge,
Com os látegos do frio esquecimento,
É mortal o seu golpe e a gente finge
Que inda vive, através do movimento.

No peito, o coração de sangue tinge
O seu convulsionado batimento.
Mas a pálida alma, qual esfinge,
É enigma e mudez, dor e tormento.

E é nestes momentos de amargura
Que uma voz descontente me censura
Ter deixado passar o instante azado.

E agora, contemplando o que ontem era,
Peço, e suplico, e ponho-me à espera
Que o futuro refaça meu passado.



TAMBÉM É POESIA

Adilson Zotovici
Colaborador

Não só emoção evidente
Na abrangente maçonaria
Em cada cantinho da mente
Em algum escaninho a magia
A indagação recorrente
Que ouvida no dia a dia
A sublimação concernente
Que é a lida da sabedoria (?)
Das liberais artes é guia
É progressista e crescente
Seus canais por filosofia
Há história e simbologia
Gloria ao Criador, permanente
E ela é também...poesia !



A ESPERA

Aidenor Aires | Cadeira nº 03

Tu, que hás de vir um dia,
por que não hoje?
Meu rosto espera pronto
os dentes do teu arado.

Tu, que hás de vir um dia,
por que não hoje?
Minhas mãos assistiram,
quais raízes,
à morte azul
das flores e dos ventos.

Tu, que hás de vir um dia,
por que não hoje?
Antes que alguém
vibre na noite
gemidos de Chopin,
vem.

Tu, que hás de vir um dia,
o céu de maio é doloroso e belo,
as flores começar a morrer.



APESAR DA DOR

Antônio Victor | Colaborador

Eu vou tentar te esquecer.
Pode parecer estranho, mas vou tentar te esquecer.
Vou. Apesar da dor, eu vou tentar te esquecer.
Não vou tentar de uma vez, pode doer muito.
Pode ser traumatizante, desesperador, posso sofrer um choque anafilático.
Há de ser lentamente. Mas vou tentar te esquecer.
É como deixar de fumar. É como deixar de beber.
Preciso me apaixonar pela ideia, degustá-la
diuturnamente, até sentir-me preparado.
Tenho que traçar teoremas, descobrir fórmulas matemáticas, tenho que
escrever teu nome infinitas vezes e infinitas vezes rabiscá-lo, amassá-lo,
machucá-lo, machucar-me, rasgá-lo em pedacinhos, rasgar-me. Tenho.
Mas vou tentar te esquecer.
E quando sentir-me apto, assim pronto, assim mágico, rasgar também o
meu coração em pedacinhos e atirá-los aos cães selvagens que me habitam.
E depois, com medido raciocínio, em processo meramente
cerebral, mnemonicamente lamber as tuas mãos,
lamber os teus olhos, teus cheiros, teu sexo.
E todas as vezes que eu tentar te esquecer, inclinarei mais
um cálice, sorverei mais um trago, porque trago em mim
a vil certeza de que mais ainda preciso tentar.
Mas juro, por todos os demônios, que vou tentar te esquecer
Apesar da dor.



opinião

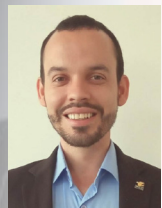
CAMINHOS PARA O COMBATE AO TRÁFICO DE PESSOAS NO BRASIL

Joás de França Barros | Cadeira nº 29

O tráfico de pessoas ainda é uma triste realidade brasileira, mesmo que ao longo destes últimos anos tenha sido dada uma atenção especial à prevenção e combate. Quando falamos de tráfico de pessoas, percebemos o grande impacto na vida das vítimas, pois toda família é afetada. Na Amazônia, o tráfico de pessoas acontece de forma mais acentuada na região de fronteira, devido à precariedade da ação estatal, principalmente

nas áreas ribeirinhas, favorecendo o aumento desse crime hediondo. A realidade do tráfico de pessoas no Brasil e no mundo é muito semelhante. As pessoas, em busca de uma vida melhor, recebem propostas de trabalho atraentes. Por trás dessas propostas vantajosas, ocorre o crime. No século XVI, iniciou-se no Brasil o tráfico negreiro, uma atividade cruel praticada pelos europeus durante a colonização, forçando os negros a migrarem

para as terras americanas para executarem trabalho forçado. Hoje, o tráfico de pessoas vai além da exploração do trabalho, incluindo também a motivação sexual e a pedofilia. Muitos têm sua liberdade tomada, sendo necessário e urgente criar caminhos para o combate a esse crime terrível, uma vez que a maioria das vítimas vive em situação de pobreza, sem falar na postura negligente do Estado. As propostas “irrecusáveis” de emprego estimulam até mesmo os pais de jovens pobres, que são atraídos para armadilhas, entregando os filhos aos exploradores. O Governo Federal deve assumir o papel de protagonista, implementando políticas públicas de prevenção e combate ao tráfico de pessoas em nosso território e no exterior, principalmente por meio da informação e educação acessível ao público menos favorecido, evitando que caiam nas falsas promessas de trabalho, intensificando o combate nas regiões de fronteira, em destaque, na região amazônica. Esta é a nossa esperança.



artigo

ÉTICA DA LIBERDADE, ÉTICA DA RESPONSABILIDADE

Guilherme Freire Fonseca | Colaborador – Contribuição*

Este título não foi escolhido aleatoriamente, nem se baseia na retórica: ser livre significa carregar o peso de uma grande responsabilidade ética. Como disse George Bernard Shaw – tanto ironicamente como com razão – “Liberdade significa Responsabilidade e é por isso que a maioria dos homens a evita”. Na verdade, a ética da liberdade e da responsabilidade implica compromisso, tempo, paixão e devoção. Significa investigar a profundidade das coisas, para fazer perguntas de amplo alcance. O método a seguir foi descrito por Antoine de Saint Exupéry, quando escreveu: “Se queres construir um navio, não angariar gente para recolher madeira e não lhes atribuas tarefas e trabalhos, mas sim ensina-os a ansiar pela imensidão infinita do mar. Assim que essa sede for despertada neles, começarão a trabalhar para construir o navio”.

É por isso que a sociedade precisa das nossas palavras e das nossas ações. Somente os verdadeiros Mestres podem dizer palavras e realizar ações com tenacidade e coragem. E queremos ser o braço da esperança nesta tarefa, e não a parte doente. Queremos ser uma voz firme e clara, que pede para ser ouvida no meio do clamor, que só visa confundir

a consciência das pessoas. Queremos estar entre aqueles que tentam decidir o seu próprio destino – com liberdade e responsabilidade e não queremos ser amordaçados. Queremos ser a Luz para uma sociedade que se atrapalha em encontrar a ética, que procura a ética – às vezes desesperadamente – mas que não sabe mais o que é a ética, ou onde ela está! A ética de hoje é um problema espinhoso e temido. Por isso, neste período, os temas éticos são discutidos por todos e aparecem frequentemente em artigos de jornal. Mas acima de tudo, a ética está na mente de muitos indivíduos preocupados, que notam – com tristeza – que a ética está cada vez mais ausente da vida privada e pública.

No entanto, a vida privada e pública sem ética conduz inevitavelmente a um vazio motivacional que está na base da decadência e da destruição de um Estado, de uma sociedade ou de um homem. É claro que vivemos numa sociedade líquida, como bem definida, uma sociedade onde o pensamento é errante, onde tudo – mesmo as situações políticas – corre o risco de ser gelatinoso, mal definido. No entanto, devido a tal situação, a nossa tarefa não muda. Pelo contrário, a nossa tarefa – a tarefa dos

maçons – é reconstruir a ética perdida, dando espaço à liberdade e à responsabilidade. Esta é a razão pela qual, se estivermos diante de um edifício com vidros quebrados, não devemos quebrar os vidros restantes. Devemos, em vez disso, reparar os vidros partidos. Então, o prédio voltará ao normal. Metáforas à parte, consertar vidros quebrados significa absorver a categoria aristotélica das relações, com os outros, com as coisas, com o mundo, não para destruir, mas para reconstruir. Só a partir das relações é possível viver a verdadeira ética, a ética da liberdade e da responsabilidade, que pode restaurar aquele “edifício de vidros partidos” como se tornou a nossa sociedade, os nossos Estados, a nossa humanidade. A ética – que não deve ser confundida com a moral – é, sem dúvida, o quadro de um Estado, de uma sociedade e de um homem disposto a definir-se como tal. Giuseppe Mazzini – infelizmente quase esquecido por todos – recordou este conceito quando colocou a ética na base daquela “religião civil” em que se apoiava, para que a Itália recentemente unificada pudesse prosperar. A ética é o conjunto de todos os valores humanos e civis que caracterizam a vida dentro de uma comunidade e, com ela, também a vida individual. É quase supérfluo recordar-vos estes valores: a honestidade, a coragem, o sentido cívico, o amor ao próximo, a fraternidade universal, o respeito por quem é diferente de nós, a generosidade, o altruísmo, o sentido do sacrifício, a tolerância, a sensibilidade religiosa, e breve.

Texto extraído de Revista Masonic Forum, escrito por Gustavo Raffi Ex-Grão-Mestre, Diretor Honorário do Grande Oriente d'Italia.

Continua na próxima edição...

agml em ação

MAÇONARIA: MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE

Com quem conversamos?

Palestra proferida pelo compadre Anderson Lima da Silveira em Lojas.

A Maçonaria neste contexto

Dialoga com idade antiga, média, moderna e pós-moderna.
Característica única

- Assentada na pluralidade, universalidade, evolucionismo (Maçonaria Especulativa)
As Maçonarias?

Vantagem ou desvantagem?

Quem são nossos interlocutores hoje? Nosso dever de casa, o trabalho de todo Maçom, nos dias atuais.

Modernidade

Principais características

- Transição do renascimento à modernidade: Séc. XV e XVI
- Racionalidade, subjetividade, iluminismo, Estado Nação (surgimento das instituições), divisão dos poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário), descoberta das Américas, sociedade industrial (organização e divisão do trabalho, surgimento dos assalariados), desenvolvimento urbano, reforma protestante “Luterana”, rejeição da tradição, burocracia
- Império da razão

Continua na próxima edição...

Pós-modernidade

Principais características

- Pós 2ª Guerra Mundial
- Ausência de valores e regras, imprecisão, individualismo e hiper individualismo, pluralidade, mistura do real e imaginário (hiper real), produção em série, espontaneidade, liberdade de expressão, mudanças aceleradas científico-tecnológicas, disseminação meios de comunicação (internet), uso desenfreado das tecnologias.
- Lyotard: mudança constante em direção ao progresso substituindo-o
- Bauman: liquidez nas relações sociais, econômicas e de produção, tornando-as fugazes e maleáveis (desregulamentação + liberdade individual)

Exemplo pós-moderno de interlocução

Academia Brasileira de Letras - fundada em 1897, por Machado de Assis, José Veríssimo



Nelson Pereira dos Santos
Posse: 2006



Gilberto Gil
Posse: 2022



Fernanda Montenegro
Posse: 2022



Ailton Krenak
Posse: 2024

Um homem de muitas gerações: líquido e certo!

Absai Gomes Brito

Obrigado!





falando francamente

QUARENTA E TRÊS ANOS DE INICIADO

Aparecido José dos Santos | Cadeira nº 31

Hoje fui surpreendido por uma mensagem do Irmão Marco Antonio alertando-me de que hoje (28 de Março de 2024) faz exatos 43 anos que me iniciei na Ordem Fraternal Universal. Não me lembrava mais disso, sou meio descuidado com estas coisas. Fiquei feliz.

Lembro-me de que foi num domingo de manhã, no Templo da Coirmã Estrela Montebelense, do GOB. A 21 de Abril ainda não tinha seu Templo.

Foi muito interessante, vale a pena lembrar. A Loja Maçonica 21 de Abril tinha sido fundada no ano anterior, 1980.

Um dos seus fundadores foi o irmão João Quirino Filho de Ituiutaba MG. Ele era gerente na época, da Agência do Banco de Crédito Real de Minas Gerais, em São Luís de Montes Belos. Ele ficou meu amigo, quando criei o Colégio Dom Pedro I e comprei um prédio, para instalar o Colégio, sem um centavo para Pagar. João Quirino Filho segurou as pontas, emprestando-me dinheiro e renovando os vencimentos sucessivamente, por mais de dois. Paguei todo, graças ao GADU.

Certo dia, quando eu ia entrando na Agência do Banco, ele me chamou:

– Aparecido, venha aqui, por favor!

Fui. Sentei-me de frente com ele, bem à vontade. Ele era realmente um cara

diferenciado, alegre, sempre elegante, barba feita todos os dias, alto e de muito boa aparência, um cavalheiro, e eu o considerava meu amigo, visto o que ele fez por e seus filhos passaram a estudar no meu Colégio. Ele abriu a conversa:

– Aparecido, o que você acha da Maçonaria, você tem algum conhecimento a respeito dela?

Pego de surpresa, tentei responder sem a mínima convicção. O Professor Umberto Arruda Franco, já falecido, era maçom e meu colega de trabalho, no Colégio Estadual. Lembrei-me de que ele fazia um jornalzinho em sua Loja, chamava-se "O Bode". Ele me mostrava, mas eu tinha pouco interesse por aquilo. Respondi como pude. Quirino voltou à carga:

– Você gostaria de fazer parte da Maçonaria? Dona Sebastiana permitiria?

Ele conhecia minha mulher e sabia da liderança que ela exercia no Colégio. Respondi sem muita convicção:

– Tenho vontade sim, não sei se estou em condições, estou tentando concretizar o projeto do Colégio. Penso que minha mulher não será contra, ela sempre apoia o que eu faço.

Ele abriu a gaveta de sua mesa, pegou uns papéis, discretamente, pois tinha

gente perto esperando para falar com ele, e mos seu, dizendo:

– Se você se interessar, preencha esses formulários, pega a aquiescência da do a Sebastiana e é me devolva, combinado?

– Combinado!

Isso foi por volta do mês de Fevereiro de 1980.

Peguei os papéis e saí. Chegando em casa, a Sebastiana não se encontrava, estava para o Colégio. Guardei aqueles formulários e me esqueci deles, nem falei nada para minha mulher. Era época do Governo do General João Figueiredo, o País ia muito e eu também. Perturbado com compromissos financeiros, medo do Colégio não vingar, o certo é que eu me esqueci por completo dos papéis.

Um ano depois, em fevereiro de 1981, vou entrando no Banco, João Quirino Filho me chama:

– Aparecido, venha aqui, por favor!

Fui. Sentei-me de frente com ele, como sempre fazia, sentia-me à vontade, e ele levantou a lebre adormecida:

– Você se lembra de uns papéis que te entreguei, no ano passado?

– Sim, lembro-me!

– Me devolva eles!

– E se eu quiser preenché-los, posso?

– Pode, afirmou ele com sorriso largo

– Pou fazer isso.

Sai e logo voltei com os papéis e os entreguei. Ele deu um sorriso aberto e nada falou, porque tinha cliente à mesa, pegou o envelope e guardou. Em seguida, na mesma semana, ele entregou-me uma relação de documentos que eu teria que providenciar. Foi rápido. Poucos dias depois, recebi uma comissão em minha casa:

João Quirino Filho, Odenil Ezequiel Pires, Erli Silva Leite, Genivaldo Rodrigues da Mata todos cidadãos do mais alto conceito na sociedade de São Luís de Montes Belos. Nenhum deles havia ido em minha humilde casa da Rua Bom Jardim, número 540

Fiquei meio sem, mas consegui recebê-los cortesmente. Quirino, meu Padrinho, fiquei sabendo depois, foi o porta voz:

– Aparecido, seu nome foi aprovado pelos da 21 de Abril e marcamos a Iniciação para o dia 28 de março de 1980.

Perguntei o que que teria que fazer e eles adiantaram:

– Você não tem que fazer, não vai levar nada, apenas estar de terno preto, camisa branca, sapatos pretos, meias pretas e comparecer às 6 horas na Loja Maçonica Estrela Montebelense.

Cheguei antes da hora marcada, cheio de curiosidade e confesso, um pouco de receio também.

João Quirino Filho foi o Esperto, reconheci a voz dele. Num determinado momento lá, e me disse baixinho no meu ouvido:

– Aparecido, quando te perguntar alguma coisa, você responde com voz forte e alta, porque o velho lá de cima é meio surdo. Fui elogiado depois pelas minhas respostas. Ficou marcado.

Fiquei sabendo depois que eu deveria ter sido um dos fundadores da Loja 21 de Abril, mas esqueci-me de entregar os papéis, por isso sou da segunda turma.

Hoje o Irmão Marco Antonio acendeu-me a lanterna do passado e resolveu materializá-las nestas palavras.

Foi um choque bom para mim.

Francamente!



artigo

O INGRESSO DO OBREIRO – I

Hélio Pereira Leite | Colaborador

Em princípio, o que alimenta a permanência da Maçonaria Universal em funcionamento, por meio de Lojas Maçônicas – unidades celulares do sistema maçônico –, é o constante ingresso de novos obreiros, e em particular a permanência destes em suas respectivas Oficinas, seja em que país for.

Se partirmos deste parâmetro, é de se perguntar: por que as potências maçônicas ainda não incluíram em suas estruturas organizacionais um órgão específico responsável pelo recrutamento e seleção de candidatos à iniciação maçônica, a exemplo do que ocorre no mundo empresarial, no qual todas as empresas de médio e grande porte mantêm em sua estrutura um serviço ou uma diretoria de recursos humanos, responsável para captar o elemento humano, cuja formação profissional seja necessária ao bom funcionamento da empresa e ou na fabricação de seus produtos finais.

Em face desta nossa deficiência, cuja tarefa de recrutar, selecionar e iniciar cidadãos nos augustos mistérios de nossa Ordem, cabe exclusivamente as nossas Lojas simbólicas, a maioria não está devidamente preparada para exercer em nível de qualidade esta importantíssima missão, necessário se faz repensarmos estes procedimentos.

Também, inexistente em cada Loja um programa voltado para o recrutamento de novos obreiros, com regras definidas para os recrutadores e para os selecionadores – os sindicantes –; como também não existe um recrutamento dirigido, ou seja, a busca na sociedade de futuros obreiros, que sejam úteis aos programas permanentes estabelecidos pela Loja maçônica, ou seja, que possam ser úteis nas ações que definem suas tendências programáticas.

E neste sentido o nosso recrutamento é aleatório, ou seja, não é programático, não é dirigido, e por isto são recrutados em nossa sociedade cidadãos que sejam livres de bons costumes, sejam úteis à sociedade em que vivem, sejam possuídores de idoneidade moral, comercial e profissional, embora suas profissões não sejam parte importante, como requisito essencial para ingresso em uma Loja. Quando deveria ser, isto é, se o recrutamento fosse dirigido.

E o corolário ou a culminância deste processo é a constante evasão de obreiros, que por motivos os mais diversos se afastam das atividades em suas Lojas, tornando-se irregulares. Representando estes afastamentos um grande prejuízo fraternal e financeiro, além de servir de péssimos exemplos para os que ficam e ainda não estão devidamente conscientizados da verdadeira função e obrigação de um iniciado maçom.

Em face deste fenômeno social maçônico, ultimamente Lojas, Grandes Orientes e Grandes Lojas vêm estudando as causas das repetidas evasões de obreiros. Alguns estudiosos maçônicos

têm, também, se debruçado sobre esta temática, publicando artigos onde expressam suas opiniões a respeito da evasão maçônica.

Contudo, creio, antes de discutir os por quês da evasão maçônica deveríamos discutir, debater e deliberar sobre a importância do Obreiro, em si, para uma Loja maçônica e por via de consequência para sua Potência.

Isto é, por que recrutar profanos? Que tipos de profanos recrutar? Quais os custos humanos e financeiros para o recrutamento, seleção e iniciação de um novo obreiro? Quais os lucros maçônicos e financeiros obtidos com a recepção de um novo obreiro? Quais os prejuízos

financeiros e maçônicos, advindos com a evasão de um obreiro do quadro social de uma Loja?

Se, possível fosse responder a estas indagações, com certeza haveria uma maior conscientização em nossas Lojas, de seus recrutadores – padrinhos ou indicadores –, dos seus sindicantes, bem como para a preparação cuidadosa das sessões magnas de iniciação maçônica; porque, com a adoção de novos parâmetros o candidato em si seria mais valorizado, seria considerado um recurso humano necessário para o bom funcionamento da entidade, e não tão somente para melhorar o nível de caixa das oficinas.

Se, contássemos com um órgão destinado a cuidar dos recursos humanos em nossa Organização, responsável para pesquisar, estudar, definir e propor regras para o recrutamento e seleção de candidatos à iniciação maçônica, com certeza o fenômeno da evasão seria minimizado; a exemplo das empresas privadas, como acima citado, que quando necessitam de um recurso humano para os seus quadros, determinam a área de recursos humanos que vá ao mercado buscar o melhor para ser recrutado, selecionado e por fim contratado.

Em assim sendo, acredito, se faz necessário que nossas Lojas, nossos Grandes Orientes e as Grandes Lojas, se preocupem mais com a preparação de seus obreiros, com funções específicas para atuarem como recrutadores e selecionadores. Com isto, evitar-se-iam as atuais deficiências não só na fase do recrutamento, como também na importante fase da seleção, que atualmente é feita por mestres maçons totalmente despreparados para atuarem como sindicantes.

Continua na próxima edição...



opinião

A CULTURA GOIANA É DESTAQUE NO PAÍS

Absai Gomes Brito | Cadeira nº 18

Na edição de 23 de janeiro, na página Artigos a Secretária do Estado da Cultura de Goiás, professora Yara Nunes publicou excelente matéria sobre a cultura e, Goiás, salientando vários fatores sobre o assunto, onde destacamos: “Recebi a missão do Governador Ronaldo Caiado de continuar o projeto de retomada cultural, de dobrar os investimentos, reformar as unidades e executar projetos de salvaguarda do nosso patrimônio histórico. E hoje, em um ano depois, fico feliz em dizer que conseguimos”. Continuou a Secretária: “Isso colocou Goiás no primeiro lugar do ranking nacional em investimentos em cultura por renúncia fiscal, superando proporcionalmente estados como Paraná, Rio de Janeiro e São Paulo.”

Continua a Secretária citando atividades em áreas diversas, envolvendo entidades pessoais, grupos folclóricos e religiosos, buscando a participação da população de um modo geral, no interesse pela cultura em todos os seus aspectos e finaliza dizendo: “Por isso, 2024 promete ser ainda melhor que 2023. Com trabalho e responsabilidade é possível fazer um setor que estava no ostracismo voltar a brilhar novamente”.

É aí que entramos. Somos uma organização fundada em 25 de outubro de 2018, denominada ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS - AGML, com 40 acadêmicos voltados para a cultura, principalmente a goiana. Nesse pequeno lapso de tempo temos contribuído com o lançamento de várias obras, destacando-se a obra ACADEMIA

GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS (História e Antologia) com 500 páginas e participação dos 40 acadêmicos e organizado pelo Presidente José Mariano Lopes Fonseca.

No início do prefácio o Acadêmico Getúlio Targino Lima enviou: “Honrou-me mais uma vez, a Academia Goiana Maçônica de Letras Histórico, em me convidar a fazer o prefácio deste magnífico trabalho histórico e literário que se contém nessa obra ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS História e Antologia. Neste tempo de imensa pressa e de constantes correrias atrás de resolvermos os problemas da vida, alcançarmos alvos projetados, conquistamos os objetivos, somos atacados, sutil e imperceptivelmente, por um terrível vírus: o esquecimento”.

A Academia publica bimestralmente o jornal O CONFRADE, já por 5 anos, estando em circulação o número 18, com as 28 páginas, de excelente material e circulação nacional e internacional, elevando, sobremodo, o nome do Estado de Goiás.

Aproveitamos o trabalho da Secretária Yara Nunes para compartilhar seu entusiasmo com os nossos e nos colocamos à disposição da secretária para a divulgação cultural do Estado.



artigo

O BARCO E A ESCADA

Jader Frederico Abrão | Colaborador

O sol brilhava na região de Nínive, capital da Assíria, em época aproximada de 770 a.C., contemporânea ao reinado de Jeroboão II (II Reis, 14:23-25). Cidade rica cujo seu nome significava “Bela”, ficava localizada ao norte do Iraque, encravada às margens do Rio Tigre onde hoje é a região de Mossul, Estado de Ninawa. Seus concidadãos – ninivitas – adoravam muitas divindades, viviam sob a iniquidade, sendo perversos e violentos, opressores de nações, inclusive de Israel.

Naum já havia profetizado sobre a destruição de Nínive devido à iniquidade do seu povo, pois Deus se importa com o Seu povo e não permite que seus opressores escapem impunes.

O Livro de Habacuque, do mesmo grupo literário de Naum – os 12 Profetas Menores –, nos ensina que Deus vive e É justo, que Conhece a realidade da vida, Vê a presença do mal, da mentira, da iniquidade, e, Nos oferece a Verdade e o Socorro, devendo as nossas orações serem realizadas através de conversas claras e sinceras com Ele. Nos mostra o Livro de Habacuque, que todos temos a vocação profética que deverá sobrepor aos jogos do poder, da manipulação e da idolatria.

Nesta construção histórica do Livro Sagrado, ligada à cidade de Nínive, existe ainda, no Livro de Jonas – Velho Testamento – uma história que inclui desobediência e tentativa de fuga à ordens de Deus, e esse fato deve representar importante alegoria aos Maçons, alertando que, sob pontuais situações, devemos sim, apresentar uma esfera preta no momento do escrutínio realizado em Loja.

Perante a condição extrema de iniquidade vivida pela população de Nínive, já com profecia sobre a sua destruição, Deus decide recuperar aquele povo. No Livro de Jonas, Deus disse: “2Levanta-te, vai à grande cidade de Nínive, e clama contra ela, porque sua malícia subiu até à minha presença.”

O desfecho ocorre da seguinte maneira: “3Porém, Jonas se levantou para fugir da presença do Senhor para Társis. E descendo a Jope, achou um navio que ia para Társis; pagou, pois a sua passagem, e desceu para dentro dele, para ir com eles para Társis, para longe da presença do Senhor. 4Mas o Senhor mandou ao mar um grande vento, e fez-se no mar uma forte tempestade, e o navio estava a ponto de quebrar-se. 5...; Jonas, porém, desceu ao porão do navio, e, tendo-se deitado, dormia em um profundo sono. 6E o mestre do navio chegou-se a ele, e disse-lhe: Que tens, dorminhoco? Levanta-te, clama ao teu Deus; talvez assim ele se lembre de nós para que não pereçamos. 7E diziam cada um ao seu companheiro: Vinde, e lancemos sortes, para que saibamos por que causa nos sobreveio este mal. E lançaram sortes, e a sorte caiu sobre Jonas. 8Então lhe disseram: Declara-nos tu agora, por causa de quem nos sobreveio este mal. Que ocupação é a tua? Onde vens? Qual é a tua terra? E de que povo és tu? 9E ele lhes disse: Eu sou hebreu, e temo ao Senhor, o Deus do céu, que fez o mar e a terra seca. 10Então estes homens se encheram de grande temor, e disseram-lhe: Por que fizeste tu isto? Pois sabiam os homens que fugia da presença do Senhor, porque ele lho tinha declarado. 11E disseram-lhe: Que te faremos nós, para que o mar se nos acalme? Porque o mar ia se tornando cada vez mais tempestuoso. 12E ele lhes disse: Levantai-me, e lançai-me ao mar, e o mar se vos aquietará; porque eu sei que por minha causa vos sobreveio esta grande tempestade. 13Entretanto, os homens remavam, para fazer voltar o navio à terra, mas não podiam, porquanto o mar se ia embravecendo cada vez mais contra eles. 14Então clamaram ao Senhor, e disseram: Ah, Senhor! Nós te rogamos, que não pereçamos por causa da alma deste homem, e que não ponhas sobre nós o sangue inocente; porque tu, Senhor, fizeste como te

aprouve. 15E levantaram a Jonas, e o lançaram ao mar, e cessou o mar da sua fúria.”

Diz o Livro da Lei que fugindo de Deus, Jonas “achou um navio que ia para Társis; pagou, pois a sua passagem, e desceu para dentro dele”. Diante de tal situação, trazendo à nossa realidade maçônica, devemos refletir sobre quais tesouros devemos exigir de um candidato para liberarmos a sua passagem para admissão na Ordem Maçônica...

Pelo texto Bíblico transcrito acima, homens da tripulação tinham ciência acerca do real motivo do embarque de Jonas – a fuga de Deus – e mesmo sabendo desta transgressão, o admitiram para o barco mediante o simples pagamento de passagem. O dinheiro garantiu o ingresso.

Temos admitido candidatos mesmo sabendo sobre os seus equivocados comportamentos sociais, morais e emocionais? Por quais motivos? Sob quais justificativas? A que preço?

Quantos Placet ex ofício têm acontecido em socorro à sobrevivência das Oficinas Maçônicas? A resposta é: VÁRIOS! E os culpados por isto, compõem a tripulação de Maçons destas mesmas Oficinas, que em muitos casos, não sendo homens livres, “lavaram as mãos” guardando a esfera preta no momento do devido escrutínio secreto.

Cada Jonas que ingressou na Maçonaria, possivelmente, comprou o bilhete de passagem das mãos de Maçons limitados por cabrestos sociais e pelo medo das consequências de serem LIVRES, que por estes motivos amargam “tempestades” em suas Oficinas.

Muitos falam que “ninguém carrega estrela na testa” – verdade – mas é verdadeiro também dizer que “se tiver rabo, é só observar que ele abana”. Entretanto, é fato que excesso de cautela no processo de admissão talvez não represente que a promessa vá se confirmar, mas de outra forma, sem cautela, prepare para a tempestade.

Há quem diga ainda, que alguma facilidade para admissão venha de Instituições que necessitam manter as cotizações em equilíbrio com as despesas, o que é tese sem respaldo, pois, os nossos ensinamentos e valores nos impedem de mergulhar em tamanha mediocridade.

Contudo, devemos rever os nossos regramentos sobre os processos de admissão,

que em muitos casos, com receio de evitar possível injustiça ou mora, tenha o legislador estabelecido formalidades processuais que possivelmente sopesem sobre o Obreiro que tenha posicionamento contrário à alguma admissão. Logicamente, cada Potência Maçônica possui as suas normas. Ter, por exemplo, que justificar posteriormente por escrito, o voto realizado contra a admissão de um candidato, poderá influenciar nos resultados dos escrutínios, o que seria suprido mediante a transcrição per scriptum em Ata. O garantismo burocrático processual, caso esteja em desconformidade com a realidade acadêmica média do público alvo, poderá concorrer negativamente para a manutenção da boa saúde social das instituições maçônicas, em especial, se exigir obrigações formais dificultosas a alguns daqueles que apresentarem as esferas pretas no momento de um escrutínio.

Portanto, o presente texto visa apenas instigar a nossa preocupação sobre o tema. São várias as reflexões pelas quais podemos conjecturar a respeito do assunto ADMISSÃO À ORDEM MAÇÔNICA, o que devemos enfrentar de maneira natural, constante e em conjunto, sempre com o intuito de acertar perante às admissões aprovadas para preencher os Quadros de Obreiros das diversas Instituições Maçônicas, principalmente, considerando a existência dos Tratados que vêm garantindo a intervisitação aos membros de diferentes Potências. Assim, é lúcido dizer que estes Tratados entre as Potências Maçônicas deveriam estabelecer também, os compartilhamentos institucionais de todos os processos de admissão de novos membros a compor o quadro de Obreiros de quaisquer de suas Lojas Maçônicas, com possibilidade de manifestação por todas as Lojas filiadas às tais Potências Maçônicas signatárias, caso contrário, o direito a intervisitação deveria ser relativo, a depender de prévia autorização pela Loja a ser visitada. No bojo dos Tratados de Amizade, as regras de admissão de novos obreiros devem observar parâmetros comuns.

Por fim, é certo discorrer que o embarque numa Ordem Maçônica nunca poderá existir através da venda de passagem ao passageiro ou da facilitação do embarque! Não somos barco, SOMOS ESCADA!



opinião

MANIFESTO EM PRIMEIRA PESSOA

José Eduardo de Miranda | Cadeira nº 07

Escrevo, hoje, na primeira pessoa do singular... Desço, então, do alpendre da cientificidade, dispo-me das roupagens metodológicas, e subscrevo, aqui, um manifesto alicerçado sobre o sentimento daquele que busca, diuturnamente, a justeza e a perfeição, por acreditar-se portentosamente um homem justo e de bom costume.

Antecipo, assim, que as linhas que seguem conformam-se num arquétipo que reflete da alma do 'eu' maçom, um 'ente' que reconhece a imperiosidade dos princípios e valores que alicerçam o sentido soberano da Moral Maçônica, e entende, de maneira inviolável, que o ser Maçom transcende o exercício em Loja, suplantando o estereótipo figurativo do paramento. Sobre este aspecto, não perfaz exagero reiterar que o Maçom, sob a influência axio-principiológica intrínseca à sua evolução maçônica, deve perseguir o progresso espiritual, a elevação moral, a prática da fraternidade e da solidariedade, o desenvolvimento do bem-estar da humanidade e o apoio aos seus irmãos. Visto dessa forma o processo metamorfofóico decorrente do nascimento à luz, não há como cindir a condição do 'ser Maçom', em Loja, da realidade do 'ser Homem', no mundo profano; não há como se permitir uma postura atitudinal, no Templo, e outra distinta, na vida.

O fato, intransmutável, é que uma vez iniciado, se é Maçom ininterruptamente ao longo das vinte e quatro horas do dia, no decurso temporal de toda a vida... Essa máxima, contudo, fenece gradualmente diante de condutas que maculam a finalidade da Ordem, corrompendo o preceito maior da Maçonaria: amar a todos, como a si mesmo.

Essa percepção é apavorante; é triste...

Não bastasse minhas inquietudes naturais, fui tocado, literalmente, pelo magnífico artigo do querido Irmão e Confrade Anderson Lima da Silveira, publicado na edição de janeiro e fevereiro de 2023, do Jornal o Confrade, sob o título HOMENS LIVRES E DE BONS COSTUMES?

A responsabilidade do maçom no contexto da sociedade pós-moderna

Dileto Irmão, inclinado com humildade diante de sua consabida sapiência, confesso que há muito procuro respostas às perguntas eruditamente formuladas em seu artigo. Por este caminho, busco entender, além do que se deve esperar do Maçom nos dias de hoje, a forma pela qual ele necessita transitar pelas calçadas da sociedade pós-moderna, cumprindo diuturnamente um compromisso intrínseco ao seu juramento.

Resgato, por necessário, que o 'cumprir o compromisso inerente ao juramento' não pode se afastar de sua crença por uma sociedade mais perfeita, em cujo seio é, ou deveria ser, incansável na árdua tarefa de construir a fraternidade universal.

Portanto, aqui, e sobrelevando o momento histórico descrito pelos especialistas como pós-modernidade, recordo que Zygmunt Bauman, em sua *Ética Pós-moderna* (São Paulo: Paulus, 1997), observa que há, hodiernamente, uma volatilização da vida. Nos dias de hoje, se as pessoas não perderam a identidade global do ser um 'ente' humano de natureza gregária e solidária, foram desempossadas da ideia do sacrifício ou do desejo de rastreamento ideais éticos, para cultivarem valores morais, inseparáveis do interesse comum pelo alcance de melhores condições de vida para todos, sem exceção. Paradoxalmente, enquanto os políticos renunciaram as utopias, os idealistas se converteram em seres práticos, e ambos operam em razão da 'utilidade da causa', num exercício do 'ser politicamente correto'.

Por isso, recordo que Bauman, com exatidão, descreve que "a nossa era é era de individualismo não-adulterado e de busca de boa vida, limitada só pela exigência de tolerância (quando casada com individualismo autocelebrativo e livre de escrúpulos, a tolerância só se pode expressar como indiferença). (Op. cit., p.7)

Vejo, pois, que a atuação do 'ser Homem' no mundo profano tem o contorno exclusivo de protocolos superficiais que suplantam a necessidade de envolvimento ético-moral com a causa humana, com a dignidade, a

solidariedade, a ética, a moral, a fraternidade... Distante de qualquer sinal de pessimismo atroz, percebo que a tendência solidário-gregária do homem foi engolidada pela transmutação da sociedade fraterna em sociedade de consumo, de relações não duráveis, de vínculos débeis, de ressignificação dos conceitos de certo e errado (com primazia à minimização do erro), e do individualismo crescente, assustador.

A bem da verdade, na sociedade pós-moderna, masificada no apogeu do século XXI, o homem aristotélico, social e político, revela-se individual e egocêntrico, preocupado unicamente com o que lhe interessa... É desse modo que a atitude do Maçom na conjuntura histórica da sociedade pós-moderna não pode ser dúbia, e deve perseguir rigorosamente a casa mor da Grande Ordem.

Subscrevo, com isso, que mais além do paramento, do rito e dos símbolos que guarnecem sua presença em Loja, o Maçom precisa suplantando os limites físicos do Templo, para elastecer o objeto de seus estudos pela prática de valores, e observação de princípios que influenciem positivamente todos aqueles com os quais compartilha um mesmo cenário de vida, no mundo profano.

É imperioso que o Maçom seja firme no processo de edificação de seu Templo Interno, soltando contínua e incessantemente as amarras que o preservam aprisionado ao egoísmo, à inveja, ao orgulho, à vaidade, às injustiças, à exploração alheia e à exclusão social. Somente assim o Maçom logrará compreender que mesmo no ápice da pós-modernidade, a liberdade e a vida tanto constituem a essência do homem, como perfazem valores supremos e intangíveis que reclamam sua permanente proteção.

Valorizar a pessoa humana, obrar pelo bem, e agir em benefício do amor e da felicidade não pode ser uma fábula, uma cláusula do ritual. Esta é, longe de qualquer dúvida, a verdadeira responsabilidade do Maçom no contexto da sociedade pós-moderna!



artigo

A MAÇONARIA MUNDIAL, BRASILEIRA E GOIANA - I

Henrique de Oliveira Brito | Colaborador

O presente Tempo de Estudo tem como objetivo relatar a evolução de sociedades ditas maçônicas, que se estruturaram de modo discreto e em caráter universal, cujos membros cultivam o aclassismo, humanismo, os princípios da liberdade, democracia, igualdade, fraternidade e aperfeiçoamento intelectual, constituindo-se em uma associação iniciática e filosófica. Os maçons estruturaram-se e reúnem-se em células autônomas, designadas por oficinas, ateliers ou (como são mais conhecidas e correctamente designadas) Lojas, "todas iguais em direitos e honras, e independentes entre si."

A origem se perde na Idade Média, se considerarmos as suas origens Operativas, ou seja associação de cortadores de pedras verdadeiros, que tinha como ofício a arte de construção de castelos, muralhas etc.

MAÇONARIA PRIMITIVA

A Maçonaria Primitiva, ou "Pré-Maçonaria", é o período que abrange todo o conhecimento herdado do passado mais remoto da humanidade até o advento da Maçonaria Operativa. Há quem busque nas primeiras civilizações a origem iniciática. Outras buscam no ocultismo, na magia e nas crendices primitivas a origem do sistema filosófico e doutrinário. Tantas são as controvérsias, que

surgiram variadas correntes dentro da maçonaria. A origem mais aceita, segundo a maioria dos historiadores, é que a Maçonaria Moderna descende dos antigos construtores de igrejas e catedrais, corporações formadas sob a influência da Igreja na Idade Média.

O que existe de verdade é que a Maçonaria adota princípios e conteúdos filosóficos milenares, que foram adotados por instituições como as "Guildas" (na Inglaterra), Compagnonnage (na França), Steinmetzen (na Alemanha). O que a Maçonaria fez foi adotar todos aqueles sadios princípios que eram abraçados por instituições que existiram muito antes da formação de núcleos de trabalho que passaram à história como o nome de Maçonaria Operativa ou de Ofício.

MAÇONARIA OPERATIVA

Após o declínio do Império Romano, os nobres romanos afastaram-se das antigas cidades e levaram consigo camponeses para proteção mútua para se proteger dos bárbaros. Dando início ao sistema de produção baseado na contratação servil Nobre-Povo (Feudalismo).

Ao se fixar em novas terras, Os nobres necessitavam de castelos para sua habitação e fortificações para proteger o feudo. Como a arte de construção não era nobre,

deveria advir do povo, e como as atividades agropecuária e de construção não guardavam nenhuma relação, uma nova classe surgiu: Os construtores, herdeiros das técnicas romanas e gregas de construção civil.

Outras companhias se formaram: artesão, ferreiro, marceneiros, tecelões enfim, toda a necessidade do feudo era lá produzida. A maioria das guildas limitava-se no entanto às fronteiras do feudo.

Já as guildas dos pedreiros necessitavam mover-se para a construção das estradas e das novas fortificações dos Templários. Os demais membros do povo não tinham o direito de ir e vir, direito este que hoje temos e nos é tão cabal. Os segredos da construção eram guardados com incomensurável zelo, visto que, se caísse em domínio público às regalias concedidas à categoria, cessariam. Também não havia interesse em popularizar a profissão de pedreiro, uma vez que o sistema feudal exigia a atividade agropecuária dos vassallos.

A Igreja Católica Apostólica Romana encontra neste sistema o ambiente ideal para seu progresso, sobretudo com a CONVERSÃO DO IMPERADOR CONSTANTINO AO CRISTIANISMOS no século IV. Torna-se uma importante, talvez a maior, proprietária feudal, por meio da proliferação dos mosteiros, que reproduzem a sua estrutura. No interior dos feudos, a igreja detém o poder político, econômico, cultural e científico da época.

Após a referida conversão (Imperador Constantino), os construtores que guardavam a arte milenar da construção, foram convocados em massa para construção de inúmeras CATEDRAIS e demais fortificações por toda Europa Ocidental.

Continua na próxima edição...



artigo

O TERROR DOS DIRIGENTES: A POLÊMICA

Milton de Souza | Colaborador

O dirigente, geralmente, quando apresenta uma proposta espera adesão total. E quando alguém, presente ou não à reunião se manifesta contrário, questiona ou pede esclarecimentos, pode ferir de morte o proponente e as pessoas simpáticas à proposta. Algumas reações podem significar não se tratar realmente de uma simples “proposição” e sim, de uma imposição, imexível.

As vezes a pessoa é taxada de polêmico só pelo fato de sempre se posicionar em todas as matéria a que tem direito, então fica marcado. Assim, é super interessante e justo que se qualifique as qualidade das repetidas abordagens, uma a uma.

ALGUNS DOS VÁRIOS TIPOS DE POLÊMICA

Polêmica construtiva: Refere-se a debates e controvérsias que surgem visando à busca por soluções, melhorias ou a obtenção de consensos. Geralmente, essas polêmicas são baseadas em argumentos racionais e contribuem para o avanço do conhecimento ou da sociedade.

Polêmica superficial: Ocorre quando uma controvérsia não é baseada em argumentos relevantes ou sólidos. Muitas vezes, é caracterizada por discussões acaloradas e emocionais, sem uma base lógica consistente.

Polêmica sensacionalista: Envolve a criação de controvérsias com o objetivo de atrair atenção e ganhar audiência. Essas

polêmicas geralmente são exageradas, manipuladas ou espalhadas de forma sensacionalista para criar um impacto emocional nas pessoas.

Polêmica politizada: Surge quando uma questão controversa é explorada e manipulada por grupos ou indivíduos com interesses políticos. Os debates muitas vezes são polarizados e direcionados para atingir objetivos políticos específicos.

Polêmica moral/ético: Envolve questões relacionadas a valores e ética. Essas polêmicas geralmente envolvem dilemas morais ou éticos complexos, nos quais diferentes grupos ou indivíduos têm opiniões divergentes.

DESENVOLVIMENTO DO ASSUNTO

A polêmica é um elemento essencial na construção do conhecimento e no avanço das ideias. No entanto, muitas vezes, é encarada como algo negativo, especialmente pelos dirigentes e administradores de projetos.

Qualquer dúvida ou opinião contrária pode ser vista como um ataque pessoal à pessoa do apresentador, à sua inteligência e uma afronta à sua autoridade e competência. Essa postura compromete a abertura ao diálogo e impede o aprimoramento das propostas.

A figura do polêmico, muitas vezes, é tida como alguém incômodo, que causa desconforto e provoca discussões acaloradas.

No entanto, é importante compreender que muitos daqueles que se manifestam de maneira considerada polêmica têm o objetivo de promover reflexões e questionamentos, visando o aprimoramento. É por meio da contraposição de ideias que se desenvolve o pensamento crítico, a inovação e a busca por soluções mais eficientes.

Ao marginalizar o polêmico, os dirigentes privam-se de um valioso recurso para aprimorar seus projetos. A diversidade de perspectivas é fundamental para evitar a estagnação e o conformismo, estimulando a busca por soluções cada vez mais criativas e eficazes. Ignorar o polêmico é limitar a possibilidade de crescimento e sucesso na implementação de novas estratégias.

Além disso, é importante ressaltar que a polêmica não deve ser confundida com o desrespeito. É possível discordar e debater de forma construtiva, mantendo a cordialidade e o respeito mútuo. A diversidade de opiniões é benéfica quando encarada como uma oportunidade de aprendizado e melhoria contínua. Em vez de temer a polêmica, os dirigentes devem incentivá-la, abrindo espaço para o questionamento e para a participação ativa de todos os envolvidos em um projeto. O diálogo construtivo é a chave para a evolução e o sucesso de qualquer empreendimento.

Portanto, é fundamental que os dirigentes compreendam que a polêmica não é o “terror” que muitas vezes é tida como. É necessário encarar as discordâncias como oportunidades de crescimento, buscando sempre ouvir e considerar diferentes perspectivas. Somente dessa forma é possível construir projetos mais sólidos e promover um ambiente propício à inovação e ao progresso.

A POLÊMICA NA MAÇONARIA

Sim, a polêmica na Maçonaria certamente existe. Algumas características distintas são:

Em loja aberta é bem menor - Nas reuniões maçônicas, é permitido que cada irmão tenha a oportunidade de expressar sua opinião e participar dos debates. Isso é feito de forma estruturada, com cada um falando em sua coluna e no Oriente, respeitando a ordem estabelecida e sem interrupções, da seguinte forma:

“Submeter minha vontade”: Dentro da Maçonaria, é valorizado o princípio de que cada irmão tem o direito de “submeter a sua vontade”, ou seja, expressar sua opinião e ter sua vontade levada em consideração durante os debates e tomadas de decisão. Depois da decisão final, há que se observar que “voto vencido Obreiro calado e trabalhando”.

O uso da palavra: Cada irmão tem um tempo determinado para expor suas ideias e argumentos durante os debates. Esse tempo é controlado para que todos tenham a oportunidade de falar dentro de um tempo estabelecido, sem que um ou outro membro monopolize a discussão.

O orador: Após os debates, cabe ao orador, que é o responsável por conduzir as discussões, toma uma decisão. Essa decisão é baseada nos argumentos apresentados pelos irmãos, na busca pelo consenso e na lei maçônica, buscando o bem-estar e a concórdia entre os membros. Saindo desse comportamento sinaliza ritualística a ser aprimorada.

Em reuniões administrativas há possibilidade da polêmica acontecer é maior - Assuntos polêmicos felizmente quase que passaram a ser levados às reuniões administrativas, ou seja, fora do Templo, onde os irmãos têm a oportunidade de apresentar suas opiniões e argumentos sobre o assunto em questão, sem a ordem rígida da ritualística. Ai sim, pode haver aumentar o caráter polêmico profano, caso o dirigente não conduza a reunião primando por ensinamentos maçônicos.



conto

AMNÉSIO

Antônio Victor | Colaborador

Em ocasião outra, conheci um moço, ancião, quase o Amnésio. Amnésio é homem dotado de prodigiosa memória, das recordações pretéritas, mormente, com mente ágil e fértil, carecendo, muita vez, o ouvinte, de prestar redobrada atenção nos assuntos vários que ele vai discorrendo com ímpar naturalidade, qual seja também demonstrando, no claro, sua origem de homem da roça, gente do mato, ser do sertão.

Amnésio traz lembranças do seu tempo de peão sertanejo, sua lida com gado, seus tempos de amansador de cavalo redomão, de derrubador de mato no abrimento de picadas à força de foice e facão, de abridor de covas, buracos, cisternas a firmes golpes de picareta, enxadão e enxada. De visão física limitada, dada à perda de um olho, por descuido na hora de dar ração à boiada costumeira dos seus próprios currais, mas de um alcance muito amplo e atingidor de vastas distâncias no olho da alma, com visão, vista e visagens a perder de vista.

Amnésio é peão xucro, porém justo, e por isso faz grande questão de dizer, sempre que se reporta ao trevoso episódio: O acidente com esse olho não foi culpa da vaca. Ela foi balançar as guampas da cabeça para espantar mosca, eu tava desprevenido e no lugar errado, reconheço. Virei amigo de Amnésio de tanto gostar dos seus causos e dar valor às suas palavras.

A saúde, as circunstâncias, a vida expulsaram Amnésio do seu ambiente rural. Hoje ele mora na cidade, mas seu coração ainda está na antiga casa do campo e seu espírito muge, ruma e vaga pelas pastagens

daqueles tempos. Os filhos pequenos que Amnésio teve e os criou, hoje cuidam dele como se agora fosse ele a sua criança traquina e frágil, merecedora de todos os olhares em constante vigília e atenções.

O seu filho mais velho, que já lhe deu netos, viu na cidade uma chance de oferecer ao pai um momento de lazer e alegria. Levou-o ao circo que se instalara na praça principal e fez correr nas ruas e nos bairros a propaganda fabulosa das numerosas atrações da noite de estreia. Palhaços, malabaristas, equilibristas, mágicos, contorcionistas, o homem sem cabeça e o imperdível globo da morte. É a primeira vez que Amnésio adentra a lona de um circo. Tinha o desejo, desde menino, mas as oportunidades eram poucas e as obrigações muitas. Ganhava agora o prêmio de saber o que se passa sobre o picadeiro e nas alturas da casa ambulante de espetáculos.

Alguns dias passados, tive a honra de me encontrar com Amnésio e, de pronto, indaguei sobre suas impressões sobre as proezas espetaculares, e que ficasse à vontade para contar em detalhes o que viu, o que sentiu e o que achou de cada número. Ele se dispôs a narrar-me tudo. Ciente também do alto poder tecnológico em que se desenvolve a nossa era, mas desprovido de vocabulário definidor dessa área, o termo que mais se aproximava de sua descrição tecnológica era a palavra aparelho. Essa palavra foi largamente utilizada para a desconstrução de quase toda a trama circense. Amnésio, agora, com a palavra:

Achei que o circo era outra coisa. Não é o que eu pensava. Foi gastar dinheiro à toa com tanta mentira. Pra começo, o anãozinho do circo não era anão, era uma criança. O palhaço tentou me enganar, mas eu não sou besta. Quem é que dá conta de chorar a ponto de lágrima esguichar longe pra todo mundo ver? E quem é que solta ventosidade num barulho daquele e com tanta fumaça no meio dos quartos? E os tapas que eles trocavam pra estralar daquela altura? Tudo mentira! Agora vem aquela moça que subiu naquela corda e, de lá de cima, fazia aquelas coisas que pessoa de verdade não faz. Mentira.

Eu que já amansei cavalo brabo, que já derrubei boi pelo chifre, que enfrentei bicho perigoso, não consigo fazer aquilo! Ela vai fazer? Uma moça?! E outra, nem gente era. Aquilo era um aparelho que o dono do circo governa de longe. Nesse ponto eles são muito bons. Era mesmo que ver uma pessoa de verdade, mas não me enganou hora nenhuma. E aquela mulher que entrou na caixa e teve tanta faca atravessando o corpo dela? Mentira. As facas entravam e eu não escutei um gemido da mulher nem vi uma gota de sangue. E depois ela sai toda bonitona e alegre? Pura mentira! Aquela girafa? Outra mentira, que eu vi os pés de um dos homens que estava debaixo dela fazendo de conta que não era gente. Depois vem aquela menina que dobra o corpo de todo jeito. Quem é que faz aquilo de verdade? Só se a pessoa não tiver osso, e osso todo mundo tem. É aparelho que imita gente, um aparelho de borracha, daquelas borrachas bem mole. O globo da morte foi a pior enganação. Na hora de ver os homens entrando, de motocicleta, dentro daquilo, eles (o dono do circo) escureceram tudo, apaga toda a luz, pra ninguém enxergar que também era aparelho. Pessoa de verdade não nasceu ainda pra dar conta daquilo. Então o circo foi isso. Uma decepção que nunca mais ali eu boto os pés.

Interrompo Amnésio e pergunto, em razão de espervitada curiosidade: E o homem sem cabeça? A resposta veio rápido:

Esse você nem precisava perguntar. Se tivesse mesmo sem a cabeça, ele não andava, nem aluía do lugar, não tinha jeito. Será que alguém ainda acreditou naquilo? Eu não. Vai enganar a outro!

E concluído o meu momento de circo com Amnésio, por perguntar, perguntei. E em mula sem cabeça, meu amigo, você acredita? Amnésio fez uma breve reflexão, respirou fundo e verbalizou: Essa aí, dizem que existe. Já vi falar em gente que já viu. E benzendo-se em cruz, e com as mãos juntas erguidas pro céu, assim finalizou:

Mas graças a Deus eu nunca vi, e Deus nunca há de deixar que eu veja. Não sei se eu agüentaria!



ciência & saúde

DIABETES E O TREINAMENTO FÍSICO

Paulo Ricardo Arantes de Brito | Colaborador

Bom dia meu irmão venho hoje falar sobre a importância da atividade física para pacientes com diabetes, são assuntos que gera muita polemica duvidas e até mesmo conhecimento para trabalhar com tal especificidade, a diabetes.

A diabetes no Brasil é uma das mais elevadas do mundo e a maior da América Latina. O país ocupa a 6ª posição global em número total de casos, de acordo com o Atlas do Diabetes 2021, assinado pela Federação Internacional do Diabetes (IDF, na sigla em inglês):

Temos por habito achar que o treinamento de diabetes deve ser apenas caminhar, hidroginástica ou até mesmo a musculação, são atividades físicas muito importantes para o paciente de diabetes. Neste caso, não vou generalizar os dois tipos de diabetes a do tipo I e a do tipo II.

So para entendermos melhor a diabetes do I(um) ela é caracterizada pela

produção insuficiente de insulina, por isso o tratamento inclui a reposição de hormônio. E a do tipo II (dois) aonde o organismo se torna resistente à ação da insulina, sendo necessário manter o nível de glicose no sangue controlado por meio da alimentação ou medicação. Em outros casos pode acontecer a diabetes gestacional, e neste caso os sintomas são imperceptíveis.

Em ambos os casos o treinamento físico deve ser muito bem orientado, em todos os casos primeiramente passar por uma avaliação médica.

A diabetes tipo II é mais comum sendo os sintomas mais constantes são o de urinar o tempo todo, ter uma visão embaçada e formigamento nos pés e nas cicatrizes.

A mudança de estilo de vida deve vir acompanhada de uma boa alimentação, uma boa orientação inicial deve ser feita pois o corpo não é feito apenas de musculo e ossos, existem outros

sistemas que devem ser preservado ou ate mesmo treinado para poder o sistema cárdio respiratório adaptar a atividade física. O treino deve levar em conta as capacidades orgânicas, cárdio respiratória e principalmente oferecer uma melhor qualidade de vida e bem estar ao paciente.

No mais meus irmãos a diabetes é uma doença tratável que traz varias outras complicações ao corpo humano,

que é tratável mas muito difícil pois requer que o paciente comece a abdicar de muitos hábitos não salutares.

A mudança deve começar dentro de nós, pois não adianta o mundo inteiro querer e o paciente não. E no caso da diabetes infantil ainda fica pior pois as restrições alimentares impostas as crianças são muito agressivas e na maioria das vezes as crianças ficam limitadas pelo resto da vida.



tempo de estudo

QUAL É O COMPROMISSO COM A SUA LOJA

Wellington Camargo Porfírio | Colaborador

A semana tem 7 dias x 24 horas = 168 horas. Consideremos duas semanas, já que normalmente as Lojas se reúnem quinzenalmente (168 horas x 2 = 336 horas). Se considerarmos entre o preparar-se para ir a Loja e o término da sessão e chegar em casa temos aproximadamente: das 18:30 às 23:30 = 5 horas.

Se dividirmos 5/336 = 1,49% DO SEU TEMPO PARA A LOJA.

E apesar de só ser necessário dedicarmos cerca de 1,5% do nosso tempo para estarmos presentes em Loja, faltamos...

A maçonaria no seu Regulamento é clara. Antes de entrar para a ordem são feitas perguntas: Você dispõe de tempo para participar nas Sessões? E nós respondemos sim. Você dispõe de rendimentos para cumprir com as suas obrigações pecuniárias sem afetar as despesas da sua família? E nós respondemos sim.

No dia da iniciação você é interrogado: Tem a chance de desistir, parar aqui mesmo, decida. E nós não paramos.

Durante a sessão de Iniciação, somos indagados várias vezes se queremos continuar. E nós respondemos sim.

Vamos ao Altar fazer o nosso juramento de participar e cumprir com a nossa obrigação perante Deus e perante aos nossos irmãos. E nós respondemos sim.

Curioso, até aqui temos tempo para tudo, não é? Depois de tudo isto, o Regulamento ainda diz o seguinte:

O Maçom considera-se "frequente" com uma assiduidade de 50%. Não se exige 100%.

O Maçom pode atrasar-se nas mensalidades até 3 meses que é considerado regular (depende de Loja para Loja e de Obediência para Obediência).

Mesmo assim, ainda não damos a devida atenção a isto.

Além disto, se o irmão passar por dificuldades deve informar a Loja ou o seu padrinho ou o próprio Venerável ou o irmão Hospitaleiro que tudo será analisado, avaliado e se justo tentar-se-á ajudar o irmão durante o processo de situação difícil pelo que está a passar. Fizemos e fazemos muito disto e seria possível relatar diversos exemplos.

O que cabe a nós maçons?

Cabe a cada irmão criar forças para mudar, elevar-se materialmente, fisicamente e psiquicamente para continuar a colaborar com a Loja. Em tudo na vida há que fazer o esforço; conseguimos sempre quando queremos. Mas os problemas são motivos para quebrar a nossa força de vontade. Justificamos, justificamos, justificamos, mas não explicamos.

Sabe o que acontece na maioria dos casos? Irmãos que passam por problemas e não contam nada a ninguém e depois dizem que a Loja, a Maçonaria não ajudou. O que é que eu vou lá fazer se não muda nada. E ele não sabe que quem tem de mudar é ele.

Irmãos que usam justificativas infundadas para não comparecer.

Irmãos que se aborrecem com irmãos ou com o andamento das sessões e ao invés de conversar, de procurar transmitir

os seus pensamentos para serem avaliados por todos, em vez de colaborar, procuram argumentos para se manterem sempre na defesa, fazendo grupinhos, boicotando e atrapalhando o andamento dos trabalhos.

Irmãos que criticam para destruir ao invés de usar a crítica para tentar melhorar. Isto dá um péssimo exemplo de conduta e contamina a grande maioria que sonha, acredita, gosta e quer aprender.

Irmãos que se afastam e quando perguntados porquê, tentam passar por coitados e/ou vítimas.

Meu irmão, devemos procurar o exemplo dos bons e eles estão aí, espalhados por uma infinidade de Lojas. Quer alguns exemplos?

Irmãos que, mesmo em seu próprio aniversário, comparecem à sessão sem causar problemas com suas esposas e filhos; ao contrário, demonstram amor por eles. Irmãos que chegam a ter 100% de frequência.

Irmãos com temperamento forte, que discutem, mas que nunca perdem a linha nem se afastam da Loja; pelo contrário, estão sempre a ajudar.

Irmãos que passam por momentos tão difíceis que poderia ser compreensível que abandonassem o barco, mas que lutam contra o mal que os afeta.

Irmãos que trabalham duramente cada dia da semana, fazem cursos, frequentam palestras, viajando e muitas vezes não têm nem tempo para tomar um banho em casa – vão direto para a Loja e nem discutem isso.

Irmãos com filhos pequenos que ainda sofrem as doenças normais da infância e eles conseguem ajustar-se e estar presentes. Irmãos que mesmo acometidos por doenças graves, ajudam e não arredam pé.

Irmãos estudiosos que são profundos conhecedores da matéria e apresentam trabalhos para elevar o conhecimento de outros irmãos,

Irmãos com horários difíceis que conseguem ajustar para estar presentes.

Irmãos que não têm muita facilidade, mas que, com o apoio de outros irmãos, conseguem triunfar e aprender a lidar com a administração da Loja.

Irmãos que passam por doenças, acidentes, dificuldades financeiras, etc. e conseguem dar a volta por cima, pagam as dívidas tanto para a Loja quanto para os irmãos que os ajudaram e jamais deixam de participar e cumprir com as obrigações em Loja.

Se continuarmos a listar aqui os exemplos de passagens pela maçonaria, você passará o dia inteiro lendo, pois temos uma infinidade de exemplos de conduta e comportamento que devem servir de referência.

A falta só se justifica na ausência de vida, mas mesmo assim, acredito na existência de vida após a morte, o que me leva a crer que eles estão presentes nas sessões.

Claro que também compreendo que, por vezes, é necessário faltar por motivos justificados; isso é inevitável. No entanto, não podemos perder o foco, pois se nos acostarmos com a ausência, corremos o risco de nos habituarmos a não estar presentes quando necessário.

Portanto, meu irmão, tudo está em consonância com nossos pensamentos. O homem é moldado por suas próprias reflexões, e quando está determinado, as coisas se concretizam. No entanto, se relaxar, desistir ou não comunicar, o desânimo e a falta de motivação prevalecerão, e ele se afastará.

Desculpa meu irmão se fui duro, mas não consigo encontrar outra forma de pensar que não seja esta. Você pode me dar múltiplas razões, mas se você realmente quiser, você consegue... é só querer.

Inspirado em texto de Jairo Duppre Lacerda Filho.



tempo de estudo

A ESPIRITUALIDADE MAÇÔNICA – II

Aurélio Rodrigues Silva | Colaborador

Nunca esquecer que a Maçonaria molda o homem para ser justo e perfeito, portanto, o amor, a solidariedade, a fraternidade, a justiça e a caridade devem ser as virtudes que embelezam sua natureza humana se contrapondo aos vícios que denigrem e alvitram o seu ser.

Lembrar o Maçom que o cerimonial da iniciação é um ato sagrado, início da construção do templo interior de cada iniciado, daí a responsabilidade de cada Loja em dispensar a devida atenção ao desempenho da ritualística, procurando dar o verdadeiro sentido Espiritual ao sublime processo iniciático. O

tratamento dispensado ao iniciado deverá ser revestido do mais elevado respeito, para que seja dispensado todo carinho, afeto e respeito. Este Neófito fará parte da grande Família Maçônica Universal. Lembrar-se de que a iniciação é um dos mais solenes momentos da vida de um maçom. Portanto, as brincadeiras de mau gosto e a gozação não deverão, por hipótese alguma, fazer parte desse trote irreverente, mesclado de sadismo. Tal comportamento não faz parte da Maçonaria, pelo contrário, vem apenas denegrir a seriedade e sublimidade da iniciação, que é revestida do mais excelso princípio espiritual.

Portanto, como parte conclusiva deste trabalho, a espiritualidade na maçonaria busca o verdadeiro significado da parte Mística existente dentro da Sublime Instituição, particularmente no que diz respeito aos símbolos e alegorias. Portanto, quando se fala sobre misticismo, como mistério, tem o significado de algo que se percebe, profundamente, no íntimo, mas que não pode ser revelado, ou de que não se pode falar.

Oportuno ainda lembrar que o bom Maçom tem o dever de aprender, e aprender bem, para poder ensinar melhor ainda. É evidente que o estudo enobrece e conscientiza. Não esquecer que é importante saber; entretanto, mais importante do que saber é fazer, é ser! Os Mistérios que envolvem a Maçonaria são cheios de riquezas ocultas, os quais é preciso descobri-los para que se possam conceber todos esses ensinamentos, para que o Maçom se torne um sábio. A Maçonaria é uma escola de Moral, ilustrada por Símbolos e velada por Alegorias.



opinião

A BUSCA DE BONS E NOVOS CAMINHOS – II

Célio César de Moura Gomes | Cadeira nº 36

Simultaneamente ao desenvolvimento e manutenção destas condições coletivas para a saúde coletiva, onde e como couber, aplicam-se também medidas de proteção individual, trabalhando com cada indivíduo, em acordo ao seu perfil individual de saúde. Neste instante acrescentam-se soluções que não são viáveis para a manutenção da saúde coletivamente, mas viabilizando-se aplicação de medidas adequadas a cada indivíduo, ou seja caso a caso.

Aqui surgem então as medidas relacionadas com o uso de equipamentos de proteção individual, vacinas, exames médicos preventivos admissionais, periódicos e demissionais, educacionais coletivas e especializadas, de treinamento, habilitações, primeiros socorros etc.

Estas ações coletivas e individuais devem ser aplicadas sob a forma isolada e ou simultâneas, na implantação, como complementação e ou como suplementação de uma para com a outra, no exercício das atividades humanas de trabalho, tanto quanto nas de lazer e ou para atender outros motivos.

Estas medidas pré-doenças e ou pré-acidentes, são as que contribuem mais expressivamente para se elevar os índices de satisfação com os níveis de saúde de uma população, influenciando de forma expressiva na redução dos custos de produção de serviços e de bens para atender os indivíduos e as sociedades. Geram egrégora social positiva, com reflexos expressivos nos níveis de alegria e de satisfação

social. Geram os anos áureos, da existência humana, o “boom” dos IDHs (Índices de Desenvolvimento Humano)! Assim encerra-se o período da prevenção primária.

Segue-se a etapa seguinte com a prevenção secundária, com destaque para o diagnóstico e tratamento precoce, assistencial com o pronto socorro e ambulatorial visando a limitação de incapacidades, invalidezes de curta e longa duração, temporárias e definitivas. Neste momento adotam-se medidas de ordem individual e ou coletivas para descoberta de casos, promovendo triagens e exames seletivos e o tratamento dos casos diagnosticados buscando a cura e a propagação especialmente dos agravos contagiosos e a repetição ou agravamento de acidentes, evitando complicações e sequelas para encurtar os períodos de incapacitações e as invalidezes e evitando a morte.

É o momento de se aplicar os tratamentos específicos, os mais avançados, até este momento, para se atingir a cura o mais rápido possível.

Findo este período secundário, havendo cura e evolução de incapacitações e ou de invalidezes, indicando capacidades remanescentes para sobrevivência consigo e ou com contribuição social significativa, instala-se o período terciário de reabilitação, quando couber. No Brasil existem vários Centro de Reabilitação, com destaques inclusive internacionalmente.

Os casos que morrem são encaminhados à Medicina Legal, para apuração das causas, indo alimentar especialmente o

sistema de controle Epidemiológico, relacionados aos agravos à saúde que contribuem para o êxito letal. Destes registros, reavalia-se os conhecimentos até então das causas de mortes, com o fim principal de se diminuir a prevalência de cada causa, eliminando-a e ou levando-a à cura ou melhorando o controle de seu curso para prolongar a vida com o melhor nível de bem-estar, individual e coletivo, como no caso das doenças agrupadas como “crônicas”.

Com a evolução da assistência à saúde tanto quanto para a prevenção primária e secundária ocorreu também a evolução da prevenção terciária, no sentido de reintegrar o melhor possível os sequelados por quaisquer agravos, de sorte que ocorra a reintegração a melhor possível, tanto no grupo de convivência familiar e ou assistencial como na sociedade em geral, com as possibilidades oferecidas pelas capacidades remanescentes através principalmente das próteses e órteses.

A reabilitação⁷ é um processo educativo e assistencial, multiprofissional, que prima pela busca compartilhada do desenvolvimento das capacidades remanescentes, prevenção do agravamento de incapacidades e do aparecimento de complicações. É compartilhada porque envolve o paciente, o cuidador familiar, o profissional especialista em reabilitação e o grupo social de convivência do reabilitando, reabilitado. É um processo repetitivo e duradouro, talvez, até o fim do curso do processo de vida do beneficiado, como acontece com todo Ser Humano.

Sabe-se que o interesse mundial pela Reabilitação ocorreu principalmente por quatro acontecimentos históricos: as duas últimas guerras mundiais, o processo acelerado de urbanização e industrialização, ambos favorecendo a propagação de epidemias e pandemias, e o aumento do número de acidentes de trabalho.

Do mesmo modo estes acontecimentos motivaram os hospitais, até então voltados mais para especializações dando

prioridades ao conceito restrito da cura, passarem a interessar para restituir o paciente, de modo a restabelecer o seu bem-estar, e também no seio da sua família e do seu grupo social.

Acredito que assim, podemos entender um pouco melhor a razão de estarmos aqui revendo e reiterando o deixado por Stephen Hawking, como um indivíduo que pôde com seu desejo e o devido apoio do grupo social que o cercava e ainda o cerca guardando e zelando pela sua memória, manter-se integrado contribuindo de forma ímpar para o progresso da humanidade. Fica aqui este registro de sua contribuição científica à humanidade e uma modesta homenagem de todos aqui, do autor e leitores de artigo.

Finalizando vou reunir aqui agora as preocupantes profecias de Stephen Hawking, sobre o fim do mundo: 1. Terra pode autodestruir-se em menos de 600 anos; 2. Aumento populacional; 3. Ganância humana; 4. Previsão sombria; 5. Outros planetas; 6. Seus planos; 7. Alpha Centauri; 8. Riscos em experimentos científicos; 9. Experimentos perigosos; 10. O projeto “Breakthrough Starshot”; 11. Para Marte em uma hora; 12. A humanidade e o universo.

Entre estas previsões vou destacar a de número 3, Ganância Humana, pois parece-me estar afetando a humanidade em quase seu todo, especialmente nos poderes da República Brasileira. Lastimável:

“Numa aparição em vídeo para uma convenção em Pequim, em 2017, Hawking compartilhou sua ideia de que a humanidade poderia exterminar-se, devido à “ganância” humana e ao “atrapalhamento” dos que vivem no planeta.”

“Espírito Inquebrável: Hawking era conhecido por sua capacidade de tornar conceitos científicos complexos compreensíveis para um público amplo. O seu compromisso com a ciência e a educação e o seu espírito inquebrável inspiraram pessoas em todo o mundo”.



João Batista Fagundes Filho
OAB/GO 14.295
fagundesadvgo@gmail.com

62. 3215-2293

Rua 10 nº 250, Sala 302 - Ed. Trade Center
CEP 74120-020 - Setor Oeste - Goiânia-GO



ENI CABRAL & G. MARTINS FERRO S/C ADVOCACIA
OAB-GO 35

Eni Cabral
ADVOGADO

Fone: (62) 3215-1973
Fax: 3215-1838
e-mail: enicabral@terra.com.br

Rua 10 nº 238 - Edifício Jotabrado - Sala 602
Setor Oeste - CEP 74120-020 - Goiânia - Goiás



artigo

“PREFERIS SEGUIR O CAMINHO DA VIRTUDE OU DO VÍCIO?”

Airton Batista de Andrade | Cadeira nº 26

A maçonaria em um de seus corolários impõe aos seus adeptos que vivam segundo os ditames da honra, pratiquem a justiça, amem o próximo e trabalhem pela felicidade do gênero humano. Ela é tida, dentre outras coisas, como uma instituição que tem por objetivo “tornar feliz a humanidade pelo amor e pelo aperfeiçoamento dos costumes”, daí os maçons se reunem periodicamente para, além de outras finalidades, levantar templos à virtude e cavar masmorras ao vício, acalmar o ardor das paixões, conceber ideias sólidas de virtude e regular os costumes por princípios morais elevados.

Ela se propõe a auxiliar no esforço que o ser humano realiza para melhorar-se moralmente, renovando seus propósitos morais de modo sistemático e constante, incorporando-os em seu sistema de vida.

A renovação moral torna-se assim, meta e alicerce fundamental para o ser humano, com o intuito de solidificar o amor, buscar o perdão, cultivar sentimentos positivos, enfim aperfeiçoar-se constantemente. Isto se torna fruto do esforço individual e coletivo dos irmãos nas Lojas Maçônicas e na vida profana, e objetivo de conquista ao longo de cada iniciação ou cada degrau galgado. Então as lendas, histórias, símbolos, alegorias e demais ensinamentos apreendidos, buscarão a cada momento ou a cada estágio conquistado, oferecer subsídios no sentido da perfeição ou do aperfeiçoamento do indivíduo.

Isto exige do homem maçom enormes sacrifícios, devotamento a causas nobres e obediência a princípios morais que a todo o momento são colocados à prova, na luta por uma vida ilibada, no combate aos erros, paixões e preconceitos mundanos.

Virtudes e vícios nos levam a um modo de ser, sentir e agir que nos permitem, harmonizar com o todo, ser feliz e promover o bem à nossa volta, ou então não nos deixam progredir, desenvolver e nos afastam da senda da perfeição e da verdade.

Qual o caminho a seguir: o da virtude ou do vício? Questão fundamental para se tornar um homem livre e de bons costumes e solidário do bem querer.

O culto ao amor, abnegação, afabilidade, bondade, carinho, caridade, fraternidade, compaixão, confiança, coragem, devotamento, esperança, fé, gratidão, sinceridade, justiça, solidariedade, ternura, humildade... e outros deverão ser entendidos por aqueles que desbastam as asperezas da pedra bruta, como um modo positivo de sentir o mundo e torná-lo cada vez melhor, na busca da felicidade e progresso espiritual

das pessoas, além de ser remédio para o sofrimento e oportunidade de espargir a luz e a paz num mundo cada vez mais desigual.

É também uma forma de levar-nos a pensar um pouco mais nos outros do que em nós mesmos. Olhar para os outros em primeiro lugar e agir em benefício do semelhante e da coletividade. Desenvolver o espírito solidário, tão carente e necessário nos dias atuais.

Ainda que haja, por menor que seja, uma ínfima e maléfica partícula do mal, em qualquer de nós, esforços e ações deverão ser concebidos para desbastar a pedra bruta e dar polimento ao ser, à pedra que gostaríamos de representar para evitar com firmeza os maus sentimentos que conduzem o ser humano à ganância, antipatia, arrogância, ciúme, cólera, comodismo, falsidade, ingratidão, inveja, vaidade, pessimismo, vingança, ressentimento... e tantos outros, porque qualquer um deles tende a afastar-nos da busca da perfeição, distanciando-nos de um plano superior. O mal existe por toda a parte, com tentadoras atrações, mas igualmente o bem aí está, servindo de alavanca às causas sociais. O mal é o lado fraco de nossa natureza, mancha tronos, corrompe choupanas e palácios, invade a humanidade. Mesmo que exista nos corações humanos as imperfeições dos erros, as asperezas do orgulho e da vaidade, estas deverão ser combatidas pela luz da razão que ao iluminar a liberdade de consciência irá provocar o ressurgimento espiritual e a transformação moral que se espera de um coração bem formado.

A virtude e o vício fazem parte do cotidiano das pessoas a as colocam à prova a todo o momento, entretanto o homem tem à sua disposição, para nortear sua escolha, o livre-arbítrio, considerado como um “comando de vida” entregue pelo GADU® nas mãos de cada um. Daí o homem ser “artífice do seu próprio empreendimento, mestre dos seus passos, mentor do discernimento”, ao usar o livre-arbítrio para retratar seus pendores para o bem ou para o mal, para ser salvador ou algoz, tornar-se herói ou vilão, ser benéfico ou maligno.

O livre-arbítrio será o instrumento que colocará ou não um freio salutar à impetuosa propensão de se arrastar para o mal, a trabalhar e adaptar o espírito a ideias e princípios virtuosos e morais. Isto exige preparo, luta interior, aperfeiçoamento e vontade para discernir entre o bem e o mal, a virtude e o vício, o justo e o injusto e tomar a decisão mais acertada à ocasião.

– Lutar ou não? Abrir o coração para o bem! Renovar sempre nesse sentido! Descobrir os próprios defeitos e curar os males que possuem. – Será que sou perfeito?

Sou menos errado que meu semelhante? Posso mudar para melhor?

Forças renovadoras e positivas tendem a criar um ambiente mais produtivo e salutar em nossas vidas. Ao abrir o coração para o bem, estaremos criando condições para um envolvimento positivo, para ouvir críticas construtivas e dialogar acerca dos problemas e respectivas soluções.

A fé e a vontade para a busca de um querer mais positivo, são forças capazes de conduzir o ser humano a um patamar cada vez mais promissor, renovando-o sempre no caminho da justiça e da equidade e renovando os erros e mazelas que o leva a infaustas ações. A modificação interior de seus próprios valores, a transformação para melhor dos seus sentimentos e a socialização da prática das virtudes, tenderão a trazer melhorias sensíveis em todos os aspectos. Assim o mundo evolui, a humanidade prospera e comunidades inteiras mudam seus planos e ações para melhor.

Algo belo e admirável há no Homem quando, “precrutando seus instintos morais, o vemos, através das luzes da razão e sãs aspirações, senhor de seus destinos sociais”. Devemos encará-lo, não como escravo de suas paixões, mas sim, um ser superior aos demais, que usa conscientemente os direitos e deveres, para chegar ao apogeu da perfeição a ele destinado, para desempenhar o glorioso papel de Construtor Social, abrigando em seu ser os mais puros sentimentos humanos.

“Ser um adepto da lei do amor torna o homem mais dócil e compreensivo, faz com que saiba perdoar, elevá-lo à harmonia celestial. Deixando-o à mercê dos bons conselhos, granulam-se ao seu redor os lumes da esperança perpétua e consolida-se o seu universo de paz.”

No intuito de disseminar nobres instintos morais e subsidiar decisões direcionadas a renovar e criar bons propósitos de vida procure:

a) Descobrir o seu lado imperfeito mais fácil e simples de ser contornado; b) Ter autocrítica para entender os desvios de conduta a serem reparados; c) Acatar censura sobre os próprios atos e aprender a ouvir conselhos alheios; d) Reconhecer e assimilar seus próprios erros; e) Ser flexível. Efetuar pequenas concessões nos desejos ou caprichos; f) Saber perdoar. Agradecer; g) Ser humilde. Não ser presunçoso; h) Amar o amigo. Saber ser amigo; i) Ver qualidades ao invés de defeitos; j) Compreender o limite de cada um. Pessoas têm diferentes graus de dificuldade para exercer papéis na sociedade; k) Não julgar. Deixar os julgamentos para os tribunais; l) Saber dividir responsabilidades; m) Entender o significado de “dar” e “receber”; n) Dar o primeiro passo. Ter iniciativa; o) Afastar-se da hostilidade; p) Ter atitudes afetivas positivas. Ânimo regenerador; q) Calma e perseverança para remover obstáculos; r) Ter disposição para conhecer o que não sabe. Sentir-se aprendiz; s) Vivenciar novas experiências; t) Ter postura positiva; u) Ser solidário e participativo; v) Manifestar carinho e saber reconhecer os atos positivos (reconhecimento); w) Ser igual, fraterno e conciliador; x) Romper com o negativo; y) Fortalecer os laços do amor.



crônica

A PAZ IMPOSSÍVEL

Valteude Guimarães Ferreira | Colaborador

Interessante, o Brasil clama por paz, os religiosos, a sociedade, as autoridades, como, Presidente da República, Governadores e Prefeitos, todos vão nos meios de comunicação clamar por paz. Mas o mais interessante é que as autoridades constituídas são as primeiras a fazerem e sancionarem leis que permitem o cidadão a ter uma arma de fogo, esse instrumento que só serve para ceifar a vida do ser humano.

É sabido que a violência, atrocidade, maldade e mortes de pessoas inocentes são causadas por armas de fogo,

tais como revólveres, espingardas, fuzis e metralhadoras. O ser humano sem uma arma de fogo é capaz de suportar até uns empurrões, mas de posse de uma arma é incapaz de aceitar um pedido de desculpas. A arma de fogo faz o homem ser um super homem, triplica sua coragem, e ele se esquece que ninguém tem autoridade ou poder para tirar a vida do outro semelhante.

Tem dois tipos de pessoas que portam uma arma de fogo, a polícia e o fora da lei, o primeiro tem uma permissão para portar e usá-la, o segundo

traz consigo para intimidar e oprimir, e quando faz o disparo tira a vida da sua vítima. Se em vez de leis para porte de arma, os representantes do povo fizessem projetos para escolas, mais incentivos para o ser humano deixar de ser uma fera e ser gente, seria possível diminuir a violência, mais empregos, mais qualidade de vida, é disso que o Brasil precisa. Se todos clamam por paz então porque algumas autoridades Municipais insistem em criar um grupo armados com fuzis e metralhadoras para dar mais segurança ao povo, porque não constrói escolas e preguem a verdadeira paz.

Escolas, livros, lápis e canetas talvez sejam mais importantes que uma metralhadora e fuzil, um fora da lei não nasce marginal ele aprende a ser, por mais facínora que seja o homem ele um dia foi criança, e

antes de ser um fora da lei ele falou papai, mamãe, vovó e vovô, às vezes por falta de uma escola e livros ele se tornou um fora da lei, talvez por falta de um professor, de uma instituição como a ordem Demolay onde a criança, o jovem aprende como respeitar o pai, a mãe a pátria, os mais velhos e aprende que o crime não compensa. Paz não se adquire com alguém incentivando a violência, a arma quando faz um favor ela nos leva so para dois lugares que é a prisão ou para o cemitério. É preciso combater a violência? Sim mas não matando, espancando, torturando e mostrando para a sociedade que uma arma é a solução do problema, que o homem treinado para matar usando um instrumento letal vai diminuir a violência. Não é fabricado monstros, pois violência gera violência.



opinião

A GUERRA

Jefferson Soares de Carvalho | Cadeira nº 15

O primeiro registro histórico de uma guerra é de 15.000 anos, em um cemitério em Jebel Sahaba, onde 45 % dos esqueletos apresentavam sinais de morte violenta. De lá para cá a humanidade tomou gosto pela coisa e não parou mais. A guerra se espalha e se perpetua como se dissociada da vontade humana, como se tivesse “vida própria”. O cientista social Henk Houweling em um estudo matemático das deflagrações de guerra, mostra um “forte indício de epidemia”. Ou seja: a causa da guerra é a própria guerra.

Até hoje a humanidade procura motivos “racionais” para justificar a guerra sangrenta como um homicídio organizado. Pode ter sido o domínio de uma área de caça, por alimento, por uma mulher, por orgulho ofendido ou captura de vítimas para sacrifício. Pode ser por estratégia, incapacidade de aceitar e viver com a diferença de ideias, de classe, de etnia e religião. Ou seja, “nós” lutamos contra “eles” porque são diferentes e essas diferenças são ameaçadoras por desafiar nossas próprias ideias e modo de ser. Assim, a guerra seria um fracasso de admitir a diversidade humana. Mas, se aprofundarmos sobre a origem das guerras, vamos encontrar em última análise, o desejo pelo poder e a ganancia econômica. Nosso pobre planeta parece ser pequeno demais para tanta ambição e egoísmo do ser humano.

A ligação entre a guerra e masculinidade era quase exclusiva e por muito tempo monopolizada pelos homens. Entrava-se na guerra para confirmar que éramos

“homens de verdade”. Assim pensava Albert Einstein, falando sobre a Primeira Guerra Mundial: “As raízes psicológicas da guerra são, na minha opinião, biologicamente fundadas nas características agressivas do macho”. Os guerreiros formaram uma elite para quem a guerra era heroica e até religiosa. O islamismo deu ao guerreiro um papel de honra; o budismo aceitou o samurai; na Europa, com a doutrina de Santo Agostinho da “guerra justa”, a Igreja sacralizou a guerra. A partir do século XVI, a conquista do mundo se fez numa combinação de cristianismo e militarismo, convertendo os indígenas no fio da espada. Só no México, exterminou-se cerca de 18 milhões de pessoas e tudo sob o símbolo da cruz e a pretexto de converter pagãos.

No século XVIII o nacionalismo, com a decadência da elite guerreira e o surgimento do soldado cidadão, aos poucos toma o lugar da religião, tornando-se uma verdadeira religião cívica. A partir da Revolução Americana e da Francesa o soldado não lutava apenas em nome do rei, mas pelo ideal de uma nação que justificava uma realidade de carnificina e morte. Daí também as mulheres começaram a tomar o seu papel na guerra. Há uma democratização da guerra.

O mecanismo dos treinamentos militares, os desfiles em massa – tão bem demonstrado pelo nazismo – os rituais sincronizados; o Estado xintoísta no Japão, que aglutinou todo o povo na adoração sagrada do imperador e as notícias da guerra transmitidas pela televisão; além de banalizar os horrores da guerra, recriam

a sensação de um grupo familiar unido, da “guerra de um contra todos”, enfim, de um nacionalismo militante.

Veja o caso das Ilhas Falkland ou Malvinas. Em 1982, a Argentina governada por uma ditadura repressiva e sanguinária, vendo seu poder ruir, entra em guerra contra a Inglaterra por um mísero arquipélago no Atlântico. Houve um princípio de entusiasmo nacionalista argentino, mas como a derrota veio em questão de menos de 3 meses, começou a derrocada do regime. Já na Inglaterra, houve um surto nacionalista e um enorme crescimento da popularidade de Margaret Thatcher – primeira ministra britânica – que estava ladeira a baixo.

Em 1985, com a economia em recessão e a popularidade em baixa, o presidente norte americano George Bush lança a Operação Tempestade no Deserto contra o Iraque. Seu índice de popularidade cresceu para 90%.

Desde o surgimento do arco e da flecha, e da arma de fogo, não havia mais necessidade de grande força muscular para manejá-los e as mulheres se fizeram guerreiras. Houve inúmeros casos de mulheres guerreiras, como as do Dahomei, no oeste da África; as Amazonas; a rainha Boadicéia; a americana Debora Sampson e a brasileira Maria Quitéria. O nacionalismo não discrimina sexo ou classe. Desde da Primeira Guerra Mundial, após vencerem todos os tipos de preconceitos e barreiras, as mulheres frequentam as academias militares e estão em todos os postos da hierarquia militar.

Após o banho de sangue das Guerras Napoleônicas, os filósofos Auguste Comte e Stuart Mill profetizaram que as guerras acabariam com a chegada da civilização devido aos progressos oriundos da produção industrial. O progresso chegou e as guerras continuam.

A Primeira Guerra Mundial era “a guerra para acabar com todas as guerras”

e gerou a Segunda Guerra Mundial. A partir da Segunda Guerra Mundial, ocorreram 160 guerras que até 1994 somaram cerca de 22 milhões de mortos. A ONU veio para administrar e impedir outras guerras, mas elas continuam por aí.

Os processos de destruição do homem pelo homem estão cada dia mais sofisticados. No primeiro conflito mundial ainda procurava-se distinguir combatentes e população civil. A Segunda Grande Guerra caracterizou-se pelas devastações sem medidas, os ataques indiscriminados.

Atualmente vê-se as chamadas “guerras moleculares”, são guerras limitadas, de “baixa intensidade”, que muitos nem tomam conhecimento, como na Costa do Marfim, Somália, Sudão, Libéria e Timor Leste. Mas, do ponto de vista civil, ela é mais mortal do que a Primeira Guerra Mundial onde 15% dos mortos eram civis, na Segunda Guerra Mundial aumentou para 65%. Nas guerras de “baixa intensidade”, 90% dos mortos são civis. A apoteose dantesca dessa matança de civis se deu com a bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki e, não satisfeitos, os homens continuam a aprimorar o processo com a bomba de hidrogênio, a de nêutrons e as armas químicas.

E assim caminha a humanidade. Até quando? Não sei. Só sei que mais de vinte civilizações existiram e desapareceram pela terra. Segundo o filósofo alemão Wilhelm Christing Ludwing Dilthey, na Idade Média, com a contribuição da Grécia e de Roma, elaboramos a consciência moderna. Aprendemos o necessário para pisar no portal da Era Cósmica, mas não entramos nela. Não nos libertamos do egoísmo dos primatas e não nos elevamos à compreensão de nossa própria consciência. Enquanto a humanidade não evoluir moral e espiritualmente, durante muito tempo ainda conviveremos com a insanidade da guerra.



reflexão

DIA MUNDIAL DO PLANETA TERRA

Antonísio Siqueira Borges | Colaborador

Dia 22 de abril, por definição da ONU, comemora-se o Dia Mundial do Planeta Terra. A data pode ser um alerta ou um lembrete da importância da conservação ambiental e da sustentabilidade. O Dia da Terra marca a data do nascimento do movimento ambientalista em 1970, ocasião em que os Estados Unidos da América enfrentavam uma crise de poluição. Desde essa data até hoje a situação em nada melhorou, ao contrário, pode-se considerar que ela está em um estado alarmante, enfrentando impactos irreversíveis. Esse alerta pode se tornar um apelo para repensarmos nossas ações e buscarmos melhores atitudes em busca de um mundo mais sustentável.

Quando falamos de meio ambiente, estamos nos referindo ao conjunto de elementos e processos biológicos, químicos e físicos responsáveis pela vida no planeta terra. Nesse conjunto estamos nós os seres humanos e as transformações que impomos aos espaços naturais, tanto na biosfera, quanto na atmosfera. Devemos portanto refletir sobre essas transformações, e promover ações de proteção ao ecossistema, evitando sempre possíveis danos ou degradações ambientais.

Constantemente estamos lendo artigos, notícias, documentários, cobrando ou informando sobre agendas sustentáveis, direcionando metas,

assumindo compromissos com o meio ambiente, que de certa forma produzem redução dos impactos ambientais, mas ainda precisa muito para que se obtenham resultados satisfatórios.



Enquanto indústrias, agricultura, pecuária, comércio etc. promovem suas ações para diminuir esses impactos, cabe também a nós, como cidadãos comunitários, pautar nossas preocupações com desperdício de alimento, de água, de energia, escolha de produtos não sustentáveis entre outras, revertendo sempre nossas atitudes e escolhas em favor de um ambiente melhor e sustentável. Precisamos ater às nossas atitudes individuais, refletindo sobre a saúde de nosso planeta. São atitudes simples, como economizar energia em casa e no trabalho, para isso desligando sempre aparelhos ou lâmpadas que não estão sendo utilizados, reduzir o consumo de água, evitando banhos demorados, reutilizando água de máquina de lavar, reutilizar, reciclar ou mesmo reaproveitar tudo o que for possível em nosso dia a dia. Com criatividade podemos evitar o aumento de lixo no planeta.

A preocupação com o meio ambiente deve nos levar a obter sempre conhecimento sobre como cuidar de nosso planeta, como também espalhar esse conhecimento, falando sempre a respeito, trocando informações, participando de eventos referentes à sustentabilidade. Como diz Zé Ambientalista, “é preciso cultivar a idéia de preservação na cabeça das pessoas, difundindo a necessidade de mudança de condutas, pensando no bem estar das futuras gerações”.

A tarefa da preservação do meio ambiente é árdua, não é pequena, especialmente enquanto acontece o aumento populacional, tecnológico e industrial. Mas ela começa com pequenas atitudes diárias e essas competem a nós, seres humanos individuais. Esse é o dia, essa é a hora de olharmos com mais cuidado o meio ambiente, pois ele nos proporciona tudo o que precisamos, do nosso alimento ao lugar em que moramos.



tempo de estudo

VIRTUDES MAÇÔNICAS

Paulo Marra | Cadeira nº 17

O presente texto pretende analisar a Virtude sob o ponto de vista filosófico relativo a Maçonaria. A Virtude representa um aspecto da conduta moral que exige nossa atenção. Uma vida autenticamente moral não se resume a um ato moral, mas é a repetição e continuidade do agir moral. Como afirmava Aristóteles, o agir bem não

deve ser ocasional e fortuito, mas deve se tornar um hábito, fundado no desejo de continuidade e na capacidade de perseverar no bem, ou seja, a verdadeira vida moral se condensa na vida virtuosa.

Neste contexto o que é VIRTUDE? Etimologicamente virtude vem da palavra latina vir, que designa o homem, o varão. Virtus é “poder”, “potência” (ou possibilidade de

passar ao ato). A ideia de “virilidade” está ligada à ideia de força, de poder. Virtuoso é aquele capaz de exercer uma atividade ao nível de excelência.

Em todos esses sentidos persiste a ideia de força e capacidade. Em MORAL, a virtude do homem é a força com a qual ele se aplica ao seu dever e o realiza. A virtude é a permanente disposição para querer o

O segredo da existência humana reside não só em viver mas em saber para que se vive. DOSTOIEVSKI

bem, o que supõe a coragem de assumir os valores escolhidos e enfrentar os obstáculos que dificultam a ação. (Aranha e Martins, 1986).

Nesta perspectiva, as Virtudes Maçônicas serão abordadas, inicialmente, quando no Cerimonial de Iniciação, pode-se verificar a importância da virtude contida no Ritual de Aprendiz Maçom do Rito Escocês Antigo e Aceito.



artigo

ESCRITOS MAÇÔNICOS – II

Luiz Gonzaga | Colaborador

Alertamos, antecipadamente, que as referências à denominação de “Portais” são bem escassas nos trabalhos maçônicos e na própria literatura, embora seja comum se referirem os maçons à Árvore da Vida, Cabala, e aos Ensinos de Jesus, ou mesmo as sucessivas Iniciações a que se submetem os Maçons para acesso aos Graus Simbólicos e Filosóficos sejam, por assim dizer, verdadeiros “Portais” maçônicos, por onde transitam em busca da sapiência maçônica, ou como dizem: rumo ao topo da Escada de Jacó.

Dito isto, podemos adiantar que a tradição esotérica-gnóstica-mística sempre se encontra com os seus portais abertos aos buscadores dos mistérios iniciáticos, e sendo do conhecimento geral o dito popular (do antigo ditado chinês) de quando o discípulo estiver pronto, o Mestre aparece, independentemente do que isto possa significar aos olhos e entendimento dos adeptos do historicismo documental, a frase está a dizer que aquele que busca acabará por encontrar o objeto buscado, e tornar-se-á Mestre.

O importante é que o mestre, primeiro, seja mestre de si mesmo (nosce te ipsum) antes que almeje ser mestre dos que estejam a caminho do mestrado ou na relação com os outros e com o mundo, embora desde o primeiro momento em que atingir o mestrado esteja validando o herético ensinamento de que “em qualquer lugar que estejam os vestígios do Mestre, os ouvidos daqueles que estiver preparado para receber o seu Ensino se abrirão completamente”. Se, isto é misticismo, esoterismo ou gnosticismo, pouco importa. Os adeptos e fiéis seguidores da Escola Autêntica jamais lograrão êxito em afastar, por completo, os aspectos da cultura mística, esotérica e gnóstica que permeiam a Ordem Maçônica.

Os pivôs mentais das iniciações maçônicas não funcionam bem se não houve curiosidade pelo conhecimento por parte dos Iniciandos; curiosidade para querer vivenciar os mínimos aspectos das iniciações; e curiosidade por querer saber o que existe depois de cada

processo iniciático. Por isso, aos Iniciandos ousamos recomendar: jamais permita que o seu marcador da curiosidade alcance a posição 0 ou próximo de 0 (zero), pois entre 0 e 10 na exponencial “N” (ene) há infinitos de pontos a que se pode elevar os graus dos conhecimentos do todo ou das particularidades desse mesmo todo. Assim procedendo, ou seja, não permitido o estacionamento do ponteiro marcador da curiosidade, o candidato a Iniciação está aberto para ser deslocado, em qualquer direção, em função do surgimento dos novos conhecimentos; e a se interrogar constantemente sobre a utilização e funcionalidade dos novos conhecimentos em sua vida diária.

Ainda discorrendo sobre os procedimentos iniciáticos, todo portal é um umbral de renovação e vida, renascimento e vida (nova) que segue a caminho de novos conhecimentos. A única precaução que se há que administrar é para que Aquele que receber uma “migalha ou migalhas do conhecimento”, ao abrirem-se seus olhos, não passe a se considerar deus (imortal) do conhecimento ou uma ameaça os Irmãos com assentos ao seu lado (cf. Gênesis 3:22), demonstrando não estar à altura de merecer o saber. O carma do conhecimento é uma constante na vida dos indivíduos iniciados, ainda que, muitíssimos, vivam na mais completa ignorância e alguns outros se vangloriem dos seus saberes.

Os portais maçônicos são, por assim dizer, de forma a mais simplória possível, o conjunto de estudos na literatura e na compreensão do que se encontra além da esfera do conhecimento empírico, e isto quer dizer, ausente do conjunto dos conhecimentos metafísico (sobrenatural) e secreto. Conjunto de conhecimentos e saberes esses não acolhidos pela comunidade maçônica cientificista, por não compartilhar metodologias específicas. A estes, contudo, importa dizer e fazer entender que aqui estamos a denominar de “portais maçônicos” as sucessivas iniciações (e as comunicações reservadas dos graus iniciáticos) ao longo da trajetória do maçom na escalada ao cume dos saberes maçônicos.

Insta asseverar, antes de concluir, que cada portal maçônico é uma esfera que se abre a cada iniciação ou a cada comunicação de graus, e que se abre a cada busca e a cada leitura em livros maçônicos. Os portais maçônicos e as leituras permitem o acesso a uma espécie de biblioteca mental universal, onde se pode entender o quanto os indivíduos são suscetíveis de saberes que não sabem que não sabem, e suscetíveis ao desvelamento de capacidades para que possam empreender viagens por universos desconhecidos que somente a metafísica explica.

Em suma, as mil e uma faces das iniciações maçônicas e das leituras aos livros de maçonaria se apresentam aos olhos e ao entendimento do universo mental do Iniciado, a cada portal que atravessar na caminhada dos graus em perseguição aos saberes maçônicos, evidenciando que o programa básico de trabalho do “Eterno Aprendiz” é Aprender, autotranscender, em caso contrário, sem o desejo de transcender, “aprender”, a caminhada se encerra, e os “portais” perdem a sua essencial razão de ser, se não houver transeuntes para por eles transitarem.

OUSE SABER

Os maçons atravessam os portais iniciáticos da maçonaria e os portais da leitura e da literatura sem se aperceberem que estão atravessando portais. E falando especialmente aos escritores e articulistas maçônicos: é preciso manter a produção de livros e da escrita dos textos maçônicos, até mesmo, muito particularmente, como forma de poderem assegurar a herança cultural da maçonaria. Atentem-se que nas batalhas pelo livro estamos a perder espaços. Anotem que a contabilidade editorial indica que desde o ano 2000, um milhão de livros são publicados a cada ano. E, curiosamente, podemos nos perguntar, qual a nossa porcentagem neste montante de 20 milhões de livros entre 2000 e 2020? É imperativo (e determinante) uma resposta à esta questão? Talvez sim. Talvez não. Sim ou não se encontra a depender do marcador da curiosidade de cada um dos leitores deste texto.

Lendo e relendo ou mesmo escrevendo livros maçônicos, nos convencemos de que os livros não são apenas salvaguardas da cultura da Maçonaria, mas agentes da transformação. Os livros nos ajudam a viver e a compreender a vida. Verdadeiramente, como assevera Harold Bloom, “não podemos encarnar a sabedoria. Mas podemos aprender a conhecê-la, a despeito de ser ou não identificável com

a Verdade” (BLOOM, 2005:319), ou como diz George Steiner: “os livros são a chave de acesso para nos tornarmos melhores. Sua capacidade de provocar essa transcendência suscitou discussões, alegorias e desconstruções sem fim” (STEINER, 2017:17). E ainda que se possa afirmar, peremptoriamente, que os livros digitais e a tecnologia midiática possam a qualquer momento decretar a morte do livro impresso, não podemos acreditar que isto ocorra a médio prazo. Não podemos crer ou fazer crer que o livro possa acabar, de um momento para outro, sendo substituído pela leitura digital ou por qualquer outra coisa que o valha.

E a lógica que usamos é a seguinte: os jornais não venceram os livros; a televisão não venceu o rádio; a internet não fez o telespectador abandonar o rádio, a televisão, ou o livro. Então, ainda que possamos acreditar que o futuro possa ser absolutamente digital, dificilmente a leitura digital determinará o final do códice. Assim sendo, podemos advogar benefíci causa (pelo benefício), que os livros e as bibliotecas receberão seu público seletivo para leituras e estudos por muito tempo futuro no futuro. Portanto, prevalecendo os atuais cenários dos livros impressos e digitais, a presença do escritor e da escrita se fazem por necessários.

Darnton informa (e compartilhamos a informação) que em algum momento, por volta de 4000 a.C., os humanos aprenderam a escrever. Os hieróglifos egípcios datam de aproximadamente 3200 a.C. e a escrita alfabética surgiu mais ou menos 1000 a. C. Segundo pesquisadores como Jack Goody, a invenção da escrita foi o avanço tecnológico mais importante da história da humanidade. Ela transformou a relação do ser humano com o passado e abriu caminho para o surgimento do livro como força histórica. A história do livro levou a uma segunda mudança tecnológica quando o códice (livro) substituiu o pergaminho, logo após o início da era cristã. O códice por sua vez, foi transformado pela invenção da impressão com os tipos móveis, na década de 1450. Sim, os chineses desenvolveram tipos móveis por volta de 1045 e os coreanos utilizavam caracteres metálicos em vez de blocos de madeira por volta de 1230. A comunicação eletrônica, a quarta grande mudança, aconteceu ontem – ou anteontem – dependendo dos seus parâmetros. A internet, pelo menos como termo, data de 1974, desenvolvida a partir da ARPANET, surgida em 1969.

Continua na próxima edição...



opinião

DILEMA CONSTANTE – ABORTO

Genserico Barbo de Siqueira | Cadeira nº 23 – Contribuição*

Entre os crimes previstos no Código Penal, nenhum gera tanta polêmica quanto o aborto. Quando o professor queria prender a atenção da sala na faculdade de Direito, bastava colocar o tema em discussão. Em campanhas eleitorais, o aborto é recorrente. Candidatos precisam ter resposta preparada. Que nunca agradará a todos.

Desde os primórdios, a humanidade se debate sobre a interrupção da gravidez. Na Grécia Antiga, o aborto era permitido em caso de malformação fetal ou quando a vida da mãe estava em perigo. Aristóteles defendia que deveria ser proibido, considerando-o um ato imoral. Na Roma Antiga, o Código de Direito Romano criminalizava o aborto, exceto em casos de perigo de vida para a mãe. A pena variava de acordo com o estágio da gestação. Com a influência do cristianismo, o aborto se tornou amplamente proibido na Europa. Para a Igreja, é uma violação ao mandamento "não matarás", pois o feto é pessoa humana desde a concepção.

Estima-se que 77 países permitem o aborto por mera vontade da gestante (alguns exigem a autorização do

pai). Entre eles, China, Rússia, Alemanha, Portugal, Itália, África do Sul e Austrália. Em cerca de 124 países, porém, o aborto é crime. Uns proíbem em qualquer caso (cerca de 22 nações), outros permitem apenas quando a gravidez decorre de estupro, quando há risco de vida para a mulher, ou quando o feto não tem viabilidade. É o caso do Brasil.

Na semana passada, a França incluiu o direito ao aborto na constituição, o único país a fazer isso. Na promulgação da lei houve euforia, manifestações e até choro, mostrando como a questão, muitas vezes, não é apenas racional. Nos EUA, a Suprema Corte retirou a permissão geral ao aborto que vigorava desde 1973. Agora cabe a cada estado americano decidir. Uns proíbem, outros permitem.

No Brasil, processos por aborto não são comuns. Em trinta anos de Ministério Público vi poucos casos chegarem a julgamento. Nunca participei de um júri por aborto, embora tenha atuado por 14 anos na área. Mas peguei casos de autorização de aborto por malformação fetal. Defensores e opositores do aborto costumam

Na promulgação da lei houve euforia, manifestações e até choro, mostrando como a questão, muitas vezes, não é apenas racional

ser intransigentes. Não há meio-termo. Quem é a favor, prega a autonomia da mulher sobre o próprio corpo, a defesa da sua vida e saúde, e a não ingerência do Estado no tema (embora defendam que o aborto deva ser oferecido pelo Estado). Quem é contra, apresenta fundamentos éticos e religiosos, pois a vida começaria desde a concepção e a interrupção da gestação equivaleria a tirar uma vida humana. Também apontam a possibilidade de adoção como alternativa ao aborto, e que a interrupção pode trazer à mulher sentimento de culpa, arrependimento e traumas psicológicos.

Difícilmente haverá consenso. A questão não é apenas criminal. Envolve crença, visão de mundo, diferenças de realidade, autoconhecimento, mas, principalmente, valores em relação a si e ao outro. Cada um tem os seus. Inclusive a opinião sobre o que o Estado pode fazer a respeito.

**Extraído do Jornal Diário da Razão, Painel de Ideias, por Sérgio Clementino.*



conto

UMA MAÇONARIA CORAJOSA

José Ricardo Roquette | Colaborador

A MORTE DO ELIAS TURCO
O dia 15 de novembro, dia de eleição, amanheceu embruscado, com jeito de chuva mas com um clima ameno confrontando com o tradicional calor da Mateira. Levantei cedo, passei na casa de minha mãe para pedir a "benção" e fui até a Prefeitura, pouco adiante, para tomar assento sobre o meu papel naquela manhã da eleição que me elegeria vereador na cidade.

Encontrei o meu amigo Ennio e o também meu amigo e prefeito, Elias Turco, presidente do MDB e Venerável da Loja Maçônica "União de Paranaiguara". No meu carro, descemos para o centro da cidade e deixei o Elias no Ginásio "Belmiro Soares", onde já se formavam extensas filas de eleitores.

Assim que deixei o Elias, antes mesmo de estacionar o carro, um eleitor me pediu o endereço de sua seção eleitoral e, com ele e o Ennio, fomos até o comitê do MDB conferir o local. Antes mesmo de atender o pedido do cidadão, chega esbaforido no comitê um companheiro que (acho que era o Juarez), apeando da caminhonete que o trazia, gritou: – Mataram o Elias Turco, mataram o Elias Turco! O Divino Macedo matou o Elias Turco" – repetia incontrolável o portador da notícia.

Para lá, corremos, Ennio e eu, cruzando no caminho com o Jipe do Ney Jacob, que conduzia preso o assassino, Valdivino Macedo, o Divino Macedo! No local, encontramos a cena trágica e triste: no centro de uma roda formada por quase todos os que se encontravam na seção eleitoral, eleitores ou simples curiosos, estava o corpo do prefeito Elias Miguel Salomão, o Elias Turco, ainda com resquícios de vida.

Quando chegamos, alguns dos espectadores se aproximaram, contando,

aos gritos, e em vozes intercaladas de soluços, que o Divino estava numa fila de eleitores, e o Elias chegou, perguntando: "O que você tá fazendo aí, arenista? Você não sabe que pode incomodar os eleitores, principalmente os que estão nas filas de votação? Sai daí, cara, se manda, senão vou te tirar daí na marra!".

Divino, acuado pelo Elias, usou o recurso costumeiro naquelas bandas e sacando da arma, respondeu dando dois tiros no Elias, um no peito, na altura do coração e outro na virilha. Ambos, mortais. Rapidamente colocamos o corpo no meu carro, e partimos para São Simão, onde tinha um hospital.

Entretanto, antes de pegarmos a estrada, o Ennio lembrou que o Dr. Agnaldo, o único médico do hospital, não estava lá, tendo ido votar em Uberaba. Com o Elias ainda respirando com dificuldade, tomamos o rumo de Quirinópolis, onde tínhamos certeza de encontrar socorro. Eu dirigindo, o Ennio e o Sinésio no banco traseiro, com o Elias no colo.

Ao atravessarmos o Córrego do Jacaré, o Ennio avisou que, aparentemente, o Elias tinha dado o seu último suspiro. Mesmo assim, tocamos para Quirinópolis onde paramos na porta do Hospital do Dr. Cassiano Borges Neto, e ele, logo, logo, chegou na porta e com o corpo do Elias ainda dentro do carro, examinou-o, dando o diagnóstico de que ele já estava morto. Resolvemos voltar para a Mateira e, com pouco mais de dez quilômetros percorridos, encontramos uma caravana que vinha ao nosso encontro, comandada pelo José Avelino.

Paramos, informamos do que havia se passado e que o Elias já estava morto e ouvimos as ponderações de José Avelino de que levar o corpo para a Mateira era temerário, visto que um clima de revolta

parecia que ia tomar conta dos partidários do prefeito morto.

Decidimos, então, voltar com o corpo para Quirinópolis, onde foi depositado no salão da Loja Maçônica "Estrela Universal" e, à tarde, foi levado para Ituiutaba, onde foi velado e sepultado. Voltamos para a Mateira, onde o clima era mais de consternação e tristeza do que de revolta, traduzindo o sentimento do povo e a constatação de que as coisas da política teriam que ser tratadas de outra forma, dali em diante.

O Divino Macedo estava preso no Fórum, sob as ordens do Dr. Domingos Gomes de Almeida, o juiz nomeado para conduzir as eleições e a guarda da Polícia Militar, cercado, ainda, de um bom número de admiradores, fazendo as vezes de "jaguços".

Três ou quatro dias depois, foi levado, já com advogado contratado e sob a orientação desse, para Goiânia. Não foi para a prisão, tendo sido internado numa clínica de repouso, pois, alegadamente, estava muito deprimido pelos acontecimentos.

Antes, porém, de ter sido transferido o assassino do Elias, um acontecimento desagradável envolveu o tenente, comandante do Destacamento e as Lojas Maçônicas "Estrela do Sudoeste" e "União de Paranaiguara" que, na terça-feira após o crime, em sessão conjunta no Templo da primeira, discutiam as medidas a tomar para que o Divino Macedo tivesse o julgamento, justo, mas severo e imparcial.

A sessão já ia bem adiantada, quando o cobridor externo avisou que o tenente, com dois soldados estavam na porta do Templo e queriam participar da sessão. Ainda pelo cobridor, foi informado que os militares não eram maçons, mas mesmo assim insistiam em entrar.

"Instigado" pelo irmão Mariano, estou voltando a esse "Confrade" com um caso maçônico em que fui personagem. Foi nos idos de 1970, na Mateira (hoje Paranaiguara), simpática cidade do Sudoeste Goiano, às margens do Canal de São Simão, onde passei agradáveis oito anos de minha vida, com mulher e filhos. Nessa Mateira saudosa fui alçado à condição de maçom e Venerável da também sempre lembrada "Estrela do Sudoeste", que à época tinha sede em São Simão e hoje está em Paranaiguara. Vamos lá.

Na condição de Venerável que presidia a sessão, fui lá para contornar a situação. – Tenente, em sessão maçônica só podem participar maçons e, como o senhor ainda não o é, lamentavelmente não posso deixá-lo entrar – disse eu ao militar. – Vocês estão fazendo uma sessão para tratar de vingança contra o Valdivino Macedo que está sob a minha guarda, e eu não posso permitir – retrucou o tenente, já um pouco alterado. – Não estamos fazendo uma sessão para tratar de vingança, tenente.

A Maçonaria não trabalha com tal arma. Estamos tratando do crime, realmente, mas para tomarmos providência para a condenação do criminoso – respondi ao tenente. Depois de uns dez minutos de papo desagradável, com todos os irmãos presentes aglomerados na sala de espera da Loja, conseguimos convencer o tenente de que ele não iria participar na sessão e que nós não pretendíamos sair dali e matar o Valdivino Macedo.

Contratamos o Dr. Cláudio das Neves, um dos mais importantes criminalistas do Brasil Central, lembro bem, por conta da Loja, para dar assistência na acusação. O Divino Macedo foi para Goiânia e aguardou o julgamento numa clínica de repouso.

Quando julgado, foi condenado a 19 anos de prisão, salvo engano. Cumpriu pouco mais de dois anos, com as reduções legais pelos bons antecedentes e pelo bom procedimento, etc., na clínica de repouso e libertado, viveu o seu fim de vida em paz. O clima na Mateira após a morte do Elias Turco, mesmo com a ausência do Divino, que cumpria pena em Goiânia, permaneceu tenso durante alguns dias, aliviando-se na medida em que conseguimos, arenistas e emedebistas, controlar os exaltados e os magoados.



E-books disponíveis no portal da AGML. Acesse pelo link: https://agml.com.br ou pelo aplicativo do QR Code

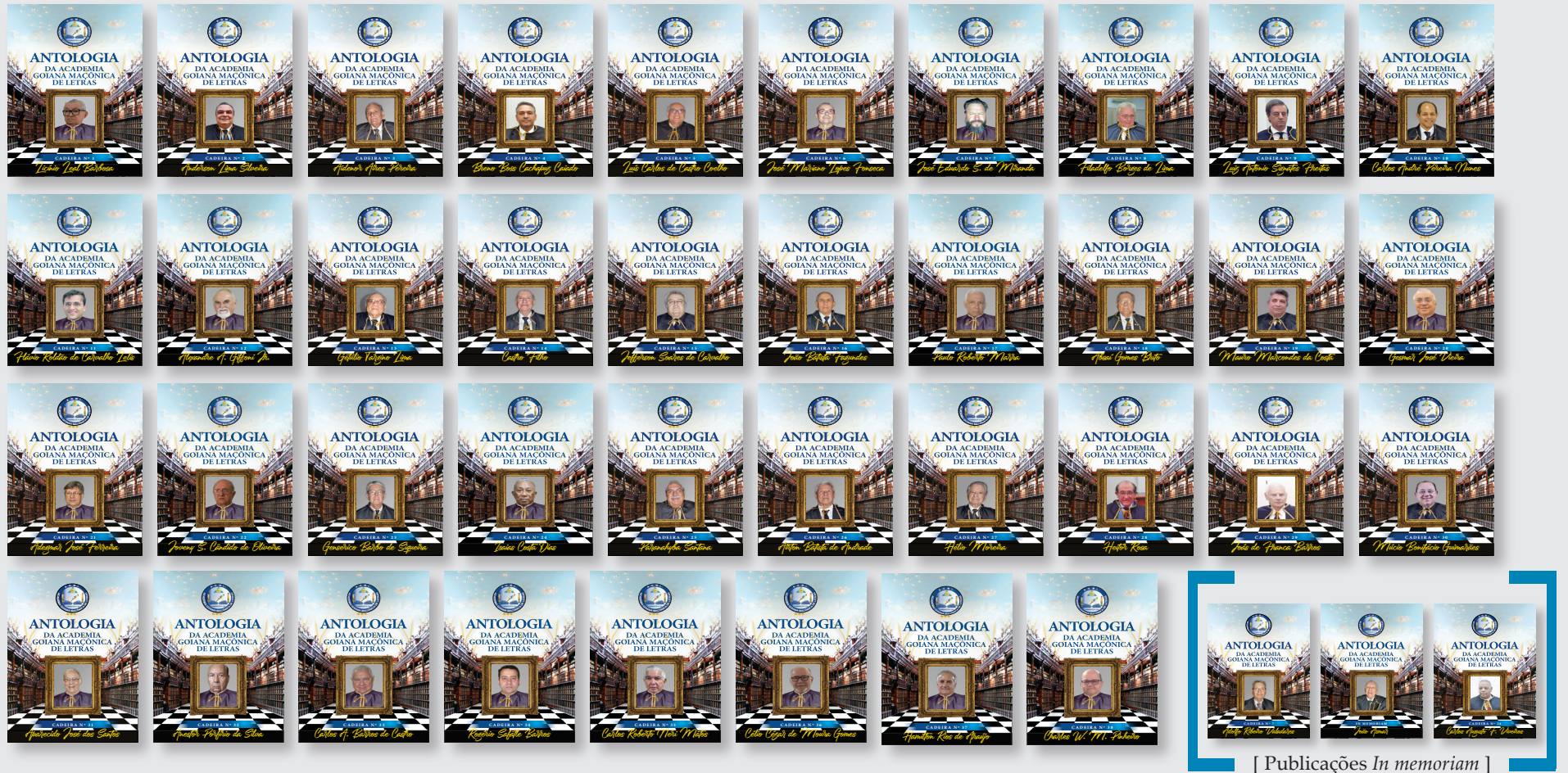


Jornal – O Confrade

Antologia Escritores

Antologia Confrades

Antologia dos Confrades escritores da AGML



crônica

ALMA ESOTÉRICA

Anderson Lima da Silveira | Cadeira nº 02

A relação da alma humana com o mundo do esoterismo sempre esteve permeada de muitas das perguntas, dúvidas, suspeitas e, é claro, muito mistério. Praticamente tudo aquilo que nos remete hoje ao território do oculto está assentado nas tradições veladas das escolas egípcias, gregas, persas, africanas, caldeias, nórdicas, chinesas, indígenas, indianas, etc. Não é por acaso que as culturas mais antigas tenham tomado a dianteira nesta lavoura do manuseio do insólito. Pois foram as primeiras, mesmo sem um conhecimento formal e reconhecido a buscar uma interpretação da realidade que desse sentido ao homem e ao mundo. A compreensão da vida enquanto um processo cosmogônico gerou, por conseguinte, uma cosmovisão da existência tanto no plano do visível quanto do invisível. Deixando claro, para alguns, que tanto uma suposta ordem quanto um suposto caos sobrevivem no interior das coisas, determinando conteúdos, formas e ritmos para além da percepção dos nossos sentidos, bem como dos hábitos e costumes sociais, como também verdades religiosas, ou seja, não encontramos alimento e consolo no senso comum. Portanto, escolas e tradições esotéricas foram amalgamando espaços espirituais e sociais à margem dos lugares já instituídos.

“A sabedoria é a meta da alma humana; mas a pessoa à medida em que seus conhecimentos avançam, vê o horizonte do desconhecido cada vez mais longe”. Heráclito de Éfeso, 540 a. C. – 470 a. C.

Assim, desde o surgimento da escrita formal, de cinco mil anos para cá, aproximadamente, constituiu-se um vasto e diversificado celeiro de pérolas esotéricas ao longo de nossa história. Todo esse acervo é mantido oculto, velado e disfarçado. No intuito de proteger-se e preservar-se. Dando sequência a esse simples raciocínio, poderíamos nos perguntar, cedendo aos apelos práticos do nosso imediatismo: as práticas esotéricas trouxeram benefícios à humanidade? Respondemos de pronto, sem titubear, que sim em praticamente todas as áreas do saber humano. Alertando, no entanto, para alguns prejuízos, quanto ao dogmatismo e à soberba que se impuseram à humildade e à prudência de algumas escolas e buscadores.

Muito nos alegraria darmos continuidade, com mais profundidade à essa singela reflexão, mas não é esse o objetivo dessa breve crônica e também talvez não seja esse o lugar adequado. Porém, apenas para caminharmos para o final deste bate papo, poderíamos nos perguntar sobre a relevância do esoterismo hoje? Onde, por exemplo, para além das instituições que o cultivam, podemos percebê-lo? Deixando propositalmente e respeitosamente de lado alguns aspectos importantes que esse tema representa na contemporaneidade, destacamos efusivamente a sétima arte, o cinema.

As grandes bilheterias nos remetem, quase todas elas, a enredos que trazem o diálogo entre mundos e planos que coabitam e se interpenetram para o bem

“O supremo passo da razão está em reconhecer que há infinitas coisas que a ultrapassam.”
(BLAISE PASCAL, 1623-1662)

e o mal, muito além da nossa imaginação. Cenários que desafiam a nossa pobre realidade física, linguagens, mitos, símbolos e alegorias que desconstruem os postulados físicos da nossa desbotada razão instrumental e tantos outros elementos e fatores que nos desafiam o lugar comum. Tudo isso nos chama atenção para uma resposta coletiva que tem sede de uma vivência de outros contextos existenciais, outros horizontes, outras versões da realidade. Alguns poderiam dizer que é apenas um movimento de fuga dos martírios cotidianos que a humanidade atravessa, mas, mesmo que pouco, sabemos que respostas coletivas em nível global significam uma mudança de padrão e frequência vibratória. São sinais importantes para o nosso tempo, dentre outros, que valem a pena prestarmos atenção.

A capacidade humana de mudar e se adaptar é o que nos mantém vivos, toda a natureza caminha assim, e nós fazemos parte dela. O conhecimento esotérico não é diferente, também ele reivindica atualizações, no tempo certo e no respeito ao vir a ser, condição maior da essência cósmica.

“Se o mundo é um poema, não é porque entendemos o seu significado desde o princípio, mas sim pela força de seus acasos e paradoxos.” Merleau Ponty, 1908-1965.

Texto produzido a quatro mãos com Lara Satler.

AGML ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS

HOME AGML DOCUMENTOS PUBLICAÇÕES NOTÍCIAS MÍDIAS CONTATO

PÓS-GRADUAÇÃO
Maçonologia: História e Filosofia A DISTÂNCIA

Agora, a Academia Goiana Maçônica de Letras (AGML) é uma empresa parceira da Uninter.

Aproveite para ampliar seus estudos sobre a sociedade maçônica e tornar-se especialista no assunto.

Saiba mais

Parceria

UNINTER

FAÇA AQUI SUA PÓS-GRADUAÇÃO

Apenas 18x de **R\$110,00¹**

Escolha a opção Polo Brasília (Shopping Venâncio) na ficha de inscrição.



registro ABIN



confraria celestial



Mas – o que é um pormenor de ausência.
Faz diferença? “Choras os que não devias chorar.
O homem desperto nem pelos mortos nem pelos vivos se enluta” – KRISHNA instrui Arjuna, no Bhágavad Gita.
A gente morre é para provar que viveu. Só o epitáfio é fórmula lapidar. [...] Alegremo-nos, suspensas ingentes lâmpadas. E: “Sobe a luz sobre o justo e dá-se ao teso coração alegria!” – desfere então o salmo. As pessoas não morrem, ficam encantadas. [GUIMARÃES ROSA]



GRANDE ORIENTE DO BRASIL-GOIAS

Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás

GRANDE ORIENTE DE GOIÁS - GOG
INTEGRANTE DA CONFEDERAÇÃO MAÇÔNICA DO BRASIL - COMAB



MEMBROS DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
01	Lícínio Leal Barbosa	
02	Anderson Lima Silveira	andersonlimasilveira3@gmail.com
03	Aidenor Aires Pereira	aidenoraire@hotmail.com
04	Breno Boss Cachapuz Caiado	brenocaiado@hotmail.com
05	Luís Carlos de Castro Coelho	luiscoelho.adv20@gmail.com
06	José Mariano Lopes Fonseca	josemarianolopesfonseca@hotmail.com
07	José Eduardo Souza de Miranda	jemiranda@mirandacorrealima.com
08	Filadelfo Borges de Lima	filadelfoborgesdelima@gmail.com
09	Luiz Antônio Signates Freitas	signates@gmail.com
10	Carlos André Pereira Nunes	carlosoandre@carlosoandre.com.br

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
11	Flávio Roldão de Carvalho Lelis	flavio.roldao@fg.edu.br
12	Alexandre Avelino Giffoni Júnior	agiffoni@outlook.com
13	Getúlio Targino Lima	gtargino@hotmail.com
14	S ebastião de Oliveira Castro Filho	castrofilho.o@gmail.com
15	Jefferson Soares de Carvalho	jcarv57@yahoo.com.br
16	João Batista Fagundes	fagundesadv@hotmail.com
17	Paulo Roberto Marra	marra.paulo@gmail.com
18	Absai Gomes Brito	brito.absai@gmail.com
19	Mauro Marcondes da Costa	mauromarcondes.costa@gmail.com
20	Gesmar José Vieira	gesmarjv@uol.com.br
21	Adegmar José Ferreira	degmarjferreira@uol.com.br
22	Joveny Sebastião Cândido de Oliveira	jaqueline5oficio@gmail.com
23	Genseric Barbo de Siqueira	irt.d.anapolis@gmail.com
24	Isaias Costa Dias	isaiascdm@hotmail.com
25	Paranahyba Santana	paranasan@gmail.com

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
26	Aírtton Batista de Andrade	airtonbandrade@gmail.com
27	Hélio Moreira	drhmoreira@gmail.com
28	Heitor Rosa	heitorrosas@gmail.com
29	Joás de Franca Barros	quintinobocaiuva@hotmail.com
30	Mucio Bonifácio Guimaraes	
31	Aparecido José dos Santos	ajsaparecido09@hotmail.com
32	Anestor Porfírio da Silva	silvaanestor001@gmail.com
33	Carlos Alberto Barros de Castro	barros@polipar.com.br
34	Rogério Safatle Barros	rogeriosafatle@gmail.com
35	Carlos Roberto Neri Matos	carlosmerim@gmail.com
36	Célio César de Moura Gomes	celio2004mg@hotmail.com
37	Hamilton Rios de Araújo	relacosinteriores@leg.com.br
38	Charles Wellington de Matos Pinheiro	charleswellingtonpinheiro@yahoo.com.br